U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

MESTRADO DE MUSEOLOGIA

Maletas pedagógicas
Atividades desenvolvidas e criação de dispositivos interpretativos.

Ana Rita Pimenta Carneiro

M

2020

Ana Rita Pimenta Carneiro

Maletas Pedagógicas
Atividades desenvolvidas e criação de dispositivos interpretativos

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em Museologia orientada pela Professora Doutora Alice Semedo e coorientada pela Dra. Ivone Pereira.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ana Rita Pimenta Carneiro

Maletas pedagógicas
Atividades desenvolvidas e criação de dispositivos interpretativos

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em Museologia orientada pela Professora Doutora Alice Semedo e coorientada pela Doutora Ivone Pereira.

Membros do Júri

Professor Doutor

Faculdade - Universidade

Professor Doutor

Faculdade - Universidade

Professor Doutor

Faculdade - Universidade

Classificação obtida: Valores

Sumário

Declaração de honra……7
Agradecimentos……8
Resumo……9
Abstract……10
Índice de Figuras……11
Índice de Tabelas……12
Introdução……13

1. Pensar e trabalhar na prática: O projeto de estágio……16
1.1. Instituição de acolhimento……17
1.2. Fundamentação teórica: problemática e conceitos……20
1.3. A maleta pedagógica como objeto mediador……26
1.4. A maleta "Aventureiros da Vila Geológica"……40
1.5.Objetivos gerais e específicos da maleta……45
1.6. Públicos……47
1.7. Da conceptualização à produção da maleta……50
1.8. A utilização da maleta……57
1.8.1. Guião "Geologia daqui além"……59
1.8.2. Guião" Maleta Geociência"……63
1.9 . Elementos de avaliação da Maleta……65

2. Pensar e trabalhar na prática: outras atividades desenvolvidas no âmbito do Estágio Curricular……66

Considerações Finais……77
Referências Bibliográficas……86
Anexos……88
Anexo A. Plantas do Centro de Memória de Vila do Conde……89

Anexo B. Pedido ao aprovisionamento……... 95
Anexo C . Informação de pedido de compra …… 96
Apêndices……101
Apêndice A. Amostra de rochas e minerais - Coleção do colégio de S.José……...102
Apêndice B. Proposta da maleta régio, documentos e guião……. 118
Apêndice C. Mapas e Cromos “Aventureiros da vila geológica”…….. 134
Apêndice D. Relatórios Semanais…….. 137
Apêndice E. Instagram Histórias…….. 144
Apêndice F. Reflexão Covid-19 ……151

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto,2020

Ana Rita Pimenta Carneiro

Agradecimentos

Primeiro agradeço à Professora Doutora Alice Semedo por ter aceite, apoiado e incentivado a minha proposta de estágio. Assim como à Professora Doutora Paula Menino Homem, Diretora do Mestrado em Museologia, que esteve sempre disponível para ajudar e mostrou grande dedicação a todos os alunos ao longo do mestrado.

Ao Museu de Vila do Conde fico muito grata pela disponibilidade e interesse em participar e me acolher ao longo do estágio. Em particular à Dra. Ivone Pereira, Coordenadora do Museu de Vila do Conde, que com humor e boa disposição foi uma excelente coorientadora. Assim como a todos os colegas do departamento museus do centro de memória pela paciência e disponibilidade para comigo.

Ao professor Pedro Monteiro, um geólogo sempre disponível com uma alma jovem sempre pronto para aprender e dar a conhecer.

Emocionalmente louvo os meus pais que apoiaram todo o meu percurso académico com grande envolvimento e paixão pelos meus objetivos. Também todos os meus amigos mais próximos e colegas de mestrado pelas noites sem dormir a ouvir os meus desabafos e por me incentivarem a nunca desistir.

Resumo

O seguinte relatório de estágio foi elaborado a partir das atividades desenvolvidas em estágio no Museu de Vila do Conde. O tema principal do mesmo são as maletas pedagógicas e a educação sensorial. O objetivo foi desenvolver um método para criar maletas pedagógicas, ajustável não só aos diferentes tipos de público do núcleo museológico em questão, mas que também pudesse ser aplicado noutras instituições culturais. Como tal, a abordagem metodológica foi inspirada nos métodos de design thinking e brainstorming.

Palavras-chave: maletas pedagógicas, serviços educativos, museu, museologia, património.

Abstract

The following internship report was is on the activities developed during the internships programe developed at the Museum de Vila do Conde. The main theme was education kits and sensory education. The goal was to develop a method to create, adjustable kits for the museum, but which could also be applied in other cultural institutions. In oder to do that the methodological approach was inspired in brainstorming and design thinking methods.

Key-words: education kits, educational services, museum, museology, heritage.

Índice de Figuras

FIGURA 1 – DEFINIÇÃO DO TERMO "MALETA PEDAGÓGICA" POR CADA AUTOR.....32

FIGURA 2 – PÚBLICOS DAS MALETAS APRESENTADAS.....33

FIGURA 3 – OBJETIVOS DAS MALETAS APRESENTADAS..... 34

FIGURA 4 – VANTAGENS E DESVANTAGENS DAS MALETAS PEDAGÓGICAS.....36

FIGURA5 – QUESTÕES ORIENTADORAS DO ESTÁGIO.....44

FIGURA 6 – BRAINSTORM.....52

FIGURA 7 – EXEMPLO DESENVOLVIDO POR UMA DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE..... 53

FIGURA 8 – RESULTADOS DA ATIVIDADE..... 55

FIGURA 9 – TABELAS PARA A EXPOSIÇÃO JOSÉ RÉGIO-[RE] VISITAÇÕES À TORRE DE MARFIM.....69

FIGURA 10 – MALETA PEDAGÓGICA SOBRE CONSTRUÇÃO NAVAL..... 71

FIGURA 11 – PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO COFRE.....72

FIGURA 12 – PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO COFRE: ETIQUETAS DOS GAVETÕES.....73

Introdução

Desde as suas origens, os museus procuram estabelecer ligações entre os objetos e o seu público. Para que essa ligação seja feita, a adaptação às inovações e às novas realidades, é uma premissa da educação nestes espaços, já que a mesma pretende transformar pensamentos e ideias. Assim, considera-se o museu como um nicho educativo de excelência, com um enorme potencial, quer na atração de novos tipos de públicos, quer como dinamizador de próprias práticas museológicas, na mesma linha defendida por Dudley (2009, pp.5-10). Contudo, e apesar do potencial reconhecido os museus portugueses não são devidamente apoiados, não só em termos financeiros, mas também em termos formativos, o que, por sua vez, gera uma panóplia de problemas. Como, por exemplo, a ausência de serviços educativos ou falta de dinamismo dos mesmos. Antevendo-se que este cenário negativo não mudará em breve, cabe aos profissionais criar soluções realistas, de fácil implementação, que possam levar a uma melhoria e modernização destes.

A criação e implementação de uma maleta pedagógica no núcleo central do Museu de Vila do Conde foi o objetivo principal do estágio curricular do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cujos procedimentos, dúvidas e resultados são expostos ao longo do presente relatório de estágio. A instituição foi selecionada tendo em conta outros trabalhos desenvolvidos no contexto de aula e algumas discussões no decurso de conversas tidas com a com a coorientadora sobre o tema. A maleta pedagógica criada neste contexto específico é composta por uma coleção de rochas, minerais e fósseis provenientes do Colégio São José, em Vila do Conde, atualmente extinto. A referida coleção faz parte integrante do acervo do Museu de Vila do Conde, desde o ano de 2000.

Aquando do início do meu estágio, a coleção não estava estudada, encontrando-se acondicionada, em espuma de polietileno de baixa densidade, armazenada num dos armários existentes na reserva 1. Assim, além de "trazer à vida" uma nova coleção, o presente projeto pretende também expor um modelo de criação de maletas

pedagógicas, descrevendo-o passo a passo, bem como incluindo a utilização da metodologia de Design Thinking, o que permitirá a sua duplicação noutros espaços museológicos e com outras coleções.

É defendido ao longo do relatório, que as maletas pedagógicas permitem melhorar os serviços educativos dos museus e gerar mudanças positivas neste setor, que vão ao encontro dos preceitos da "Nova Museologia", tal como enunciados nos trabalhos de, por exemplo, Falk e Dierking (2000) e Talboys (2005), entre outros autores. A modernização dos serviços educativos e a sua atenção a novas formas de aprender e interagir com os objetos museológicos potenciam mudanças positivas nas relações entre museu e públicos.

Tratando-se de um relatório de estágio, o presente documento também pretende ser um texto reflexivo sobre as ações e aprendizagens decorrentes do estágio curricular. As dificuldades, as perceções, as tarefas realizadas em diferentes contextos, o trabalho em equipa, as soluções encontradas são descritos ao longo deste relatório, formando, assim, um retrato pessoal e verídico da realidade museológica portuguesa na atualidade.

Inseridos no contexto da pesquisa teórica desenvolvida para este relatório, os resultados de pesquisas nacionais foram escassos no que diz respeito a exemplos de maletas pedagógicas aplicadas em museus portugueses. Tal pode dever-se ao facto de existirem poucos profissionais a partilhar as suas experiências de trabalho em publicações científicas sobre o tema. Esta realidade levou a que muitas das referências bibliográficas deste relatório procedam de fontes estrangeiras, o que por si só não lhes retira valor. No entanto, a utilização de mais fontes nacionais ajudaria a "pintar" uma imagem mais clara e adequada da realidade da Museologia em Portugal, para que o presente projeto colhesse mais recomendações de boas práticas contextualizadas.

Outra das limitações prende-se com a interrupção dos trabalhos de estágio. Com a declaração do Estado de Emergência a 18 de março de 2020, devido à pandemia de Covid-19, não foi possível realizar a experimentação da maleta "Aventureiros da Vila Geológica" nem recolher o *feedback* do público e dos intervenientes. Ou seja, uma parte substancial do presente relatório, que retrataria os resultados obtidos e a análise do

feedback, não foi passível de ser executada. Apesar disso, foram cumpridas as 400 horas de estágio curricular, e existe uma possibilidade real do Museu retomar os trabalhos e de a maleta ser concluída e experimentada no terreno.

De qualquer forma, a maleta será concluída e constituirá uma mais-valia para o Museu de Memória de Vila do Conde. Simultaneamente, o presente relatório contempla um guia passo a passo, para a construção de maletas pedagógicas. É possível que o presente relatório possa ser utilizado como template para novos projetos, aplicáveis em diferentes museus e com diferentes coleções, permitindo uma intervenção educativa eficaz e permanente. Também as reflexões nele constantes e o enquadramento teórico realizado reforçam o impacto pedagógico do tipo de ferramentas didáticas sugerido.

Tal como apresentado no Sumário, o Relatório está dividido em 2 pontos principais. O ponto 1, pensar e trabalhar na prática: o projeto de estágio, é mencionada a instituição de acolhimento, uma fundamentação teórica: problemática e conceitos a posição da maleta pedagógica como objeto mediador, a maleta, os objetivos gerais e específicos da mesma, o tipo de públicos, o processo da conceptualização à produção da maleta, a utilização da maleta, os elementos de avaliação da maleta e por fim desenvolvimentos futuros da maleta. No ponto 2, denominado pensar e trabalhar na prática, descrevem-se atividades e tarefas desenvolvidas no âmbito do Estágio Curricular, com uma pequena reflexão de cada uma. A conclusão integra um último momento de reflexão. Numa abordagem crítico-reflexiva que apresenta os pensamentos e ideias gerados pela experiência do estágio curricular como um todo, tendo em conta as especificidades do contexto histórico-cultural atual.

1. Pensar e trabalhar na prática: o projeto de estágio

1.1. Instituição de acolhimento

O estágio curricular que culmina no relatório agora apresentado foi realizado no núcleo central do Museu de Vila do Conde, sedeado no Centro de Memória de Vila do Conde, localizado no Largo de São Sebastião 4480-706, em Vila do Conde. A poucos metros de alguns dos espaços culturais mais emblemáticos da cidade, como o Mosteiro de Santa Clara e o seu respetivo aqueduto. O Centro de Memória foi concebido para funcionar no belíssimo edificio da Casa de São Sebastião, que remonta ao século XVII. Após obras de restauro levadas a cabo pela Câmara Municipal de Vila do Conde, o edifício passou a albergar um edifício de 5 pisos[1] e uma área ajardinada de sete mil metros quadrados. No Website da Câmara Municipal pode-se ler que a reabilitação do imóvel em causa recebeu o prémio IRHU e o Prémio Nacional de Arquitetura Alexandre Herculano, além de ter sido nomeado para o prémio SECIL.

O Centro de Memória alberga o Arquivo Municipal de Vila do Conde, o Gabinete de arqueologia, o núcleo central do Museu de Vila do Conde e a Galeria Julio/Centro de estudos Julio/Saúl Dias. Apesar dos referidos serviços disporem de espaços próprios existe todo um conjunto de áreas espaciais que são partilhadas.Salas de reuniões, gabinetes, cafetaria, copa, sala de desinfestação, sala de higienização, etc... Sob a responsabilidade do Museu de Vila do Conde está a exposição permanente " Vila do Conde, Tempo e Território", 3 reservas, 1 laboratório de conservação preventiva, 1 caixa forte, 2 espaços de armazenamento de materiais de apoio às exposições, e 1 gabinete de museografia. No piso -1 localiza-se a reserva, compartimentada em 3 salas principais, separadas por portas corta-fogo e mobiladas com amplos móveis de metal onde se acondicionam as coleções.Dispõe também de uma ampla receção, salas de reuniões, escritórios, cafetaria, duas salas de serviços educativos, entre outros espaços. Resumidamente, trata-se de um espaço cultural moderno que mantém visíveis as suas linhas históricas, concebido para albergar um museu e toda a sua dinâmica.

[1] Plantas do edifício no anexo 1-5

O espaço museológico A exposição "Vila do Conde, Tempo e Território" foi concebida como um espaço de como um espaço de diálogo, sensações e emoções, pretende levar o público a refletir sobre a História e as condições socioculturais do concelho ao longo do tempo. O discurso narrativo adotado está alicerçado em conceitos teóricos, estéticos e em tecnologias direcionadas para a pedagogia e a divulgação. A exposição é um local de conhecimento e de identificação com o território, assumindo-se como um grande palco para a participação social, marcado pela identidade Vilacondense. Nas suas 19 salas, apresenta-se o concelho desde as suas origens pré-históricas até ao início do século XX. É neste espaço que se realiza uma abordagem pedagógica ao território e se expõem alguns dos objetos mais apelativos do espólio municipal, concebido atendendo às necessidades principalmente da comunidade escolar.

A Galeria Julio e o Centro de Estudos Julio/Saúl Dias, instalados no primeiro andar do Centro de Memória, ocupam 4 salas de exposição, ciclicamente renovadas, assim como, Biblioteca e Sala de Leitura, resultado das atividades de conservação, estudo e investigação que norteiam esta Instituição na sua missão de reflexão e divulgação em torno da obra de Julio/Saúl Dias e dos movimentos de vanguarda da arte do século XX. Júlio Maria dos Reis Pereira era irmão de José Régio, escritores escritore, pintore, ilustrador, visionário, filantropo. Segundo Leão (2005), Júlio e José Régio tinham uma forma singular de escrever, numa trajetória oscilante entre tópicos religiosos, como a criação, e manifestos, dúvidas, reflexões sobre a condição humana e as suas limitações. Em comunicação pessoal, o Dr. Rui Maia, curador da exposição *José Régio – (Re)visitações à Torre De Marfim*, afirma que a Galeria Júlio tem um extraordinário potencial divulgativo, sendo um espaço onde a arte se interliga com a escrita, destacando o foco na educação como sendo primordial.

As atividades desenvolvidas no Museu abordam temáticas da exposição permanente. Os temas mais frequentemente utilizados, relacionados com a cultura Vilacondense, são o mar e a construção naval, a renda de bilros, os estudos Regianos, os procedimentos alfandegários, a arqueología, entre outros. Segundo o relatório trimestral de atividades do museu, o Centro de Memória realiza exposições, trabalhos

de investigação para realização de futuras exposições, trabalhos de gestão de coleções e serviços educativos (Serrão, 2019, pp. 1-10).

Em relação a exposições, o relatório menciona a Exposição *José Régio – [Re]visitações à Torre de Marfim*, exposição temporária, concebida no âmbito da programação da Evocação dos 50 anos da Morte de José Régio.

Quanto aos trabalhos de investigação em curso para realização de futuras exposições, destacam-se o levantamento de arquivos de imagem em movimento da temática naval junto de diferentes instituições nacionais, o apoio na inventariação de espólios particulares, a recolha de conteúdos para remodelar a exposição permanente no Museu das Rendas de Bilros e a exposição permanente da Alfândega Régia-MCN.

No âmbito da gestão de coleções, durante o ano de 2019 integraram-se acervos por doação e depósito de particulares no Museu de Vila do Conde, procedeu-se ao tratamento da coleção proveniente do Museu do Mar e da sua integração em reserva, ao levantamento da bibliografia ativa e passiva, e respetiva informatização de dados, com construção de quadros analíticos, da coleção de periódicos que integram o espólio da Casa de José Régio e outras intervenções na área da prevenção de riscos.

No que diz respeito aos serviços educativos, o museu produziu o espetáculo de teatro musical de rua "Um porto para o Mundo: Vento Norte, Vento Forte"; o "Jogo da Glória do Museu", em tamanho real, integrado no Programa da Festa do Outono no Parque João Paulo II; desenvolveu o projeto "Vila do Conde: Um Porto para o Mundo", que pretende promover, divulgar e preservar as técnicas de construção naval em madeira, tendo no âmbito deste projeto procedido também a visitas técnicas com especialistas aos estaleiros de construção naval e realizado a Feiras das Atividades Náuticas do Dia do Patrono da Escola EB2/3 Frei João. Esta última atividade, integrada no meu estágio curricular, proporcionou aos alunos um contacto direto com as profissões associadas ao processo da construção naval de madeira.

Em suma, as atividades desenvolvidas pelo núcleo central do Museu de Vila do Conde destacam-se pelo dinamismo constante, pela frequência das ações e pela

preocupação em inovar nos conteúdos e nas formas de atuação, promovendo a educação por diversas vias, incluindo a artística.

O Museu de Vila do Conde tem como missão estudar, proteger e divulgar o património de Vila do Conde, colocando-o ao serviço do desenvolvimento cultural, social e económico da comunidade, tal como me foi comunicado pessoalmente pela sua coordenadora, Dra. Ivone Pereira. Por isso, pretende ser uma academia de conhecimento para os Vilacondenses e um centro multidisciplinar promotor do desenvolvimento cultural. Esta ambição justifica, por si só, o interesse demonstrado por esta instituição na aplicação da estratégia educativa das maletas pedagógicas, concretamente de uma maleta educativa que interligue a história da cidade e o ensino da Geologia, com ligação às coleções do Museu.

Desde cedo, a Dra. Ivone Pereira manifestou interesse na integração deste projeto de estágio no Museu de Vila do Conde, para que favorecesse a divulgação e investigação de uma coleção previamente não estudada, bem como para que criasse um serviço educativo mais variado e menos tradicionalista, nas linhas da Nova Museologia.

As maletas pedagógicas apresentam a vantagem de serem adaptáveis e móveis, ou seja, as atividades aí propostas podem ser desenvolvidas em diferentes espaços, o que favorece as necessidades práticas dos serviços educativos do museu. Por outro lado, os responsáveis do museu depararam-se com uma lacuna: o museu ainda não oferecia nenhuma experiência de aprendizagem mais orientada para a experiência sensorial e, especificamente, o tato, o que favoreceu o apoio à iniciativa das maletas pedagógicas.

Em conclusão, o projeto de maleta pedagógica, apresentado no âmbito do estágio curricular enquadra-se perfeitamente na missão do museu, na medida em que permite diversificar e modernizar os seus serviços educativos e divulgar as suas coleções.

1.2. Fundamentação teórica: problemática e conceitos

O seguinte ponto tem como objetivo apresentar uma aproximação conceptual aos tópicos relevantes na área da educação e da museologia, no domínio do estágio curricular realizado. A aproximação conceptual baseia-se em diversas fontes e autores, explorando também conteúdos publicados por museus nacionais e internacionais subordinados ao tema "maletas / kits pedagógicos". A informação recolhida nesta pesquisa, permitiu o enquadramento teórico das atividades desenvolvidas durante o período de estágio, servindo, em simultâneo, de fonte de inspiração para a realização de tarefas.

O Museu é um espaço de educação por excelência, um lugar de que privilegia a aprendizagem com objetos, um lugar onde o tato e o contacto visual têm um papel importantíssimo na construção de conhecimento. Trata-se, portanto, de um espaço para todas as idades onde se pode aprender de forma livre e simples, um universo que alberga património e o utiliza para contar histórias, transmitir mensagens e revelar significados. De acordo com Falk e Dierking (2000), a principal razão que leva o público ao Museu é aprender algo:

> Learning is the reason people go to museums, and learning is the primary "good" that visitors to museums derive from their experience.In large part responding to both of these realities, the museum community currently justifies and boldly promotes itself as a bedrock member of the learning community. (pp. 2-3)

Atualmente, a problemática da educação em espaços museológicos atem-se à criação de serviços educativos que, de forma económica e simples, permitam alcançar uma dinâmica significativa e inovadora, colmatando as deficiências presentes e adotando os preceitos da Nova Museologia. É precisamente nesta área que se enquadra o relatório de estágio que agora se apresenta, no qual se descrevem soluções práticas e pragmáticas, simples e económicas, para melhorar os serviços educativos, partindo das condições atuais pouco favoráveis.

A criação de maletas pedagógicas ou a modernização das já existentes é uma ideia simples, mas com imenso potencial, passível de ser aplicada em diversas instituições e adaptada a cada realidade museológica específica. A partir da descrição do caso prático implementado durante o estágio curricular no núcleo central do museu de Vila do Conde, oferece-se um guia, passo a passo, para a conceção de projetos educativos baseados nesta ferramenta. A maleta das atividades associadas, permitem não só expor a vertente mais prática deste trabalho, mas também salientar a vertente teórica dos métodos de aprendizagem.

Em termos teóricos, não existe uma definição de educação, logo também não encontramos uma definição de educação em espaços museológicos. Esta lacuna concetual criou um debate aceso que se vem prolongando no tempo, sobre o que pode ser considerado educação e que mecanismos pedagógicos podem ser vistos como educativos. Será que devemos adotar uma perspetiva mais filosófica, em que tudo o que se vivencia é uma experiência educativa? Ou devem ser estabelecidos limites mais rígidos, do que pode ou não ser considerado educação? Será que a educação pode acontecer num museu ou espaço patrimonial? Ou a educação em espaços museológicos deve cumprir regras específicas, definidas por uma educação mais comum e tradicionalista? A discussão destas e de outras questões, advém do facto de o tema ser bastante abstrato e dificilmente definível:

> Defining learning is a tricky business. (...) is learning as a concept that even the social scientists that study learning for a living, such as psychologists, anthropologists, and sociologists, have difficulty agreeing on a single definition. Many of these professionals have avoided the dilemma by identifying numerous types of learning. For example, it has been argued that there is one type of learning that occurs when remembering sensory experiences and another type of higher learning that occurs under conditions of instruction such as might occur in a school classroom. (Falk & Dierking, 2000, p. 9)

Assim, educação não tem uma definição simples, sendo antes o processo que resulta de diversas estratégias de aprendizagem. Os autores supracitados defendem que

a noção de educação necessita ter em conta outras, tais como, as de contexto pessoal, contexto sociocultural e contexto físico dos indivíduos, já que a educação é um processo cumulativo de longo prazo, que permite construir significados e descobrir conexões ao longo do tempo. Assim, o "visitante" que entra no Museu já traz consigo conhecimentos sobre diversos tópicos, que variam consoante os seus contextos específicos (pessoal, sociocultural e psicológico), assim como do conhecimento que vai construir.

Acresce também o facto de ainda existir algum conservadorismo na comunidade pedagógica sobre o papel do Museu e da Museologia na educação da comunidade, em especial dos mais jovens, como destacado por Falk e Dierking (2000):

> Yes, people learn in museums, but over the years providing compelling evidence for museum-based learning has proved challenging. As it turns out, this is not because the evidence did not exist but because museum learning researchers and the public alike have had the wrong search image and were using flawed tools. There are many reasons for this, but the primary reason has been the strange and fundamentally erroneous way that learning has been traditionally conceptualized. (p.9)

Esta ideia é também apoiada por Talboys (2005, p. 8) afirmando que não é necessário muita imaginação para entender que os museus podem ser centrais educaivas. Assim como a educação deve ser o foco principal de todos os museus. Portanto, todos devemos ter acesso aos mesmos. Quando este nos é negado, também são negadas experiências educativas muito importantes. O autor ainda explica que os regimes políticos repressivos suprimem, controlam ou destroem o acesso a museus e educação por essa mesma razão. Para Talboys (2005), os museus deveriam ser espaços de educação por excelência, assim como a educação devia ser o principal foco do Museu. Utilizando a comparação com a memória, este autor destaca a importância do museu e da pedagogia museológica.

Também Hein (2006) exalta a importância da educação em espaços museológicos, destacando o seu papel numa educação moderna:

> Another response to the shift toward constructivism is the redefinition of education as "meaningful experience" rather than "defined content outcome." One component of this shift is seen in discussions of the definitions of "learning" and "education." (...) definitions of learning are now broad enough to include enjoyment, satisfaction, and other outcomes from experiences. (p. 348)

Assim, num contexto em que a educação se redefine, em que é importante distinguir aprendizagem de educação, o Museu destaca-se como local que facilita experiências educativas eficazes e aprazíveis.

O mesmo defende Hooper-Greenhill (2007, p. 4), quando classifica os museus como sendo locais de espetáculo e exposição, ambientes que podem ser ricos e extraordinários. O autor compreende que os espaços museologicos podem são difíceis de gerir mas, considera serem fontes de novas ideias e curiosidades. Classifica que a aprendizagem dentro destes espaços como sendo física e envolvida com o corpo, sendo o movimento inevitável, natural e ritmico, que por sua vez influencia o estilo de aprendizagem.

O desenvolvimento de aprendizagens em espaços museológicos implica a construção de experiências "mindful" a partir dos objetos. A adoção de estratégias de ensino inovadoras possibilita um envolvimento físico, intelectual e emocional do indivíduo com os objetos, permitindo ligar diferentes conhecimentos e experiências educativos, sociais e físicos. Pois, existe uma necessidade humana de conectar com os objetos, e sem esta conexão sentimo-nos de alguma forma incompletos, fazendo parte da natureza humana adquirir, construir e "colecionar" objetos. Tal como argumentam Semedo, Fontal & Ibañez (2017):

> Os objetos estão de volta à teoria social contemporânea com uma nova força. Seja na forma de bens de consumo, tecnologias de comunicação, obras de arte ou mesmo de espaços urbanos, um novo

> mundo de materialidades e objetividades surge agora com uma urgência que os transformou em novos lugares de questionamento e de reflexão.Se as visões pós-estruturalistas e construtivistas de caráter mais radical tenderam a liquefazer tudo o que era sólido, agora é precisamente a solidez do que nos rodeia que nos capta a atenção, levando-nos, por exemplo, a atentar no imediatismo sensorial dos objetos com que vivemos, trabalhamos e conversamos, amamos e odiamos. A materialidade volta a ocupar um lugar central no discurso e na prática museológica e patrimonial, reimaginando, a cada passo, o que de facto constitui esta materialidade. (p. 1)

Os autores supracitados afirmam também que várias áreas de estudo, incluindo a museologia e as ciências do património, consideram que um entendimento da capacidade performativa e integrante dos objetos é base para aquilo a que chamamos "sociedade".

Semedo, Fontal & Ibañez (2017, p.2) afirmam que deferentes arbordagens museologicas ajudam a compreender a capacidade perfomativa e integradora dos objetos. Estes ajudam a construir, segundo as autoras, aquilo que chamamos sociedades. As novas abordagens culturais (por exemplo um estudo de coleção) são inportantes projetos interdisciplinares que tentam responder a questões mais amplas sobre arte, cultura, a história ou mesmo o meio ambiente.

O museu guarda nas suas exposições, reservas e arquivos objetos de base social, dotados de sentimentos e elos de conexão emocional, importantíssimos para o ser humano. É neste sentido que Dudley (2009) coloca a questão:

> If museums seek to reduce this distance between person and thing, if displays and interpretations are constructed in such a way as to facilitate a wider or deeper sensory and emotional engagement with an object, rather than simply to enable intellectual comprehension of a set of facts presented by the museum and illustrated or punctuated by the object, might visitors actually be enabled to appreciate more aspects of the object and its story? (p.5)

Assim, a autora propõe reexaminar a ligação dos museus com os seus bens materiais, assimilando conceitos e práticas dos estudos mais recentes sobre cultura material, para reconfigurar as noções de objeto museológico, favorecendo uma maior ligação entre pessoas e objetos.

Dudley (2009,p.7) afirma que dentro dos museus deve-se explorar a ligação entre pessoas e objetos. O Museu necessita de favorecer esta conexão de forma se tornar "completa", material e sensorial. Deve ser feito não só para enriquecer histórias e mensagens do passado, mas também motivos mais radicais. Em especial, o autor foca a necessidade de reconhecer as possíblidades dos objetos e do facínio dos mesmos. Assim o objetivo de Dudley é que os espaços museologicos deixem de olhar para os objetos como incapazes de "falar" além do que está escrito nas legendas dos mesmos.

A abordagem que permite favorecer outras modalidades sensoriais de conhecimento experimental, além da visual, é ainda de aplicação muito limitada, talvez por ser uma metodologia relativamente recente.

1.3. A maleta pedagógica como objeto mediador

Considerando que o Museu é um pólo educativo de excelência, os serviços educativos devem refletir essa importância. Como já mencionado, existe uma necessidade de atualização de abordagens de educação em museus e de implementação de atividades inovadoras e criativas, que criem espaços de educação baseados em metodologias arrojadas e simultaneamente simples, que favoreçam a sua transformação.

Durante o estágio curricular foi criada uma maleta pedagógica centrada numa coleção de rochas, minerais e fósseis, a que se deu o nome de "Aventureiros da Vila Geológica". Estas ideias, aparentemente simples, podem ter resultados extraordinários, como defendem Measures e Bland (2014)

> Sometimes the old ideas are the best; making objects available for handling is a wonderful way of getting visitors to interact with your

> collections and experience them in a different way. Obviously museums need to balance care of the objects with visitor access, but there will almost certainly be items in your collections that can be handled, it is just a matter of finding them. (p.9)

Tendo em conta que as instituições necessitam de estabelecer algum equilíbrio entre a necessidade de preservar os objetos e o interesse na manipulação dos mesmos por parte dos visitantes, é importante identificar objetos, que possam ser manuseados. Se tivermos em conta a importância da criação de conexões reais entre objetos e indivíduos, os objetos ganham vida e as pessoas conhecimento, de uma forma organizada e simplificada que alimentará os espaços de curiosidade da educação em museus.

Com isto, é interessante analisar alguns exemplos de maletas em diversos espaços museológicos. Measures e Bland (2014) apresentam um exemplo do centro de recursos dos museus de Glasgow, que dispõe de uma grande variedade de maletas pedagógicas, utilizadas pela comunidade e por grupos escolares:

> Boxes are filled with a range of objects on a particular theme; the theme can be anything you think will interest people. Glasgow Museums Resource Centre advise that local social history is often very popular particularly with the older generations. Access each object so the ones you choose are not too valuable or fragile. Including a small amount of information is good but leaving lots of questions unanswered allows for conversation. (p.9)

A liberdade da escolha de temas por parte dos conservadores e o facto de se tratar de maletas comunitárias, isto é, que podem também ser utilizadas fora dos museus, são características interessantes deste projeto.

No *website* da associação australiana *Museums Victoria*, é possível encontrar informação sobre diferentes *kits* pedagógicos, que podem ser fornecidos às escolas para que, durante um período de uma a três semanas, os professores promovam a interação

dos alu nos com os objetos contidos nas maletas. Dedicadas a diferentes temáticas, destaca-se aqui a maleta denominada *Drawing on nature*:

> It provides participants with a range of art materials and natural science specimens to explore art techniques used by professional and amateur scientists alike. (...) Participants can investigate specimens for extended periods of time, an experience not usually available to people outside the museum. (...) Includes objects and materials to enable teachers to conduct art programs with any age group.

Para cada um dos dez kits atualmente disponíveis, o website da *Museums Victoria* faz uma breve apresentação, determina o público a que se destina, o custo de utilização, a duração prevista das atividades propostas e os procedimentos para pedir, receber e devolver a maleta.

As maletas pedagógicas também podem servir para preparar visitas, como se implementou no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra. De acordo com Rubio (2000), a maleta pedagógica inclui um conjunto de materiais de empréstimo, que podem ser utilizados por educadores de infância e professores na preparação da visita ao museu.

> Este material didáctico propone un programa de visita constituido por cinco sesiones, creadas para que la visita no sea una actividad aislada sino una actividad integrada en un proceso educativo completo, adecuado al nivel madurativo y modo de aprendizaje de los niños de tres a seis años. Las fichas dc orientación, las imágenes dc obras del Musco y dc la Historia del Arte, las plantas del Museo, la tabla con muestras de materiales artísticos y el c.d con música, incluidos en la Maleta, permiten al profesor preparar en la escuela la visita que, más tarde, guiará en el Museo. A través de una selección de obras y una metodología basada an la observación y orientada a que el niño aprenda a descubrir por sí mismo, la visita pretende ser una experiencia divertida y agradable, que cree en él una actitud favorable ante los museos y la arte. (p.1)

A maleta fornecida contém um livro de apresentação do kit, com propostas de utilização e organização da atividade, nove fichas de orientação com o programa de visita do museu, dezoito documentos de apoio visual, uma prancha com amostras já trabalhadas em diferentes materiais (barro, tela, pedra e madeira), duas plantas do Museu com indicação do percurso e das paragens, bem como um CD com músicas para acompanhar algumas atividades (Rubio, 2000, p.3). À semelhança de outras maletas, a proposta pelo Museu Nacional de Machado de Castro é aparentemente simples e eficaz, sendo também bastante económica por estar composta por materiais que o museu já dispunha ou outros de baixo custo.

Apesar de integrado num campo de ação diferente, o projeto *ProLearn4ALL*, desenvolvido pelo Instituto Politécnico de Leiria, possui algumas características que serviram de inspiração para a criação da maleta pedagógica para o Centro de Memória de Vila do Conde. Segundo Mangas, Freire e Santos (2018, p. 233), as maletas criadas ao abrigo deste projeto têm por objetivo "contribuir, de uma forma lúdica, para o aumento do conhecimento das crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) no que concerne às NEE" (Necessidades Educativas Especiais). A metodologia adotada neste projeto consistiu na recolha de dados relativos a materiais lúdico-pedagógicos acessíveis, no desenvolvimento de produtos lúdico-pedagógicos inovadores, com o respetivo design e ilustração, e na criação de protótipos. As maletas assim criadas serão testadas nas escolas de 1.º CEB de Leiria, reformuladas em caso de necessidade e validadas por especialistas.

Um exemplo distinto expresso por Liliana Aguiar da Câmara Municipal da Maia, no contexto da sua dissertação ver, tocar e sentir a maia Aguiar (2015) :

> Tendo como parceiros o GA e o Turismo, a conceção do projeto partiu com a finalidade de propiciar à comunidade escolar, entretanto alargada para o 3º, 4.º, 5.º e 7.º ano, o contacto com uma escavação arqueológica experimental, uma vez que não existe na Maia nenhum sítio arqueológico visitável. Definiu-se assim uma nova atividade, a simulação de intervenção arqueológica que permitia o envolvimento físico dos alunos, com destaque para a utilização dos sentidos, a

> vivência da experiência da escavação e a aprendizagem em simultâneo, uma aprendizagem baseada na experiência. Esta alternativa verificou-se, no entanto, impossível de realizar devido às dificuldades manifestadas no transporte e manuseamento da caixa construída para o efeito, uma caixa de 200x200cm que se encontra desmontada e armazenada nas instalações do museu. (p.50)

Desta forma a autora tendo em conta o pedido feito desenvolveu

> Perante o pedido de uma alternativa pelo Chefe da Unidade Orgânica a caixa inicialmente proposta foi substituída por cinco *kits* pedagógicos de objetos manuseáveis, cada um com uma temática a desenvolver no âmbito da história e da arqueologia, pensados e construídos em estreita colaboração pelo MHETM e pelo GA durante o 1.º período do ano letivo de 2013/2014 o que conduziu à alteração da estrutura do projeto. Passou a ser constituído pelas visitas guiadas à exposição permanente no MHETM e à Torre do Lidador e pelas sessões de História e Arqueologia, "O Museu vai à escola com a Arqueologia", com a utilização dos *kits* pedagógicos, resultantes da cooperação do MHETM com o GA. (p.50)

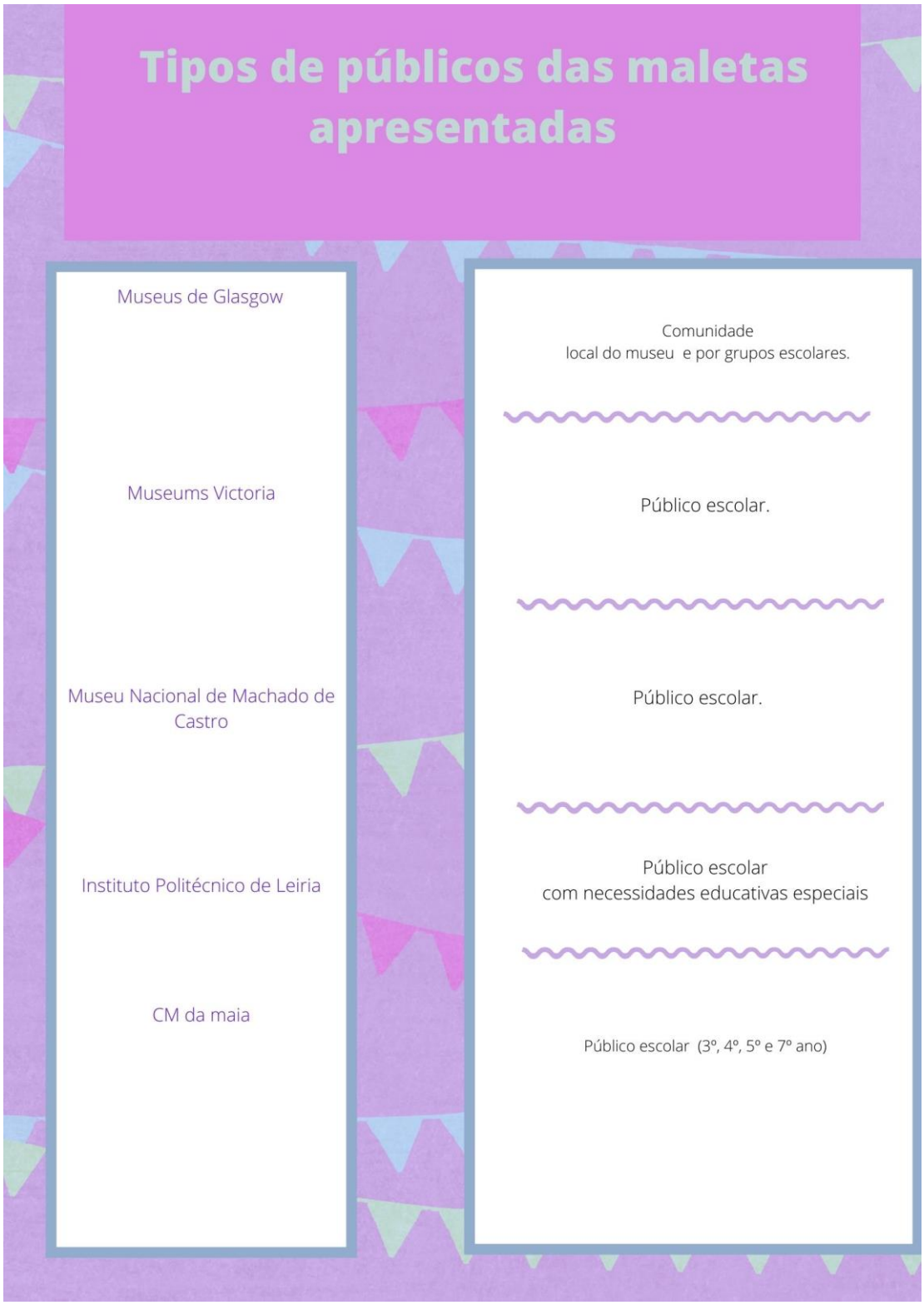
Com isto, para simplificar a análise de dados, as informações referentes a pesquisa foram combinadas em 3 quadros (figura 1,2 e 3). O primeiro com a definição do termo maleta por cada instituição, o tipo de público e os objetivos da mesma.

Figura 1 – Definição do termo maleta pedagógica por cada autor



Fonte: Da autora. Com base nos autores mencionados ao longo do ponto 1.3

Figura 2 – Tipos de públicos das maletas apresentadas



Fonte: Da autora. Com base nos autores mencionados ao longo do ponto 1.3

Figura 3 – Objetivos das maletas apresentadas



Fonte: Da autora. Com base nos autores mencionados ao longo do ponto 1.3

Em conclusão, são numerosas as tipologias de maletas pedagógicas ou kits educativos, sendo essa variedade um fator atrativo para a criação das mesmas. Afinal,

não existem limites para o que podemos criar. Sendo irrealista referir todas as metodologias e práticas com maletas pedagógicas. Os exemplos apresentados são suficientes para demonstrar que é possível construir ferramentas de apoio educativo para os museus simples, mas com grande impacto.

Como em todos os projetos que implicam a transformação de mentalidades, as maletas pedagógicas deparam-se com uma primeira condicionante na equipa educativa do Museu. A motivação e o interesse do departamento de serviços educativos do museu são cruciais. Uma equipa sobrecarregada com trabalho e sem tempo terá maior dificuldade em criar ferramentas pedagógicas eficazes. Por outro lado, se se tratar de uma equipa organizada e motivada, muitas desvantagens podem ser anuladas mediante planeamento.

A falta de financiamento é um problema central das instituições culturais nacionais. Neste contexto, as maletas pedagógicas surgem como uma estratégia vantajosa, pois podem ser realizadas com orçamentos muito reduzidos, principalmente se se recorrer a objetos museológicos já existentes.

Outra vantagem é que as maletas educativas são instrumentos adaptáveis a diferentes contextos. Mesmo após a sua conceção, a maleta pode ser adaptada a outro público, pode-se tornar móvel ou até mudar de tema, dependendo dos objetivos definidos pelos educadores que a utilizem. No entanto, esta necessidade de atualização, planeamento e preparação das maletas pode, por si só, ser uma desvantagem já que exige equipas motivadas e não sobrecarregadas com outras funções.

Em conclusão, a solução que as maletas pedagógicas apresentam tem mais vantagens do que desvantagens, como se pode observar na tabela abaixo:

Figura 4 – Vantagens e desvantagens das maletas pedagógicas



Fonte: Da autora

Em síntese, estes pequenos projetos são muito vantajosos para os espaços museológicos. Criam ligação entre o público do Museu e os objetos, fomentando a aprendizagem através do tato. São de execução relativamente simples e económica, mas necessitam de uma equipa de educadores com vontade de inovar e minimamente organizada.

Na sua maioria, dentro dos espaços museológicos não existeuma oferta para o público ter contacto direto com as coleções e os seus objetos. Os profissionais muitas vezes não concordam que o público possa ter a possibilidade de tocar nos objetos. Isto sucede talvez por questões emocionais, de apego e divinização dos objetos, que causam um elevado instinto de proteção. Contudo, também existem objetos que não podem ser manuseados por questões de conservação. Mesmo assim existem várias coleções e objetos que podem ser tocados sem alterar o seu estado de conservação. É necessário que os profissionais de museologia reconheçam a importância do toque de objetos para a aprendizagem e selecionem objetos que podem ser manuseados pelo público.

Dudley (2009) explica que muitas vezes a possibilidade de interação entre o físico e o emocional a partir dos objetos é assumido como não existente ou restrito a uma "elite". Será que não é possível acrescentar à "elite" o público comum, incluindo aqueles que não têm conhecimento *a priori* sobre os objetos? A interação entre o inanimado, o físico e o sensorial contribui para a criação de momentos e experiências que potenciam a criação de ligações com os objetos. Ao mesmo tempo, a forma como experienciamos os objetos é definida de forma significativa, mas não exclusiva, pelas propriedades físicas desses mesmos objetos.

Mesmo numa metodologia em que o toque do objeto não é permitido, é possível explorar a imaginação do público, levando à reflexão e à resposta a perguntas como: Como seria tocar neste objetos? Que sensações me pode proporcionar? Dudley (2009) argumenta que

> Of course, their duty to conserve objects means that museums cannot in reality allow visitors to pick up, listen to, lick and sniff the objects. But where this cannot be allowed, the museum would do

> well to remember that visitors can and do still imagine some of the qualities of the objects they see. I can see that the oil painting's surface is three-dimensional, and while I may not be allowed to actually touch it, by drawing on my own sense memories of other textured surfaces I can imagine, even feel in my fingertips, what the sensation would be if I did." (p.9)

Fica pois a recomendação de selecionar objetos que, para além do atrativo visual, possuem também outras qualidades sensoriais, como textura, para proporcionar diferentes experiências ao público.

Apesar de a ideia de permitir o contacto direto com os objetos através do tato ser ainda pouco implementada e até um "tabu", já se observam algumas mudanças inspiradoras. Concretamente, no verão de 2017 o museu *Henry Ford*, em Detroit, lançou um programa educativo inovador, o *Curator's Curiosities* (Murphy & Rose, 2019). Neste programa, é permitido ao público manipular e interagir com artefatos do museu, num ambiente controlado, oferecendo aos visitantes, uma oportunidade de se conectarem ativamente com a sua história e o seu património. O programa começa com uma breve introdução à coleção e uma discussão do porquê dos objetos serem importantes. Segue-se uma apresentação sobre os cuidados a ter quando lidamos com objetos museológicos (uso de luvas, cuidados no manuseamento, etc.), bem como outros aspetos relacionados com o trabalho nos "bastidores" do museu (conservação, inventário, entre outros). Logo após esta breve introdução, é revelado o objeto que vai ser estudado e cada participante recebe uma "folha de inventário" para preencher. O público infantil pode desenhar o objeto na folha. Já o público adulto é encorajado a fotografar o artefato, como uma introdução à "digitalização" para inventário. O objetivo é que o participante descreva o artefacto da melhor maneira possível, incluindo marcações notáveis e a sua condição em geral.

Esta atividade específica tem a duração de cerca de 20 minutos e é acompanhada por um assistente do Museu. O *feedback* de visitantes de todas as idades, durante a primeira sessão, foi bastante positivo, tendo assinalado a surpresa de poderem

realmente tocar nos objetos e assim estabelecerem um contacto direto com um pedaço de História e acederem à "aura" do Museu.

Um outro exemplo, de Jant, Haden, Uttal e Babcock (2014), retrata um estudo das interações conversacionais e manipulação de objetos em duas exposições no *The Field Museum*, um museu de história natural em Chicago. Criado especificamente para crianças pequenas, as atividades iniciam-se com a formação de três grupos-teste: um grupo de conversação, outro grupo de contacto com objetos e um terceiro grupo de conversação e contacto com objetos. Para testar a influência da conversação foi criado um conjunto de cartões com tópicos sobre os objetos em destaque na exposição, tendo num lado a fotografia do objeto e, no outro, algumas perguntas. As crianças tinham de dizer o que estavam a ver, descrever o objeto e fazer associações com objetos que tinham em casa. Já para investigar a influência da manipulação de objetos, foram dados às crianças alguns objetos físicos (fósseis) para brincar. O estudo teve a duração de duas semanas e cada grupo terminou o projeto com uma visita. Os autores do estudo referem que as crianças do terceiro grupo (conversação e toque) estavam muito mais entusiasmadas e participativas durante a visita do que as crianças dos grupos 1 e 2, que tinham tido acesso a uma só das atividades. Assim, considera-se demonstrada a importância das sensações quando acompanhada por uma boa orientação e percepção "teórica". Por outro lado, o estudo demonstrou que as crianças do grupo de toque (grupo 2) identificavam mais rapidamente os objetos expostos, ou seja, lembravam-se de brincar com objetos semelhantes.

O estudo apresentado permite concluir que o toque e demais sensações podem favorecer a aprendizagem em espaços culturais. Por esta razão, os museus, enquanto locais de concentração de objetos, devem recorrer a estratégias educativas de exploração da sensação de toque. Sendo os museus locais de conhecimento experimental e de observação, pontos importantes para uma educação bem sucedida e para a assimilação de conhecimentos a longo prazo. Torna-se evidente a importância dos serviços educativos nestes espaços. No entanto, continuamos a ter museus onde a educação não é uma prioridade, com educadores sem formação específica ou mesmo sem recursos humanos afetos aos serviços educativos. Por exemplo, o Centro de

Memória não tem uma equipa ligada ao departamento museu. Tem sim um conjunto de funcionárias da câmara municipal que realizam atividades. Mas estão sobre a alçada do departamento arquivo e edifício. Portanto, o museu, em si, não tem serviços educativos.

Os espaços museológicos necessitam dos serviços educativos para dinamizar o seu espaço, criar pontes com a comunidade, transmitir perspetivas e realidades. Num estudo piloto sobre fatores motivacionais, Semedo, Ganga e Oliveira (2018), explicam que:

> (...) a experiência do museu deriva da influência que o socioconstrutivismo tem tido na museologia contemporânea. Tal acontece porque, como se vem afirmando, os públicos são percebidos como sujeitos de interesses, saberes e motivações prévias, com experiência de vida e conhecimentos e fazendo parte de comunidades interpretativas e de prática que, necessariamente, influenciam as experiências e aprendizagens. Ou seja, na educação cultural deixa de se perceber apenas a oferta — exposições, coleções, etc. — como estruturadoras das aprendizagens e das vivências no museu e passa-se a considerar também o património cultural, social e emocional dos sujeitos como elemento essencial da equação. (p.29)

A investigação em psicologia tem provado que as sensações e o contacto físico são processos importantes para a otimização da aprendizagem, sendo "particularmente relevante quando falamos de aprendizagem com objetos com o potencial de nos envolver em muitos níveis diferentes: físico, sensorial, emocional, social, cultural, assim como conceptual". (Semedo, 2019, pp. 46-47)

Talboys (2005) também exalta a relevância dos serviços educativos no Museu, chegando a assumir que essa é a principal função dos espaços museológicos e que todos os serviços deverão estar articulados para proceder à implementação do plano educativo:

> To fulfil their role in society, museums must accept that they are quintessentially educational and that they must actively promote that aim. By recognizing education as their reason for being, museums not only return to the purpose for which they were first created, but also firmly establish themselves in a role that is essential to the future of society. It is understandable that there are worries that too much emphasis on the educational element will overshadow the other important work that museums do, but that work would not exist were it not for education. In addition, education, far from endangering that work, or being in conflict with its principles, can – if properly structured – do much to enhance it. It is not just the content of museums, but also the work of those employed within them that could and should be the subject of an education service, as well as museums per se. Brought to the attention of the public in a well-structured way, museums will benefit from their enthusiasm, their good wishes, and their financial support. (p.19)

Portanto, um Museu é um espaço de conhecimento e aprendizagem que pode ser potencializado por um bom serviço educativo. Desta forma, é vantajosa a construção de um bom programa educativo, já que

> the world of education changes rapidly. Increasing use of computers, greater use of personalized learning programmes, a growing belief (in these troubled and litigious times) that visits may be more trouble than they are worth, changes to the content of the curriculum – all these and more escalate the pressure on museum education services. If these services do not constantly evolve to suit current needs, their ability to cope with present and future demands would be undermined and any attempt to set the pace of future thinking on education would be severely restrained. (Talboys, 2005, p.20)

Com a construção de um programa educativo é possível introduzir uma multiplicidade de temáticas, que alcance públicos diversos e possibilitando uma aprendizagem mais eficiente.

Martin, Durksen, Williamson, Kiss e Ginns (2016), num artigo subordinado ao tema dos serviços educativos em museus de ciência, defendem a utilização de abordagens dinâmicas, criadas pelas equipas do Museu, que permitam aumentar a motivação e o interesse na educação em espaços museológicos por parte do público. Assim, para os autores referidos, o programa educativo em museus de ciência deve ser construído com base em princípios objetivos, focados na descoberta, na aprendizagem e nos resultados. No domínio dos resultados defendem também a definição de objetivos por parte dos estudantes, antes da visita ao Museu, despertando assim o seu espírito competitivo e favorecendo as experiências científicas de questionamento e de descoberta.

De acordo com Dewhurst e Hendrick (2016), os serviços educativos em museus devem representar o seu meio, tanto nos seus aspetos positivos como nos negativos, com o fim de educar, preservar e apoiar as comunidades em que estão inseridos. Concretamente, os autores defendem que os serviços educativos dos museus podem contribuir para solucionar problemas sociais, como o racismo, por exemplo. A possibilidade de os espaços museológicos contribuírem para a educação do público e para a transformação da forma de pensar da comunidade deve estar sempre presente no trabalho do educador. Cabe a este fomentar a utilização de narrativas diversas sobre os problemas e as soluções possíveis e implementar estratégias ricas e variadas, recorrendo, por exemplo, a depoimentos locais, fontes sociais, culturais e históricas e até ao seu conhecimento pessoal, para proporcionar uma experiência educativa motivadora.

Em conclusão, os espaços culturais e museológicos, têm como função essencial proporcionar espaços de educação para as comunidades em que se inserem. As suas coleções devem permitir a comunicação de várias mensagens, educativas e

transformativas, com recurso a meios inovadores e criativos, inspirados na Nova Museologia.

1.4. A Maleta "Aventureiros da Vila Geológica".

O objeto deste relatório de estágio é a construção de uma maleta pedagógica. Neste sentido, foi construído um exemplar prático para o núcleo central do Museu, designado "Aventureiros da Vila Geológica". Deste relatório consta a descrição passo a passo dos procedimentos adotados na sua construção.

Para a construção de qualquer maleta / kit é necessária a seleção de um ou vários objetos da coleção do Museu. No caso prático foi utilizada uma coleção geológica, composta por rochas, fósseis e minerais, pertencentes ao colégio privado de São José de Vila do Conde.

Com a construção da maleta, além da inovação dos serviços, pretende-se também contribuir para a divulgação do património de Vila do Conde, articulando as coleções e o património museológico e arquitetónico disponível com os programas escolares das Ciências Naturais, concretamente da Geologia, com foco no público escolar juvenil. Para a construção deste projeto foi utilizada uma abordagem metodológica mista, teórica e prática, exigida pelas características do próprio projeto.

Inicialmente, recorreu-se ao método de *Brainstorm*, que consiste numa exposição livre de ideias. " (...) brainstorming rules that were designed to establish a non evaluative setting and to enhance the idea generation process: (a) Criticism is ruled out, (b) freewheeling is welcome, (c) quantity is wanted, and (d) combination and improvement are sought" (Dugosh, Paulus, Roland & Yang, 2000, p.722).

Numa segunda fase, as ideias são analisadas e selecionadas as mais viáveis. No contexto de estágio, o método *Brainstorm* foi utilizado para discutir temáticas como atividades a desenvolver, suportes, locais, entre outras. Trata-se, assim, do processo que deu início a todo o trabalho de construção da maleta pedagógica (Figura 5).

Figura 5 – O primeiro Brainstorm com os colegas do Museu de Vila do Conde



Fonte: Ana Rita Pimenta Carneiro

Para a construção da maleta, adotou-se o método de *Design Thinking*, tal como proposto em Bonini e Sbragia (2011):

> Design Thinking consiste em dar forma a um contexto em vez de tomá-lo como ele é, ou seja, o conceito lida principalmente com o que ainda não existe (...), ou seja uma abordagem que utiliza sensibilidade e métodos do designer para resolver problemas e atender às necessidades das pessoas com uma tecnologia viável (...) é

> a inovação centrada no usuário, que exige colaboração, interação e abordagens práticas para encontrar as melhores ideias e soluções finais." (p.8)

Portanto, trata-se de um projeto novo, construído de raiz para resolver problemas à medida que vão surgindo, principalmente no que diz respeito às dificuldades e necessidades do utilizador, neste caso o público do museu. O facto de os objetos serem de cariz pedagógico facilitou o desenvolvimento da maleta, através de uma ligação direta entre experiências de "sala de aula" e conteúdos pedagógicos disciplinares.

Construída em madeira, a maleta pedagógica pesa cerca de oito quilos, contando com rodas, fecho, etc. Como cada objeto da coleção pesa entre 3 e 600 gramas, foi necessário selecionar alguns dos objetos, permitindo, assim, a utilização da maleta em contexto de itinerância. Ao peso da maleta e dos objetos museológicos é ainda necessário acrescentar o peso dos materiais necessários à realização das atividades. Assim, definiu-se que a maleta com todos os seus componentes não deveria ultrapassar os 20 quilos de peso, por forma a facilitar o respetivo manuseamento e transporte.

A amostra da coleção

A amostra da coleção integra os elementos básicos necessários à aprendizagem da Geologia, de acordo com os padrões da época. Concretamente, contém rochas magmáticas intrusivas, rochas metamórficas, rochas sedimentares, minerais metálicos e não metálicos e fósseis vegetais e animais. A amostra foi selecionada com o auxílio do Professor Pedro Monteiro, geólogo neste momento reformado, que se disponibilizou para colaborar no projeto, indicando também os conteúdos liceais básicos em que seria aplicada a coleção.

Além dos ensinamentos do Professor Pedro Monteiro, foi vital a leitura do manual de W. G. Ernst (1971, pp. 1-60), onde se expõem conceitos de rochas, minerais e fósseis.

As rochas são um aglomerado natural e multigranular, formado de um, ou mais minerais e/ ou mineralóides. Geralmente formam unidades, que fazem parte da "terra sólida". Existem três processos para a formação de rochas:

1. Silicatos em fusão ou magma. Estes solidificam e formam vidro, um agregado de um ou mais minerais, ou uma mistura de minerais e material vítreo. Assim surgem as rochas ígneas ou magmáticas.

2. As rochas sedimentares são originadas a partir da aglomeração de materiais pré-existentes, por três processos distintos: forma detrítica, forma quimiogénica e forma biogénica.

3. Recristalização e/ou deformação de rochas pré existentes, que ocorre quando os minerais originais se alteram significativamente devido a condições de pressão e/ou temperatura, formando as rochas metamórficas.

Um mineral é um sólido que possui uma composição química caracterizada por composições variáveis dentro de certos limites e uma ordem atómica tridimensional sistemática. O mineral tem propriedades químicas e físicas homogéneas ou exibe variações sistemáticas restritas. A fase homogénea na sua maioria não é separável por meios mecânicos em duas ou mais substâncias.

Os fósseis são vestígios de vidas de outros tempos geológicos. Podem ser formados a partir de restos de matéria orgânica ou marcas impressas nas rochas, como pegadas. Normalmente a fossilização ocorre em rochas sedimentares, dado que estas se formam à superfície, local onde habitam o maior número de formas de vida. A fossilização pode ocorrer principalmente por conservação, impressão, moldagem e contra moldagem.

Em síntese, a coleção utilizada para a construção da maleta é uma coleção escolar do tempo do Estado Novo, de grandes dimensões e muito variada, proveniente de uma instituição de ensino de elite que marcou a cultura de Vila do Conde. Logo, a coleção tem já intrinsecamente um valor pedagógico acrescido, válido para trabalhar conteúdos escolares ainda hoje presentes nos programas educativos. Ao tratar-se de

rochas, minerais e fósseis, os objetos são pouco sensíveis e de baixo risco de degradação, sendo ótimos para momentos de manuseamento, favorecendo a aprendizagem sensorial. Dadas estas características, considera-se esta coleção ideal para a criação de uma maleta pedagógica, permitindo cumprir dois objetivos: criar uma ferramenta pedagógica que dê a conhecer uma coleção do Museu e conferir maior valor à própria coleção, mediante o seu estudo e exposição.

1.5 Objetivos gerais e específicos da maleta

A definição de objetivos é essencial à criação de projetos, pois são estes que orientam os procedimentos de forma a obter projetos coesos e consequentes.

A definição de objetivos partiu da exploração das sugestões de Semedo (2019), com um *Brainstorm* inicial que permitiu identificar objetivos pessoais da estagiária e objetivos do Centro de Memória. Expressões como "Diversificar", "Ousar", "Desenvolver novas técnicas", "Melhorar os serviços educativos da instituição", "Abrir a mente"; "Desafiar pressupostos" e "Refletir criticamente, explorando novas possibilidades" surgiram nesta fase.

Assim, foi possível definir que a principal intenção da maleta "Aventureiros da Vila Geológica" é educar e promover a aprendizagem, através de estratégias reflexivas, construtivas e transformacionais Como já mencionado, a aprendizagem é favorecida quando o público está entretido, com os sentidos estimulados, neste caso o tato e a visão, e recorrendo à imaginação.

Conectar, criar, inventar, compreender, experimentar, brincar, combinar, descobrir são verbos importantes no âmbito da aprendizagem e que são utilizados na formulação de objetivos deste projeto. Outro objetivo é levar a que o público se questione, investigue, examine e explore a coleção, que especule também para ganhar novos conhecimentos autonomamente. Como já se argumentou, o conhecimento adquirido a partir da curiosidade pessoal de cada um, gera memórias mais permanentes. Igualmente relevante, é a capacidade das maletas pedagógicas promoverem o trabalho

e a aprendizagem colaborativa, propondo ao público a trabalhos em equipa, com debate e exposição de opiniões e ideias resultantes de pesquisas autónomas. Por fim, mas não menos importante, as maletas pedagógicas podem estimular a persistência do público, mediante a exploração das suas capacidades de avaliação e pelo estímulo à experimentação de novas estratégias educativas.

Além dos objetivos para o público, a aplicação do método *Design Thinking* pôs em evidência também os objetivos da instituição, concretamente a necessidade de construir uma ferramenta simples e resistente, duradoura, de fácil manutenção e adaptável a outros objetos, de forma a ser usada recorrentemente com o público escolar. Acresce a necessidade de a ferramenta ser financeiramente viável, dada a sistemática carência de financiamento da maioria das instituições museológicas nacionais.

Como já se mencionou em ponto anterior, facilidade de transporte, atentando ao peso da maleta, é importante para garantir a sua utilização fora do museu, concretamente nas escolas.

Em termos específicos, a maleta "Aventureiros da Vila Geológica" foi construída de forma a transmitir conteúdos históricos, geográficos e geológicos, em ligação ao Museu e à cidade de Vila do Conde. Assim, numa das atividades propostas convida-se o público a visitar e reconhecer alguns pontos históricos de Vila do Conde, numa atividade multidisciplinar designada "Geologia Daqui a Além", que permite uma articulação também com os conteúdos dos planos escolares das disciplinas de Ciências Naturais e História. As atividades educativas, divertidas e inovadoras permitem também mostrar à comunidade escolar que o Museu é uma ótima sala de aula e que também promove a aprendizagem.

A coleção de rochas, minerais e fósseis permite contar parte do passado recente da cidade, concretamente do Colégio de São José, e tornar novamente relevante a sua função original: ensinar. Possivelmente, agora com um impacto ainda mais intenso, porque, ao contar a história de onde veio, da cidade onde ensinou tantos alunos e das matérias que ensinava, cria também uma linha condutora entre o passado e o presente,

numa mensagem de continuidade que aviva a identidade regional do público-alvo. É fascinante o que uma coleção esquecida numa reserva, uma coleção de "rochas e calhaus", consegue significar e as histórias que pode contar.

Em síntese, a formulação de objetivos permitiu satisfazer necessidades pessoais, do público e da instituição. A adaptação da metodologia ao longo do projeto permitiu uma aproximação cada vez maior aos objetivos principais. Os verbos, inovar, diversificar, educar, aprender, ousar e criar surgem como preceitos para a criação da maleta pedagógica.

1.6 Públicos

Afirmar que grande parte dos públicos dos museus portugueses são as escolas, é uma afirmação precisa. Numa cultura em que a ida ao museu não é frequente, o apoio à visita em contexto escolar assume uma enorme importância. Consequentemente o Centro de Memória tem como público-alvo os públicos escolares. Daí advém o objetivo de criar uma maleta pedagógica própria para estes públicos.

O público escolar é muito vasto e considerou-se irrealista construir uma maleta que atendesse às necessidades e interesses de todos os alunos a frequentarem o ensino escolar obrigatório. Assim, por sugestão das orientadoras, o público-alvo restringiu-se aos alunos de 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, ou seja, crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos. Esta escolha é interessante, pois também o colégio de São José lecionava a estes anos de escolaridade. Adicionalmente, as temáticas propostas pela maleta encontram-se abrangidas nos Currículos do Ministério da Educação para estes ciclos (cf. ME, s/d e Bonito, 2013).

As características específicas do público-alvo levaram a algumas adaptações, nomeadamente a introdução de pausas para lanche e idas à casa de banho no programa de exploração da Maleta, à simplificação na apresentação dos conteúdos e à definição de rotas fisicamente praticáveis durante a atividade "Geologia Daqui a Além". Também ganhou relevância a introdução de dinâmicas como jogos, caças ao tesouro, toque nos

objetos, animações e apresentações em *Powerpoint*, atividades manuais, entre outras. Estas estratégias permitem criar momentos de maior concentração. As atividades desenhadas permitem uma aprendizagem descontraída e, esperemos, uma experiência memorável. Além destas estratégias, espera-se que os professores e auxiliares que acompanham o grupo, consigam colaborar para ajudar o grupo a alcançar os objetivos definidos para a visita.

Espera-se que os educadores do Museu adotem uma postura amigável e divertida, mas sempre com os objetivos da maleta em mente. Através de pequenas dinâmicas de abertura, com perguntas quebra-gelo, por exemplo, é possível estabelecer uma ligação positiva e motivadora com o grupo.

Em suma, a maleta pedagógica "Aventureiros da Vila Geológica" foi construída para ser utilizada com público escolar dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, satisfazendo necessidades do currículo, necessidades afetivas e de aprendizagem dos estudantes e necessidades da instituição. Nela inserem-se ferramentas pedagógicas inovadoras e ousadas, que permitem interligar conteúdos históricos, geográficos e geológicos, atendendo aos preceitos da Nova Museologia. As necessidades eram:

- Um mecanismo móvel;
- Económico;
- Prático;
- Que trabalhe a coleção de rochas e minerais;
- Que se interligue com as mensagens do museu ou referência (exemplo José Régio).

A instituição tinha como expectativa:

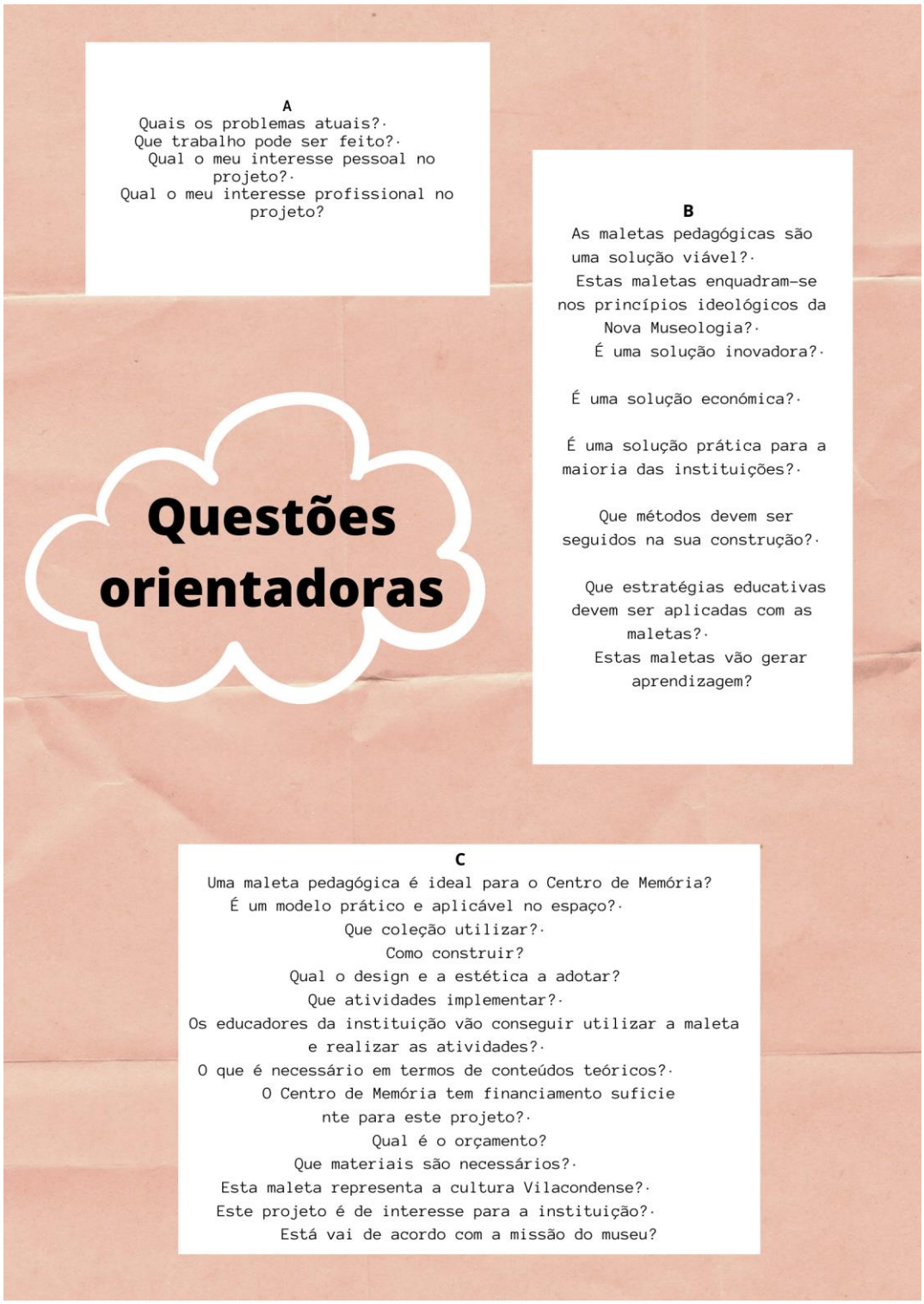
- Uma experiência atrativa;
- Para o público escolar;
- Uma metodologia adequada ao Centro de Memória;
- Que a maleta traduzisse na dinamização dos serviços educativos.

1.7. Da conceptualização à produção da maleta

O primeiro passo para a concetualização deste projeto referiu-se à definição de algumas questões orientadoras, que se dividiram em 3 grupos: a) iniciais e prévias à realização do estágio, mencionadas no Plano de trabalho; b) metodológicas para justificar o percurso de desenho e a utilização da maleta pedagógica e c) outras questões que emergiram durante a construção da maleta pedagógica para o Centro de Memória.

Na categoria A, colocaram-se questões, seguindo as linhas orientadoras de Coles e McGrath (2010). Com o início do estágio curricular no Centro de Memória foram surgindo questões e objetivos da categoria B. Quando se tornou percetível que a construção de maletas pedagógicas era uma estratégia vantajosa para o Centro de memória, começaram a surgir questões relacionadas com a maleta a construir especificamente para o Centro de Memória. Ao utilizar a metodologia de *Design Thinking* surgiram questões de categoria C (Figura 6).

Figura 6 – Questões orientadoras do Estágio



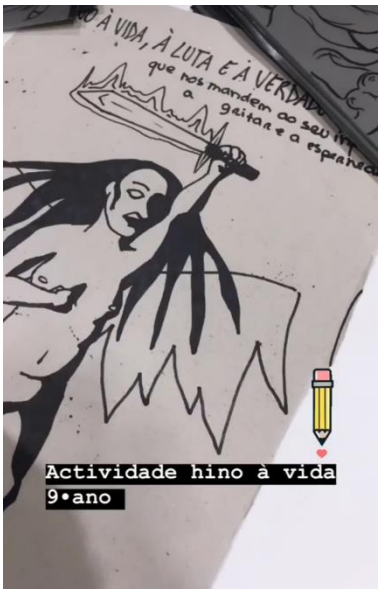
Fonte: Da autora

Após a definição destes, foi realizada uma experiência de criação de uma maleta para uma exposição temporária na galeria Júlio. Para a criação da maleta, procedeu-se

inicialmente à criação de uma proposta, onde se apresenta a ideia de forma simples e sucinta, contemplando o conteúdo da maleta, as atividades propostas, o material necessário para a sua construção e a estética ideal[2]. Na proposta também se inclui um orçamento com o custo aproximado da atividade e dos materiais necessários, sem contar com os materiais pré-existentes. Após a aprovação do orçamento, procedeu-se à redação dos guiões[3] para os educadores, onde se apresentam os passos de cada atividade, listados numericamente, algumas imagens e factos que auxiliam a execução das atividades. Também consta informação referente ao público-alvo, à modalidade de acesso e à lotação mínima e máxima recomendadas. Foi possível criar uma Newsletter[4], como meio de publicitar a maleta junto das escolas e dos agrupamentos de escolas.

Apesar de não se ter procedido à construção da "Maleta Régio", realizou-se uma das propostas educativas nela contida. Trata-se da atividade designada "Revista Artista"

Figura 7 - Exemplo desenvolvido por uma das crianças durante a atividade.



Fonte: Da autora

Esta atividade consiste na leitura do poema de José Régio Hino à Vida e na posterior criação de uma versão pessoal alternativa do mesmo por parte dos

[2] Ver apêndice B.
[3] Ver apêndice B.
[4] Ver apêndice B.

estudantes. Os participantes foram divididos em grupos de cinco, por mesas onde já se encontravam alguns materiais, como papel de jornal, canetas de cores diferentes, marcadores, entre outros. Os estudantes foram convidados a desenhar ou escrever a sua própria versão, em grupo ou individualmente, e apresentá-la aos outros estudantes (opcional). Os resultados do desafio lançado foram expostos na Sala do Coche.

Figura 8 - Resultados da atividade



Fonte: Da autora

Após a atividade, o grupo realizou uma visita guiada à exposição, na qual se observa a versão original do poema assim como diversas pinturas sobre o tema. Desta forma, a atividade proposta preparou o público para o que iria ver, despertando a sua curiosidade e capacidade de interpretação, além de permitir o desenvolvimento de

competências artísticas. Com segurança se pode afirmar que a atividade preparatória favoreceu a criação de conexões entre os alunos e os objetos da exposição, atingindo o seu objetivo de educar e fomentar a aprendizagem.

De modo a aproveitar a experiência adquirida e todo o trabalho já desenvolvido, a Dra. Ivone Pereira e o Dr. Rui Maia solicitaram a realização de um documento que pudesse acompanhar a exposição na sua itinerância nacional[5]. O documento criado visa a realização de algumas atividades da maleta noutros espaços. Seguindo a estética da própria exposição e do catálogo da mesma, o documento começa com uma breve apresentação, uma justificação (ponto "Maletas pedagógicas-Maleta Régio"), imagens da atividade realizada no Centro de Memória (descrita no parágrafo anterior), um guião para as atividades, um orçamento e a descrição dos materiais necessários. Idealmente, este documento permitirá a construção da "Maleta Régio" em qualquer outro local em que a exposição esteja patente. No entanto, o seu objetivo principal é permitir a utilização do material educativo predefinido em diversos espaços museológicos, assim como uma partilha de conhecimento e práticas entre instituições.

Antes de mais é importante mencionar que o centro e memória já tem uma maleta pedagógica,apenas com objetos de construção naval, apesar de não ter este esquema. E durante o estágio foi possível a participação em algumas ações com mesma, que serão descritas no ponto 3. Com isto, além da experiência de construção de uma maleta foi possível verificar como é que experiências como estas, funcionam em campo. Algo muito vantajoso para este projeto de estágio.

Depois da experiência da maleta régio foi tempo de começar a desenvolver "Aventureiros da Vila Geológica". Como mencionado, utilizando uma metodologia de brainstorm desenvolveram-se as atividades e os guiões, assim como o desenho de mapas, cadernetas entre outros. Com isto, foi necessária a elaboração de um orçamento.

[5] Ver apêndice B.

Para produzir qualquer projeto, principalmente em instituições públicas, é necessário apresentar um orçamento e uma lista de materiais necessários. O processo de obtenção de materiais pode ser longo e demorado, dependendo dos procedimentos requeridos pela instituição. O Museu, enquanto instituição pública, não foi possível adotar alguns procedimentos comuns nos privados, como a constituição de um fundo de maneio. Um fundo de maneio é um pequeno orçamento para a realização de um projeto, que pode ser gerido autonomamente pelo indivíduo ou indivíduos responsáveis pelo projeto.

Dados estes esclarecimentos, o primeiro passo para a elaboração de um orçamento implica listar todos os materiais necessários para a realização das atividades. No caso da maleta "Aventureiros da Vila Geológica" a listagem final de materiais foi a seguinte:

- Papel A4;
- Papel autocolante A4;
- Cartão A3;
- Gesso de secagem rápida;
- Barro;
- Bicarbonato de sódio;
- Vinagre;
- Sabão;
- Óleo;
- Mochila;
- *Pendrive*;
- Maleta de Madeira.

Depois de apresentada a listagem à coorientadora do Museu, verificou-se que o Museu podia fornecer o papel e o cartão. A listagem dos restantes materiais foi então enviada para os serviços de aprovisionamento da Câmara Municipal de Vila do Conde (ver anexo B). Estes serviços disponibilizaram o sabão. Para os restantes materiais foi necessário criar um orçamento e estabelecer as quantidades necessárias. O orçamento para construção da caixa de madeira para albergar a coleção ficou em 113€ (cento e

treze euros). Como esta acabou por ser executada por carpinteiros da Câmara com materiais reciclados, foi possível reduzir o preço inicialmente estimado. Os restantes materiais foram pedidos a um dos fornecedores da Câmara, a loja Brinde e Companhia em Varziela, Vila do Conde. Em anexo encontra-se a informação completa do pedido de financiamento e compra destes materiais (ver anexo C).

A chegada destes materiais tardou cerca de dois meses, tendo os mesmos sido rececionados cinco dias antes da aplicação das medidas extraordinárias para controlo da pandemia de Covid-19, o que impediu a finalização da construção da maleta pedagógica "Aventureiros da Vila Geológica". Em apêndice[6] encontra-se um texto de reflexão sobre como este contexto influenciou o trabalho e o que "aconteceu" durante o período de confinamento social.

Em conclusão, o elevado tempo de espera pelos materiais, resulta de procedimentos burocráticos da Câmara Municipal de Vila do Conde, que exige a comunicação por escrito e a justificação de todas as necessidades de aprovisionamento.

Seria mais prático e realista a atribuição de fundos de maneio independentes para projetos. Tal diminuiria o tempo de espera dos materiais e as atividades poderiam ser realizadas mais rapidamente. Com este procedimento, teria sido possível pelo menos construir a maleta, antes da entrada em vigor das medidas de exceção referidas. Este tipo de decisões não cabe aos museus, mas sim aos dirigentes políticos. Desta forma seria vantajoso para o Centro que fossem ouvidas as opiniões dos técnicos quando se tomam decisões que afetam o seu trabalho.

[6] Ver apêndice F

1.8. A utilização da maleta

A maleta pedagógica "Aventureiros da Vila Geológica" tem dois suportes físicos: a maleta propriamente dita que contém a coleção de rochas, minerais e fósseis, bem como os materiais necessários para as atividades, e uma mochila laranja que inclui os materiais necessários à realização da caça ao tesouro, designada "Geologia Daqui a Além".

A caça ao tesouro foi criada de forma a ligar a coleção à cultura de Vila do Conde, cujos afloramentos rochosos se localizam perto de espaços culturais e monumentos. Esta atividade deve ser realizada em dias sem chuva e durante a manhã, no verão, para evitar temperaturas elevadas. As crianças devem trazer consigo chapéu, água e lanche, já que o percurso dura cerca de 2 horas, com pausas. Os grupos devem ser compostos por um máximo de 20 alunos e, tratando-se de uma atividade realizada na via pública, a segurança deve ser garantida pela escola, afetando um professor ou auxiliar por cada 5 alunos.

Em termos de recursos humanos, a realização da caça ao tesouro implica a participação de uma educadora dos serviços educativos, que lidera a atividade.

O percurso inicia-se no Forte de São João Baptista de Vila do Conde, junto ao portão principal, com a educadora a organizar o grupo e a conversar para acolhimento, colocando questões como: "Como te chamas", "De que escola vens" ... Quando já se sentirem todos mais confortáveis, a educadora deve zelar pelo bem-estar de todos, verificando águas, lanches e chapéus e perguntando se alguém precisa de ir à casa de banho. Ao longo do percurso, existem zonas de lojas e cafés onde se pode também satisfazer estas necessidades. O passo seguinte é distribuir o material por todos e explicar o que vão fazer. Cada aluno recebe um mapa[7], cujo verso[8] se assemelha a uma caderneta de cromos. No mapa identificam-se os locais principais do percurso: Forte de São João, Nau Quinhentista, Casa de José Régio, Mosteiro de Santa Clara e Centro de Memória. Na caderneta de cromos encontram-se cinco espaços em branco. Os alunos

[7] Ver apêndice C.
[8] Ver apêndice C.

irão realizar uma tarefa em cada local. Caso a tarefa seja bem sucedida, recebem um autocolante (cromo) para colarem nas suas cadernetas. Os cromos retratam temas da cultura Vilacondense e da Geologia[9]. Não existe uma ordem predefinida para colagem dos cromos e cada aluno poderá levar o seu mapa e caderneta para casa no final da atividade. Este procedimento funciona como uma recompensa que permite aos alunos terem também um objetivo prático e incentivar a sua participação ativa, favorecedora da aprendizagem não diretiva.

Da mochila de cor laranja (para mais facilmente identificar o educador durante o percurso), constam os guiões de explicação da atividade, os objetivos de aprendizagem, a descrição das tarefas dos alunos, os mapas e cromos para distribuir. O facto de estar todo o material contido na mesma mochila facilita a preparação da atividade, já que o educador só tem de a encher previamente e levá-la consigo no dia da atividade.

Esta atividade pedestre termina no Museu, que dista cerca de 20 minutos a pé do Forte de São João. Terminada a caça ao tesouro, e após um pequeno intervalo, os estudantes são encaminhados para a sala de serviços educativos do Centro de Memória. Aqui, a educadora deve pedir que se sentem e que guardem os seus pertences, enquanto começa a abrir a mala. De acordo com o guião, antes de prosseguir com a atividade, o educador procede a uma breve ação de formação adaptada ao público sobre manuseamento de objetos museológicos. Em seguida, começa a retirar os três tabuleiros com os objetos e a distribuí-los pelas mesas. Dado o número de participantes , recomenda-se que se dividam os alunos por três mesas e que vão rodando o tabuleiro entre si. Este é o momento em que é permitido aos alunos manusearem os objetos, relembrando quando necessário os cuidados a ter com os mesmos.

Por fim, são sugeridas duas experiências. A realização de uma só ou das duas depende do tempo disponível. A primeira experiência consiste na criação do seu próprio fóssil, com objetos recolhidos durante a caça ao tesouro. Os alunos podem criar o seu próprio design com flores, paus, folhas, etc. Enquanto esperam que seque, podem

[9] Ver apêndice C

proceder à segunda experiência, desta vez em grupo. Aqui, podem construir uma réplica de vulcão, colocando em atividade novamente os seus dotes artísticos. Cada aluno poderá levar consigo o seu fóssil, o que favorece a permanência da memória, associada a um momento positivo e/ou divertido.

O vínculo que se cria entre os objetos tocados, os objetos construídos e os conhecimentos adquiridos pode parecer subtil. No entanto, uma boa lembrança favorece a aprendizagem e a vontade de voltar, o que cria ligações mais fortes entre o Museu e as escolas. Simultaneamente, a narração dos factos do dia aos tutores leva também à criação de laços entre as famílias e o Museu, relevando o papel deste enquanto dinamizador da comunidade e local de aprendizagem por excelência.

Como já referido, para auxiliar este tipo de atividades deve existir um guião a acompanhar. O objetivo de criar guiões para colocar na maleta pedagógica é facilitar o uso desta por qualquer funcionário do museu. Quando se cria um projeto com estas características, é importante pensar nas necessidades de quem o vai aplicar, no caso da maleta "Aventureiros da Vila Geológica", as funcionárias dos serviços educativos.

Para facilitar a assimilação das informações, os guiões foram escritos por tópicos numerados, que seguem a ordem das ações necessárias. A linguagem adotada é explicativa e simples, tendo também alguns textos auxiliares que simulam possíveis discursos, numa linguagem mais teatral e por vezes na primeira pessoa.

Para interligar as ações com os objetos e materiais didáticos estes também foram numerados. Na mochila, os materiais estão divididos pelo saco pequeno (bolso da frente) e pelo saco grande (bolso principal), acondicionados em sacos numerados para facilitar a localização. Na maleta encontram-se três tabuleiros de madeira divididos por tipologia geológica e materiais didáticos no fundo. Estes últimos encontram-se divididos em sacos por atividade. O único objeto sem saco é uma *pendrive*, colocada junto do guião. Os guiões foram plastificados página a página para garantir a sua durabilidade e colocaram-se dentro de micas plásticas com uma etiqueta plastificada onde se lê "Guião" em letras grandes. Na mochila, os guiões encontram-se no bolso grande, enquanto na maleta estão em cima de um dos tabuleiros.

A vantagem da criação de guiões vai muito além da conveniência. É também uma forma de aplicar novos conceitos, garantido a sua praticabilidade. Os guiões garantem que qualquer funcionário é capaz de pôr em prática a atividade educativa bem estruturada, com mensagem e significado.

1.8.1 Guião de utilização em contexto de visita "Geologia daqui a Além"

1. Organizar o grupo (cumprimentar as auxiliares e professoras + juntar toda a gente);

2. Perguntar se todos têm chapéu, água e lanche, se alguém precisa de ir à casa de banho. Se não, indicar às auxiliares e professores que existe um local de compras e casa de banho do outro lado da marginal;

3. Acolhimento do púbico com questões basicas : como te chamas, idade, etc ...

4. Distribuir por cada estudante 1 mapa - ver bolso grande da mochila;

5. Explicar a atividade. Discurso básico: Hoje vamos realizar uma caça ao tesouro pela cidade de Vila do Conde. O objetivo é conhecerem os principais pontos culturais e observarem os tipos de rochas Baptista de Vila do Conde Vila do Conde. Cada local assinalado no mapa requer requer o cumprimento de uma missão. Quando a realizarem, recebem uma recompensa, um cromo-autocolante. Olhem para a parte de trás do mapa que receberam. Têm espaços para colar os cromos. Se não quiserem pôr na caderneta, podem guardar e colar os cromos onde bem entenderem.

6. Explicar um pouco sobre o ponto de encontro: Destacar algumas características visíveis: fortificação marítima, isolada. Servia para proteger a zona e como posto de vigia das embarcações que saíam e entravam.

7. Levar o grupo às "traseiras" do Forte e mostrar o afloramento de granito. Trata-se de um tipo de granito designado granito da Póvoa de Varzim, típico da região.

8. Pedir a primeira tarefa. O grupo tem de procurar junto ao afloramento ou na praia uma pedra rolada. Quando a encontrarem, explicar que a pedra está assim, macia, devido à erosão do mar. As pessoas há muitos anos utilizavam estas ferramentas para inúmeras tarefas e os arqueólogos chamam-lhes seixos rolados. Distribuir os cromos (nº1- bolso pequeno)por todos. Não é preciso guardar as pedras, mas se quiserem, podem fazê-lo. Encaminhar o grupo para o ponto 2 - a Nau.

9. Assim que chegarem à Nau, inicia-se a visita. É necessário explicar que se trata de uma réplica de uma nau quinhentista, feita por construtores navais de Vila do Conde. Encaminhar no final da visita o grupo para o relvado ao pé da nau.

10. Pedir para se sentarem. Explicar a próxima tarefa. Cada um tem de dizer um nome de uma rocha que conheça ou um facto geológico. Assim que todos participem distribuir os cromos (nº2- bolso pequeno).

11. Encaminhar o grupo para a Casa de José Régio. Sentar o grupo nas escadas. Aqui podem lanchar enquanto a educadora explica um pouco sobre a Casa de José Régio. Tópicos básicos: José Régio herdou esta casa da sua tia; era onde passava férias e que preparou para viver quando se aposentou; José Régio foi um homem de muitas facetas, romancista, novelista, visionário, poeta, dramaturgo, pintor, entre outras; foi também um grande colecionador de arte sacra e religiosa.

12. Explicar a próxima tarefa. Cada um deve dizer um monumento histórico ou facto que conheça sobre a cidade. Quando todos tiverem a oportunidade de falar, distribuir os cromos (nº3- bolso pequeno).

13. Subir as escadas com os alunos até ao Mosteiro de Santa Clara. Deixar que estes apreciem e tirem fotos da vista, se quiserem. Explicar que por debaixo dos pés deles estão toneladas e toneladas de granito com milhares de anos. Um grande aflorado que se encontra no local á milhares de anos.

14. Explicar a missão. Cada aluno deve apanhar uma folha do chão que ache interessante e guardar para depois. Assim que todos os alunos tiverem apanhado a folha, distribuir

os cromos (nº4- bolso pequeno) e encaminhar o grupo pelo percurso do aqueduto até ao Centro de Memória de Vila do Conde.

15. Assim que chegarem ao jardim do Centro de Memória, explicar que a caça ao tesouro está quase a terminar e que só falta uma última tarefa. Encontrar uma pétala de flor ou uma flor no chão (nota - não arrancar as camélias) e guardar para as atividades dentro do Centro de Memória. Também podem apanhar paus de pequena dimensão, se acharem interessante. Assim que todos tenham apanhado algo dar o último cromo (nº5- bolso pequeno). Lembrar para os meninos guardarem o que recolheram, pois vão utilizar mais tarde numa atividade no centro.

16. Perguntar se gostaram, se voltavam a repetir e o que não gostaram. Falar com os auxiliares e professores e propor um intervalo (dependendo da hora) para lanchar ou almoçar, para idas à casa de banho e combinar uma hora dentro do Centro de Memória para começar a próxima atividade.

1.8.2 Guião da atividade "Maleta Geociência"

1. Sentar os alunos em 3 mesas (ideal)

2. Retirar da maleta os tabuleiros com os objetos. Colocar 1 por mesa

3. Breve introdução às boas práticas de manuseamento de objetos. Texto-base: Hoje nesta atividade vão poder tocar e manusear objetos do passado, objetos do museu. É responsabilidade do museu conservar e preservar estas peças para durarem muitos anos. Os objetos contam histórias e hoje vamos aprender muito com eles. Vocês vão tornar-se pequenos geólogos e também museólogos. Por isso, antes de mexerem, brincarem , têm de ter em conta alguns pontos. Primeiro todos devem lavar as mãos e colocar luvas de borracha como proteção. Os objetos devem ser manuseados com cuidado,porque apesar de não parecerem valiosos tem grande valor para muitos que tb aprenderam com eles. Imaginem que as rochas são vidros muito suaves mas delicados-. Quando os guardarem devem colocá-los no mesmo sítio. Perceberam? Vão ter cuidado? São museólogos e geólogos responsáveis?

4. Enquanto os alunos exploram os tabuleiros e a coleção, explicar alguns pontos interessantes sobre a coleção: veio de uma antiga escola, o colégio de São José; é uma coleção muito grande que ocupa várias gavetas sendo a presente uma amostra. O tabuleiro 1 tem as rochas, o 2, rochas e minerais, e o 3 minerais e fósseis. Explicar que as rochas são um aglomerado natural com muitos grãos, formado de um, ou mais minerais. Que os minerais são corpos cristalinos muito complicados e surgem a partir de processos achados inorgânicos. Os fósseis são vestígios de vidas de outros tempos geológicos. Podem ser formados a partir de restos de matéria orgânica ou marcas impressas nas rochas, como pegadas. Deixar os meninos e meninas ver e manusear bem os objetos e perguntar se alguém tem perguntas ou quer dizer alguma coisa.

5. Assim que todas as questões sobre a apresentação estiverem respondidas, pegar no saco n.º 1. Explicar: primeiro vocês vão fazer o vosso próprio fóssil para levar para casa. Vão utilizar o que recolheram durante a caça ao tesouro para imprimir uma imagem no gesso (pasta de moldar). No final, se ainda tiverem tempo, podem pintá-lo. Escolham o padrão que quiserem, pode ser algo parecido com o que viram na coleção ou dar asas à vossa imaginação.

6. Cortar quadrados de gesso com a faca, distribuir um por cada aluno e untar com óleo de cozinha.

7. Explicar que não devem carregar muito, apenas o necessário para criar uma impressão. Utilizar os exemplos da maleta como modelos para os que não sabem o que fazer.

8. Quando todos tiverem o seu design colocar a secar.

9. Colocar o resto dos materiais dentro do saco ou substituir por novos e colocar o saco no local.

10. Pegar no saco n.º 2

11. Distribuir um cartão e um cartão por mesa e algumas tabletes de barro de secagem rápida.

12. Explicar a atividade: Agora vamos simular a erupção de um vulcão. Primeiro quero que construam a vossa paisagem e o vosso vulcão com o barro (mostrar imagens de exemplo). No final, se tiverem tempo, podem pintar.

13. Ajudar os que têm dificuldade, de forma a garantir que o vulcão é suficientemente estável para realizar a experiência.

14. Assim que todos terminem distribuir pelas mesas bicarbonato de sódio, detergente, vinagre e copos. Pedir para colocarem no copo uma pequena mistura de bicarbonato de sódio e detergente. Depois pedir para colocarem o copo dentro do vulcão. Com supervisão, pedir a um aluno de cada grupo que coloque vinagre dentro do copo. Deixar os alunos ver o que acontece, ressaltar que, como num vulcão de verdade, primeiro a lava sai muito rápido, mas depois acalma.

15. No final ajudar os alunos a limpar a lava dos seus vulcões.

16. Se o grupo tiver tempo, deixar os alunos pintar os seus fósseis e o seu vulcão.

17. Os fósseis, já secos, podem ser guardados nas mochilas e levados para casa. Os vulcões podem ser colocados em sacos de plástico e levados para a escola.

18. Por fim perguntar se gostaram e fazer um questionário oral. Avaliar pelo número de mãos no ar. Perguntas: 1. Gostaram? 2. Repetiam? 3.Vão pedir aos professores para voltarem cá? 4. Vão dizer aos vossos amigos e familiares para virem visitar o Centro de Memória?

19. Despedir-se do grupo e acompanhar à porta.

Sendo o conjunto de atividades muito vasto, existe a possibilidade de fazer só a atividade exterior ou só a atividade no Centro. É uma escolha que tem de ser feita pela escola. Neste sentido a atividade no exterior deve ser concluída em sala de aula num outro momento com a utilização dos materiais recolhidos. Portanto, o professor/a depois tem de realizar a experiência do fóssil. Se for o caso de ser apenas a atividade de tarde. O centro de memória tem muitos materiais que podem ser utilizados para auxiliar a atividade dos fósseis.

1.9. Elementos de avaliação da Maleta

Para avaliar este dispositivo é necessário aplicar estratégias durante a atividade e após a sua realização. Com o objetivo de perceber a sua eficácia e compreender se foi uma experiência marcante para o tipo de público.

É importante que o educador/a repare nas reações do público e dos professores, com ênfase em momentos chave da atividade. O momento em que as crianças tocam nos objetos é muito importante para esta atividade e deve ser observados com mais atenção. Mas também momentos de brincadeira e realização de atividades, pois estes têm uma grande capacidade de criar boas memórias.

Mesmo sendo algo muito básico, é sempre importante no final das atividades o educador/a pedir o *feedback* do público. É por esta razão que foram colocadas algumas perguntas simples no final do guião.

Outro mecanismo avaliativo muito eficaz é o envio de um questionário voluntário para os professores e auxiliares que acompanharam os alunos. Seria importante este conter as seguintes questões:

- Considera o dia uma experiência positiva ou negativa?
- Facilitou a introdução ou conclusão do tema da geologia em sala de aula?
- De 1 a 10 sendo 10 muito bom e 1 nada bom, como avaliaria a atividade?
- Numere 3 pontos positivos da experiência.
- Numere 3 pontos negativos da experiência.
- Tem alguma anotação final que queria partilhar ou comentário / sugestão?

Apesar de se tratar de questões relativamente genéricas, são um feedback assertivo e podem ajudar a moldar as atividades para trabalhar melhor o tipo de público.

Por fim, um meio de avaliar a experiência é tentar perceber se alguma das crianças voltou ao museu no seu tempo livre com familiares, pois tal permite entender se achou que o museu é um espaço para frequentar mesmo nos tempos livres ou não. Também é relevante verificar se a escola continua a requerer visitas e atividades no Museu, ou melhor, se quer marcar a mesma atividade com outras turmas.

Como mecanismo para tratar estes dados era importante criar uma ferramenta de recolha e organização desta informação (por exemplo, em excel) As percentagens são sempre dados importantes e visualmente apelativos para criar uma mudança. Os dados estatísticos são importantes para tomadas de decisões informadas Facilmente uma direção entende que necessita de inovar ou alterar uma atividade olhando para números. Os números dizem a verdade pura e crua. Uma estatística feita com método é um ótimo mecanismo de avaliação e uma justificação mais que válida para mudança.

2. Pensar e trabalhar na prática: outras atividades desenvolvidas no âmbito do Estágio Curricular

O presente capítulo visa descrever as atividades e tarefas desenvolvidas ao longo do estágio curricular, bem como os procedimentos adotados para reportar ações à orientadora e coorientadora e as principais aprendizagens realizadas. As tarefas desenvolvidas, foram agrupadas em três categorias:

- Exposições e trabalho relacionado;
- Atividades e funções no âmbito dos serviços educativos;
- Tarefas de rotina e *backstage;*

O objetivo é proceder a uma descrição de todo o estágio, relatando que os acontecimentos diretamente as atividades desenvolvidas. Os momentos de partilha, pública ou privada, com a orientadora e com as colegas de Mestrado, revelaram-se importantes e motivadores, com os seus efeitos multiplicadores.

A reflexão em torno dos conhecimentos adquiridos e da experiência vivida, dos seus aspetos positivos e negativos, num tom crítico e explicativo, permite retirar ilações para o futuro e favorecer uma evolução profissional positiva e constante.

No que diz respeito à montagem e desmontagem de exposições, foi possível integrar o projeto expositivo *José Régio – [Re]visitações à Torre de Marfim*, um projeto que segundo o curador Rui Maia pretende dar a conhecer a alargada produção plástica de José Régio, enquadrando-a com a sua literatura e favorecendo uma visão do artista mais abrangente do que a de mero desenhista. Assim, em articulação com as direções da cultura do Alentejo, Centro e Norte, foi criada uma exposição de dimensão nacional, suportada por um catálogo de referência que garante a perenidade da exposição. Como não podia deixar de ser, dada a presença do espólio de José Régio nesta cidade, o catálogo da exposição foi apresentado no Centro de Memória de Vila do Conde, no dia 7 de dezembro de 2019.

Apesar da participação ter decorrido maioritariamente nos serviços educativos da exposição (ver ponto 2), foi possível também, colaborar na montagem e desmontagem da mesma, tendo sido este o único contacto com este tipo de atividade ao longo do estágio.

A montagem da exposição durou 5 dias, contando com a desmontagem da exposição anterior, limpeza dos espaços e pintura das paredes na cor selecionada pelo curador Rui Maia. Depois da secagem das paredes, procedeu-se à afixação das obras de arte, sob orientação do curador que esteve presente em todo o processo de montagem. Os quadros foram nivelados e colaram-se as legendas, feitas em película autocolante, transparente e escritas na fonte Calibri (ver figura 3).

Figura 9 - Colagem de legendas para a exposição José Régio – (Re)visitações à Torre de Marfim



Fonte: Da autora

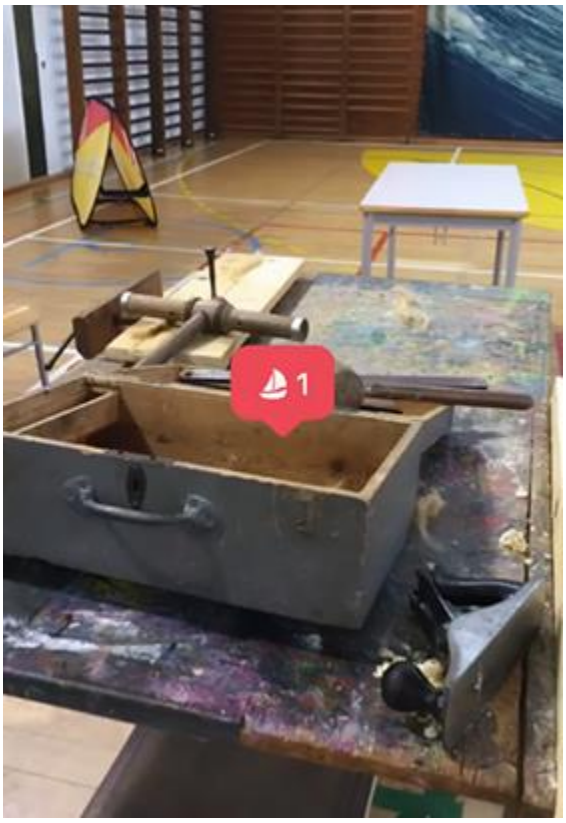
Já na desmontagem da exposição pude apoiar o processo de embalamento de quadros, tapeçarias, livros e vitrinas, que teriam como destino o próximo local o próximo local de exposição. Para o embalamento foi utilizado plástico plástico bolha de ar (polietileno de baixa densidade) e fita de papel, além do envolvimento final em papel celofane. No caso das tapeçarias, recorreu-se a uma espuma de polietileno. Os materiais expostos dividiram-se em três categorias, inventariados por caixas. Assim, separaram-se os materiais que permaneceram no Museu, os materiais levados para o local da próxima exposição e aqueles a devolver a particulares.

Para a exposição José Régio – [Re]visitações à Torre de Marfim o curador Rui Maia pediu a elaboração de um plano de maleta pedagógica. Lamentavelmente, a falta de tempo não permitiu a sua realização integral, tendo de qualquer forma contribuído para o meu estágio enquanto exercício de preparação para a produção da maleta "Aventureiros da Vila Geológica". Assim, foi possível realizar uma atividade para uma

escola e criar um documento com atividades acompanhou a itinerância da exposição, conforme referido anteriormente.

Em termos de serviços educativos, foi possível acompanhar diversas vezes a ação informativa, subordinada ao tema da construção naval, nas escolas do concelho de Vila do Conde. Estas ações são apoiadas por uma maleta pedagógica, composta por diversos objetos necessários à construção e desenho de embarcações. A atividade é sempre acompanhada por um especialista que trabalha no museu. A colaboração nestas ações, permitiu ter contacto com o público-alvo da maleta a construir, desenvolver mais ideias para implementar na mesma e identificar alguns pontos críticos a evitar. No que respeito à maleta dedicada à construção naval, elogia-se a integração de objetos que os construtores navais utilizaram e ainda utilizam. Esta autenticidade motiva o público. A temática da construção naval foi selecionada, uma vez que se enquadra nos objetivos educativos das escolas do concelho, o que permite uma boa articulação com os professores. Quanto aos aspetos negativos, a atividade vê-se condicionada pelo transporte, porque a maleta contém objetos de grandes dimensões, necessitando de mais do que uma pessoa para a carregar e descarregar. As suas grandes dimensões também impossibilitam a sua colocação num contentor único, sendo necessária mais do que uma viagem para colocar os objetos nas escolas, caso a Câmara Municipal não disponibilize a carrinha. Por fim, a falta de um guião ou de anotações não permite que a atividade seja realizada por outros educadores.

Figura 10 - Maleta pedagógica sobre construção naval, montada na escola EB 2/3 Frei João de Vila do Conde



Fonte: Da autora

Do trabalho de teor mais administrativo é de salientar que a maioria das tarefas não se enquadra nos serviços educativos, mas requer competências organizacionais, tanto de espaços como de atividades. O objetivo destas tarefas foi tomar contacto direto com os procedimentos de *backstage*.

Dada a integração prévia na exposição *José Régio – [Re]visitações à Torre de Marfim* foi possível participar na elaboração do seu catálogo. As principais tarefas desenvolvidas neste âmbito foram a verificação da legendagem das figuras desenvolvida pela técnica responsável pela gestão de coleções, do Museu, Dra. Arminda. Esta tarefa foi breve, tendo sido feita num só dia. Já a legendagem dos manuscritos revelou-se mais trabalhosa, tendo sido necessários cinco dias para digitar em computador, normalizar a fonte e tipologia das legendas elaboradas pela Dra. Maria José, técnica responsável pela inventariação e catalogação da coleção de epistolografia da Casa de José Régio.

Entre as atividades de caráter administrativo, destaca-se a reorganização da disposição do acervo documental pertencente à Casa de José Régio, que se encontra na caixa forte, no piso -1. O primeiro passo foi encontrar as primeiras edições de José Régio e separá-las das restantes edições. As primeiras edições foram acondicionadas em caixas de estrogénio e colocadas na respetiva gaveta. De seguida, procedeu-se à organização dos livros da coleção pessoal de José Régio, para serem devolvidos ao Centro de Estudos Regianos de Portalegre. Estes livros foram também colocados em caixas de cartão *acid-free* para acondicionamento e transporte. A cada caixa foi atribuída um número na banda e uma listagem do seu conteúdo. Para simplificar o processo de busca, foram colocadas algumas informações na banda, como o título, o autor, o ano e a edição, no caso de haver mais do que uma. A última tarefa consistiu na confirmação da localização de todos os documentos nas respetivas gavetas e legendagem das mesmas.

Figura 11- Processo de organização do cofre



Fonte: Da autora

Ao longo do estágio também desempenhadas pequenas tarefas, como, por exemplo, a dobragem de brochuras do Museu de Vila do Conde, do Museu das Rendas

de Bilros e do Circuito Cultural de Vila do Conde. Noutra ocasião, procedeu-se à colocação em envelope de convites para uma exposição na Biblioteca Municipal de Vila do Conde.

Figura 12- Processo de organização do cofre: etiquetas dos gavetões



Fonte: Da autora

Também se realizou uma pesquisa de todas as bibliotecas municipais do país, para posterior envio do catálogo da exposição *José Régio – [Re]visitações à Torre de Marfim*. A base de dados assim construída contempla o nome da instituição, a morada e o contacto administrativo.

Por fim, durante a conferência de apresentação do catálogo da referida exposição, foi necessário substituir uma colega da receção. Desta forma, os convidados foram encaminhados aos seus lugares, foram esclarecidas dúvidas (horários, oradores, etc.) e entregue uma cópia gratuita do catálogo.

Estas tarefas mais básicas, geralmente inseridas num método de trabalho segmentado, foram essenciais para a integração na equipa e para favorecer a boa gestão do tempo, sempre escasso.

As atividades desenvolvidas durante o estágio foram acompanhadas de perto pela orientadora, Professora Doutora Alice Semedo, e pelos colegas de Mestrado, mediante a entrega de relatórios semanais[10] e postagem de fotografias na rede social *Instagram*[11]. Desta forma, garantiu-se a transmissão de informação pública e privada ao longo de todo o estágio.

As postagens *online* retratam principalmente tarefas de *backstage*, situações engraçadas, progressos na construção da maleta "Aventureiros da Vila Geológica", as atividades pedagógicas desenvolvidas, entre outros. Por sua vez, nos relatórios semanais apresentaram-se à orientadora conteúdos mais específicos, como leituras realizadas, textos desenvolvidos e burocracia interna do Museu e do Mestrado.

Estas postagens *online* foram muito importantes porque permitiram perceber as vantagens de utilização de redes sociais autónomas. Atualmente, o Museu não participa em qualquer rede social e não tem *Website* onde possa colocar conteúdos livremente. A colocação, no facebook da Camara Municípal de Vila do Conde, das notas informativas respeitantes ao Museu de Vila do Conde, são da responsabilidade do Gabinete de Comunicação.

Durante as 400 horas de estágio, foram feitas 50 publicações, na forma de vídeo, foto, *boomerang* e outras, algumas marcadas pelo humor, outras explicativas dos processos museológicos, outras mais noticiosas. Em média cada post obteve entre 300 a 500 visualizações. Portanto, em média, nos meses do estágio curricular, 15 000 pessoas estavam a observar conteúdos do Museu, sendo que a faixa etária de quem visualiza se encontra entre os 16 e os 30 anos, o público que menos frequenta o Centro

[10] Ver apêndice D
[11] Ver apêndice E

de Memória. Foi possível concluir que pelo menos 15 visitas resultaram das postagens. Em apêndice estão algumas das histórias publicadas ao longo do estágio.[12]

Em suma, do ponto de vista do Museu, as postagens no *Instagram* deram a confirmação da necessidade de participar ativamente nas redes sociais, com curadoria de conteúdos independente, de modo a despertar interesse no público mais jovem. Do ponto de vista do Mestrado, este formato permitiu comunicar assiduamente com a orientadora e coorientadora, que assim acompanharam a realização do estágio e os métodos de trabalho utilizados.

As 400 horas de estágio curricular permitiram tomar contacto com diferentes ferramentas e métodos de trabalho, favorecendo a integração de novos conhecimentos. Destaca-se o primeiro contacto com as plataformas digitais utilizadas pelos museus, como o *Inarte* para inventariação e o programa de caixa (faturação) da receção.

Foi instituída uma prática de trabalho de equipa com indivíduos de diferentes idades e ritmos de trabalho. Se por vezes se torna frustrante trabalhar em equipa, também se encontram pessoas com ritmos de trabalho e espíritos produtivos semelhantes, o que favorece o desenvolvimento pessoal e profissional.

Durante o estágio foram realizadas tarefas de caráter administrativo rotineiras ou quotidianas, que permitiram aprofundar conhecimentos relacionados com o normal funcionamento de um Museu. Notou-se alguma desorganização na distribuição de tarefas pelos departamentos, muito devido a conflitos internos e choques de personalidades. Contudo, esta desorganização, que gera algum mau ambiente, não se verificou no departamento do Museu e no de Arqueologia. Aqui, não se observaram conflitos e tudo funcionou ordenadamente, com respeito pelos ritmos de cada um, num espírito de entreajuda mútua.

A escolha do espço como local para realização do estágio deveu-se à liberdade criativa e incentivo à inovação, defendidos pela coordenação do Museu de Vila do Conde. Ao longo do estágio, as tarefas nunca me foram atribuídas como ordens, mas

[12] Ver apêndice E

sim como sugestões, tanto por parte dos colegas como da coordenação. Também o ato de voluntariado para a realização de algumas tarefas foi importante. A equipa do departamento do Museu, cedo se apercebeu do meu gosto e aptidão para as tarefas de organização, estruturação e planificação, tendo sido estas ..as sugeridas com maior frequência e em que o feedback foi mais positivo.

Em conclusão, a experiência de estágio no Museu de Vila do Conde foi positiva, tanto para a futura carreira profissional, como para o desenvolvimento de competências pessoais. É um excelente local para realizar estágios curriculares, pela disponibilidade de todos, pela capacidade de integração de elementos novos e pelos métodos já utilizados. Como qualquer instituição pública, tem os seus problemas, mas destaco os esforços de modernização, o interesse em aplicar os preceitos da Nova Museologia, tanto nas suas exposições como em todos os processos museológicos. É de destacar a qualidade das suas reservas e cofres, que, apesar de alguns problemas de manutenção, considero serem superiores àquelas que conheci no grande Porto.

Pelas pessoas que lá trabalham, pelas instalações e até pelos problemas considero que o Museu de Vila do Conde um local de aprendizagem perfeito para a realização de estágios curriculares, já que oferece uma experiência equilibrada e realista do que é trabalhar em Museologia em Portugal.

Considerações Finais

Termina o presente relatório com uma reflexão que aglomera os pensamentos, ideias e aprendizagens decorrentes de todo o processo de estágio. Nesta fase, pretende-se também esboçar um futuro profissional na área dos serviços educativos museológicos, atendendo às recomendações e propostas de intervenção suscitadas pela criação da maleta pedagógica "Aventureiros da Vila Geológica".

Antes de dar início ao estágio propriamente dito, foi entregue um plano de trabalhos no qual se encontravam definidos os principais objetivos quer para as 400 horas de práticas em contexto de trabalho, quer para a tese resultante da análise da experiência. Sendo o objetivo principal a aquisição de conhecimentos geradores de novas perspetivas e novas intervenções no contexto da Museologia, conclui-se que as 400 horas foram integralmente cumpridas e que as aprendizagens aí assimiladas permitiram compreender melhor as dificuldades de gestão e organização dos serviços educativos. Acredita-se que essas dificuldades são comuns à maioria das instituições museológicas nacionais, sendo assim possível concluir que a realidade aí vivida será a realidade futura em qualquer museu. Acresce que a necessidade de redigir o presente relatório final levou também à descoberta de referências bibliográficas válidas e à aprendizagem de regras de redação académica e científica. Este saber adquirido poderá beneficiar sobremaneira intervenções futuras, na medida em que mais facilmente se poderá pesquisar fontes, e adaptar modelos teóricos já existentes, analisar o trabalho de outros especialistas e proceder à divulgação do trabalho realizado em qualquer projeto museológico. Disseminar os conhecimentos adquiridos pela experiência passa então a ser um objetivo pessoal.

Tendo em conta os objetivos específicos redigidos no plano de trabalhos inicial, é possível concluir que o estágio curricular permitiu consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no primeiro ano do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Apesar de este projeto de estágio se ter focado primordialmente nos serviços educativos museológicos, algumas tarefas

desempenhadas durante o estágio permitiram ativar e consolidar conhecimentos de diversas disciplinas, nomeadamente Conservação Preventiva e Organização e Gestão de Museus. Além do mais, as competências práticas adquiridas no âmbito de ações mais generalizadas, como montagem e desmontagem de exposições e colaboração na organização e gestão de eventos, permitem considerar o estágio um momento de aprendizagem significativo para quem pretende seguir carreira num museu, uma experiência de pré-profissionalização que confere conhecimento, competências técnicas e confiança.

No que concerne, especificamente, à construção da maleta "Aventureiros da Vila Geológica", o objetivo principal de prover o Museu de Vila do Conde de uma maleta pedagógica funcional, experimentada e validada, não foi integralmente cumprido. Devido à declaração do Estado de Emergência a 18 de março do corrente ano, o Centro de Memória viu-se obrigado a encerrar portas, não tendo sido possível realizar uma sessão experimental com público escolar. Fica a recomendação de concluir a construção da maleta e aplicá-la no terreno na maior brevidade possível. O trabalho já realizado não deve ser "desperdiçado" e tudo se encontra definido de forma a permitir a utilização da maleta, mesmo nas condições de exceção que venham a ser definidas para as visitas a museus. Assim, ao tratar-se de uma atividade que se realiza maioritariamente ao ar livre e cujas atividades em sala podem ser realizadas em pequenos grupos, acredita-se ser possível colocar esta maleta ao serviço do Museu e das Escolas, com garantia de salvaguarda das regras emanadas pela DGS - Direção Geral de Saúde.

Apesar da não validação integral, o trabalho realizado cumpriu muitos outros objetivos, nomeadamente a apresentação de um dispositivo um dispositivo educativo e que favorecesse a aprendizagem através de novas metodologias e práticas que promovem uma melhoria contínua dos serviços educativos da instituição. Assim, a maleta criada pretende promover a aprendizagem pelo toque, pela brincadeira, pela descoberta, criatividade e invenção. Do ponto de vista do museu, os procedimentos adotados para a construção da maleta permitem mostrar que "abrir as mentes" dos educadores a novas ferramentas pedagógicas, com ousadia e pressupostos sólidos, de baixo custo e grande impacto, é uma possibilidade real e praticável. Mesmo atendendo

às necessidades específicas do Museu não se deixou de provar que este caso de estudo específico é personalizável, ou seja, que pode ser aplicado por outras instituições, com outras coleções e até mesmo para outros públicos.

A situação de pandemia em que vivemos levanta muitas questões, assegura um futuro incerto e causa grande ansiedade e incerteza aos profissionais dos museus. Irá deixar de haver serviços educativos nos museus? As visitas guiadas vão ter restrições quanto ao número de indivíduos por grupo? Vai ser possível manter distâncias de segurança? Com o financiamento atual, como arranjar materiais de uso individual? Terão de parar as atividades porque não há financiamento para materiais pedagógicos individuais? O que vai acontecer aos educadores e equipas educativas dos museus? Estas e outras questões atuais não têm ainda resposta. No entanto, museólogos e educadores têm de encontrar resposta a estas questões e adaptar a sua ação à nova realidade.

Tendo em conta as restrições atuais, apresentar um projeto que implica a aprendizagem pelo toque pode parecer extemporâneo. Na verdade, os museus estão cada vez mais comprometidos com a transição para a Internet. Como se verificou durante a fase mais dramática do confinamento social, numa altura em que houve tempo para visitar museus e conhecer coleções *online*, os portugueses encontraram uma grande variedade de museus internacionais com atividades e exposições virtuais. Infelizmente, são poucos os exemplos nacionais. Esta constatação da necessidade de alargar o público dos museus e de, em simultâneo, chegar a todos por outras vias que não as visitas físicas, abre uma janela de oportunidades para que museólogos e técnicos de serviços educativos repensem a forma de estar e trabalhar no museu. A partilha de informação e conhecimento, e a articulação entre instituições torna-se crucial para que o património cultural seja conhecido de todos.

O período histórico que agora se vive pode ser encarado como ideal para construir e promover mais serviços museológicos *online*. A criação de atividades didáticas e lúdicas nos *websites* das instituições, a promoção das redes sociais a plataformas de comunicação por excelência, criando *trends* e desafios aos seguidores, a

disponibilização de imprimíveis, são alguns exemplos de adaptação à nova realidade e às atuais necessidades.

Numa tentativa de integrar a maleta pedagógica no novo contexto de museu virtual, é possível disponibilizar para impressão os guiões da atividade "Geologia Daqui a Além" de forma a que pais ou educadores a possam desenvolver autonomamente, com grupos pequenos ou mesmo em família.

Mesmo numa fase como a atual, as maletas e kits pedagógicos não perdem relevância, antes pelo contrário. Ao tratar-se de dispositivos móveis, podem facilmente ser enviados para outras instituições, incluindo escolas, permitindo a sua exploração em contexto de sala de aula. Para isso, é necessário que a maleta passe a conter luvas descartáveis e desinfetante de base alcoólica para que após cada utilização se possa proceder à higienização dos objetos manuseáveis e da própria maleta[13]. A decisão tomada em contexto de estágio de prover a maleta de guiões de procedimentos passo a passo para cada atividade torna-se agora uma mais-valia significativa, já que permite a realização das atividades por qualquer professor, auxiliar ou técnico. Neste cenário, o museu fica encarregue de receber os pedidos de utilização da maleta, entregá-la e levantá-la onde solicitado e garantir a sua integridade.

Ainda no contexto da aprendizagem através do manuseamento de objetos museológicos, a proposta do Instituto Smithsonian, situado em Washington D.C., de criar uma base de dados de objetos virtuais 3D parece abrir mais uma janela de oportunidades. Tal como se explica no vídeo promocional da instituição (Smithsonian's DPO, 2013), às coleções dos museus ou alguns objetos específicos podem ser transformados em objetos 3D que o público alvo projeta e manipula nos seus computadores ou reduplica numa impressora 3D. Desta forma, promove-se um contacto físico entre objetos e indivíduos, com todas as vantagens de motivação, assimilação e descoberta que foram sendo defendidas no presente relatório.

[13] As normas de segurança e higienização neste caso concreto devem ser definidas por Técnicos de Higiene e Segurança, de acordo com as regras definidas ou a definir pela Direção-Geral de Saúde para manuseamento de materiais em espaços educativos ou outros.

É importante destacar agora que o desenvolvimento de maletas e kits pedagógicos é um processo complexo e relativamente demorado. No entanto, as equipas educativas que investem o seu tempo na criação deste tipo de mecanismos, na sua adaptação à itinerância na sua promoção através das redes sociais e *websites* salvaguardam quer a importância dada à sua profissão, quer a manutenção da sua missão, isto é, promover aprendizagens e ligações afetivas entre objetos museológicos e indivíduos. É possível que um trabalho realizado com entusiasmo, gosto e dedicação seja bem sucedido e gere efeitos multiplicadores, podendo ser uma nova via para despertar o interesse do público pelos museus portugueses.

Ao longo do estágio curricular foi possível tomar conhecimento da realidade do Museu de Vila do Conde. Seguidamente, apresentam-se algumas observações e recomendações, na forma de críticas construtivas, que permitem melhorar alguns aspetos dos serviços educativos do Museu e por extensão de outras instituições museológicas nacionais.

Em primeiro lugar, destaca-se a criação de uma equipa de serviços educativos especializada, sob a alçada do departamento do museu, já que a sua inexistência compromete quer a missão do museu, quer os preceitos da Nova Museologia. Em segundo lugar, não se pode deixar de dar destaque à necessidade de criar outros mecanismos para comunicação com o público através das redes sociais. Ao longo do estágio, tornou-se evidente que a forma como foi utilizado o *Instagram* para divulgação das atividades do museu (ver ponto 3 deste relatório) contribuiu para uma maior visibilidade e maior número de visitas. Assim, recomenda-se que se crie, pelo menos, uma conta de *Facebook*, de *Instagram* e de *Twitter* nas quais se possam publicar novidades, fazer diretos, promover atividades e interagir de forma mais descontraída com o público. Desta forma a presença *online* do Museu sairá favorecida, além de ser mais fácil obter feedback dos seguidores e veicular uma mensagem que representam genuinamente o quotidiano do museu, dos seus funcionários e dos seus serviços.

Ainda no mundo digital, cabe esclarecer que o Museu de Vila do Conde não possui *website* próprio, por isso se defende a sua criação como algo essencial. Os *websites* podem ser uma ferramenta extremamente importante para dinamizar os

museus, com a possibilidade de realizar exposições virtuais, enviar *newsletter* ao público e a instituições parceiras, gerir contactos e outras formas de comunicação, apresentar as maletas pedagógicas e permitir a sua requisição, entre outras ações que só poderão favorecer a imagem e a missão do museu.

A experiência vivida durante o estágio permite propor também algumas estratégias de investigação e intervenção que podem ser executadas futuramente. Neste sentido, propõe-se a criação de guiões de atividades para outros públicos que acompanhem a maleta pedagógica "Aventureiros da Vila Geológica", com o objetivo de tornar o projeto mais inclusivo e abrangente. Destaca-se a possibilidade de adaptação dos conteúdos a indivíduos invisuais, por exemplo, mediante a escrita em Braile e outras pequenas adaptações. Ao ser uma maleta que privilegia a aprendizagem pelo toque a sua utilização com este público específico só valorizaria ainda mais o seu potencial didático.

Para o mundo digital, já se apresentou a proposta de criação de visitas virtuais ao Museu de Vila do Conde. Agora, cabe realçar que o conhecimento que se adquira dessa intervenção pode também ser utilizado para criar uma visita virtual ao Colégio de São José, com uma reconstituição digital histórica do cenário e a dinamização de uma aula *online* de Geologia, ministrada por João Batista, por exemplo. Ambas as atividades podem estar disponíveis na plataforma *Google Maps*. O contacto com o Colégio e a sua coleção despoletou uma série de outras ideias para eventos futuros. Nomeadamente a criação de uma exposição temporária de rochas, minerais e fósseis nesse espaço e a organização de um congresso ou ciclo de conferências em torno do tema da Educação no Estado Novo, em simultâneo.

O espólio de documentação pertencente à família Casal Pelayo, fundadora do Colégio de São José, está por analisar. Constituído por caixas e caixas de documentos da época do Estado Novo, cartas, planos, fotografias, cadernos, etc., este espólio merece um olhar atento por parte de estudantes e investigadores. Poderá caber ao Centro de Memória de Vila do Conde proceder à digitalização desses documentos e torná-los públicos. Desta divulgação poderão surgir trabalhos académicos e de investigação relevantes para Vila do Conde e para todo o país. Desde abordagens históricas e

económicas da época, ao estudo da genealogia e impacto social desta família, a investigações sociológicas sobre a educação, a desigualdade de género no acesso ao Colégio, entre muitos outros temas.

Por fim, a constituição de uma equipa dedicada em exclusivo à criação de maletas pedagógicas já se inscreve no campo das utopias. No entanto, não se pode deixar de realçar que essa realidade permitiria criar mais maletas pedagógicas, para diversas coleções e públicos, garantindo a sua utilização sistemática e a sua atualização constante. Inserida nos serviços educativos, esta equipa teria por principal missão garantir um contacto permanente entre o público e as coleções do museu, gerando grande visibilidade e um impacto incalculável no cumprimento da missão educativa.

A nível mais pessoal, a experiência de estágio revelou-se uma fonte inesgotável de aprendizagem interpessoal. Trabalhar com uma equipa vasta e diversa, com diferentes ritmos e formas de trabalho, permitiu aprender procedimentos burocráticos diversos, quer na montagem de exposições, na requisição de materiais, na redação de solicitações, documentação de apoio, entre outros. Trabalhar com objetivos e tarefas diárias, flexibilizando horários de trabalho e cumprindo *deadlines* foi mais um campo de aprendizagem, além da adequação e assertividade necessárias à comunicação de ideias novas e à sua aceitação por parte dos colegas de equipa.

A liberdade criativa oferecida pelo Museu e a integração fluida numa equipa de trabalho em que o bom ambiente impera foram fatores essenciais para que os objetivos pessoais, académicos e profissionais fossem cumpridos. A possibilidade de participar em grandes projetos, como a exposição "*José Régio – [Re]visitações à Torre de Marfim*", e de organizar o tempo por tarefas e não por horas permitiu que o cumprimento das 400 horas exigidas para os estágios da Universidade do Porto quer um ganho de confiança na capacidade de trabalhar nesta área e desenvolver projetos inovadores e de grande impacto educativo.

Espera-se que a leitura do relatório de estágio que agora se conclui seja elucidativa das potencialidades das maletas pedagógicas no cumprimento de objetivos e da missão dos museus nacionais.

Referências Bibliográficas

Aguiar, L. (2018). Ver, tocar e sentir a Maia. Um Projeto de Mediação Patrimonial no Museu de História e Etnologia da Terra da Maia (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Porto, Portugal

Bonini, L. A. & Sbragia, R. (2011). O modelo de design thinking como indutor da inovação nas empresas: um estudo empírico. *Revista de Gestão e Projetos-GeP*, *2*(1), 3-25.

Bonito, J. (Coord.) (2013). *Metas Curriculares. Ensino Básico. Ciências Naturais*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
(Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_cn_metas_curriculares_5_6_7_8_ano_0.pdf; consultado a 29/04/2020)

Braga, A. M. S. (2019). *O papel educativo do Museu de Olaria e o seu contributo para a educação artística: reflexões sobre estratégias de sensibilização e valorização de uma arte identitária de Barcelos* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), Viana do Castelo, Portugal.

Brown, T. (2018). *Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias*. Rio de Janeiro: Alta Books Editora.

Cabanas, J. M. Q. (2002). *Teoria da educação: Concepção antinómica da educação*. Porto: Asa.

Cavalcanti, C. M. C. (2014). Design Thinking como metodologia de pesquisa para concepção de um Ambiente Virtual de Aprendizagem centrado no usuário. *Anais do SIED:EnPED-Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância*.

CMVC (2013). Vila do Conde - Tempo e território. In CMVC (Ed.). *Museu de Vila do Conde - Vila do conde exposição permanente*, *vol.I.* Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde.

Coles, A. & McGrath, J. (2010). *Your Education Research Project Handbook*. Londres: Pearson PLC.

Dewhurst, M., & Hendrick, K. (2016). Dismantling racism in museum education. *Journal of Folklore and Education*, *vol. 3*, 25-30.

Dudley, S. (Ed.) (2009). *Museum materialities. Objects, Engagements, Interpretations*. Nova Iorque: Routledge.

Dugosh, K. L., Paulus, P. B., Roland, E. J. & Yang, H. C. (2000). Cognitive stimulation in brainstorming. *Journal of Personality and Social Psychology*, *79*(5), 722-735.

Ernst, W. (1971). Minerais e Rochas, Ed. *Edgard Blucher Ltda*.

Falk, J. H. & Dierking, L. D. (2000). Learning from Museums: Visitors experience and the making of meaning. Califórnia: Altamira Press.

Hein, G. E. (2006). Museum education. In Macdonald, S. (Ed.) *A Companion to Museum Studies*, 340-352. Reino Unido: Wiley-Blackwell.

Hooper-Greenhill, E. (2007). *Museums and education: Purpose, pedagogy, performance*. Nova Iorque: Routledge.

Jant, E. A., Haden, C. A., Uttal, D. H., & Babcock, E. (2014). Conversation and object manipulation influence children's learning in a museum. *Child development*, *85*(5), 2029-2045.

Leão, I. P. de (2005). Entre a abnegação e a altivez (em torno da Biografia de José Régio). In Marques, J. F. & Novais, I. C. (2005). *Estudos Regianos*, Nº 14/15, II Série (pp. 35-42). Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos

Mangas, C., Freire, C. & Santos, O. (2018). ProLearn4ALL – Maletas Pedagógicas para todos. Um projeto em curso. *In* Alves, D., Pinto, H.G., Dias, I.S., Abreu, M.O. & Muñoz, R.G. (2018). *Livro de Atas da VII Conferência Internacional Investigação, Práticas e Contextos em Educação*. pp. 231-235. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

Martin, A. J., Durksen, T. L., Williamson, D., Kiss, J., & Ginns, P. (2016). The role of a museum-based science education program in promoting content knowledge and science motivation. *Journal of Research in Science Teaching*, *53*(9), 1364-1384.

ME (s/d). *1.º Ciclo Ensino Básico. Organização Curricular e Programas. Estudo do Meio.* (4.ª Ed.). Lisboa: Ministério da Educação.

(disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Estudo_Meio/eb_em_programa_1c.pdf; consultado a 29/04/2020)

Measures, K. & Bland, A. (2014) *Behind Closed Door. A mini toolkit to unlock an amazing stores experience*. Bethany, UK: Heritage Insider

Murphy, M. P. A. & Rose, D. (2019). Curator's curiosities: Active Learning as Interpretive Pedagogy. *Journal of Museum Education*, *44*(1), 81-88.

Rubio, A. I. G. (2000). La Maleta Pedagógica: un proyecto educativo para el Museo Nacional de Machado de Castro. *Imafronte 15*, 85-102.

Semedo, A. (2019) Toolbox: Museus. Património. Educação. Documento não publicado. Porto: Faculdade de letras da Universidade do Porto.

Semedo, A., Ganga, R., & Oliveira, C. (2018). *Visitar museus e monumentos: um estudo piloto de fatores motivacionais*. Porto: CITCEM.

Semedo, A., Fontal, O., & Ibañez, A. (2017). Objetos e museus: biografias, narrativas e vínculos identitários. *MIDAS (Online), 8*. DOI : 10.4000/midas.1169

Serrão, A. (2019). Resumo das actividades do Museu entre agosto e novembro. Relatório enviado à Câmara Municipal de Vila do Conde.

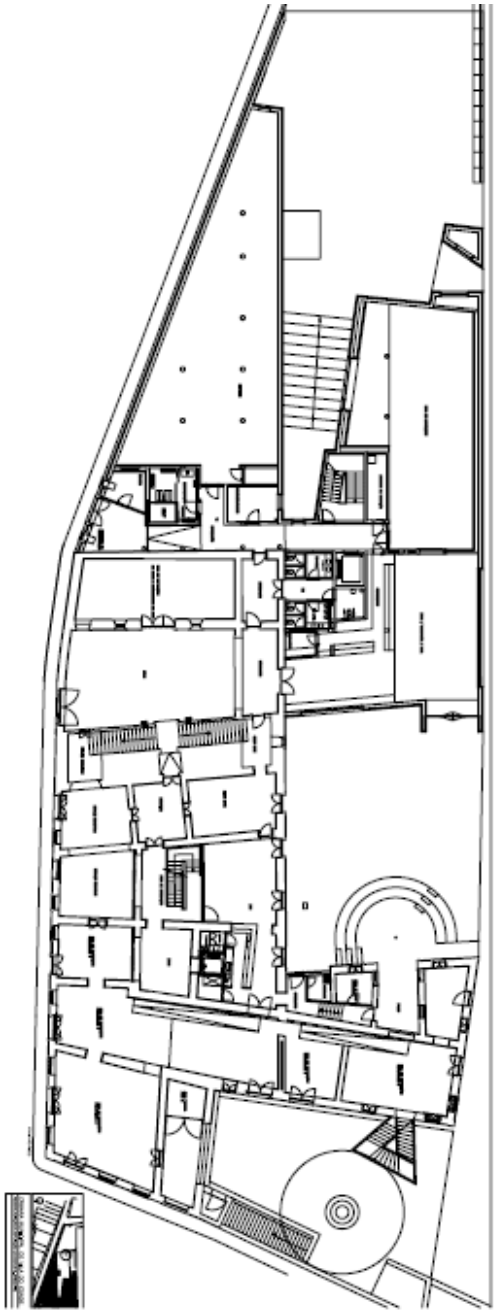
Smitshonian's DPO (Digitalization Program Office) (2013, novembro 13). Smithsonian

Talboys, G. K. (2005). *Museum Educator's Handbook*. (2ª Edição). Hants: Ashgate Publishing Limited.

Anexos

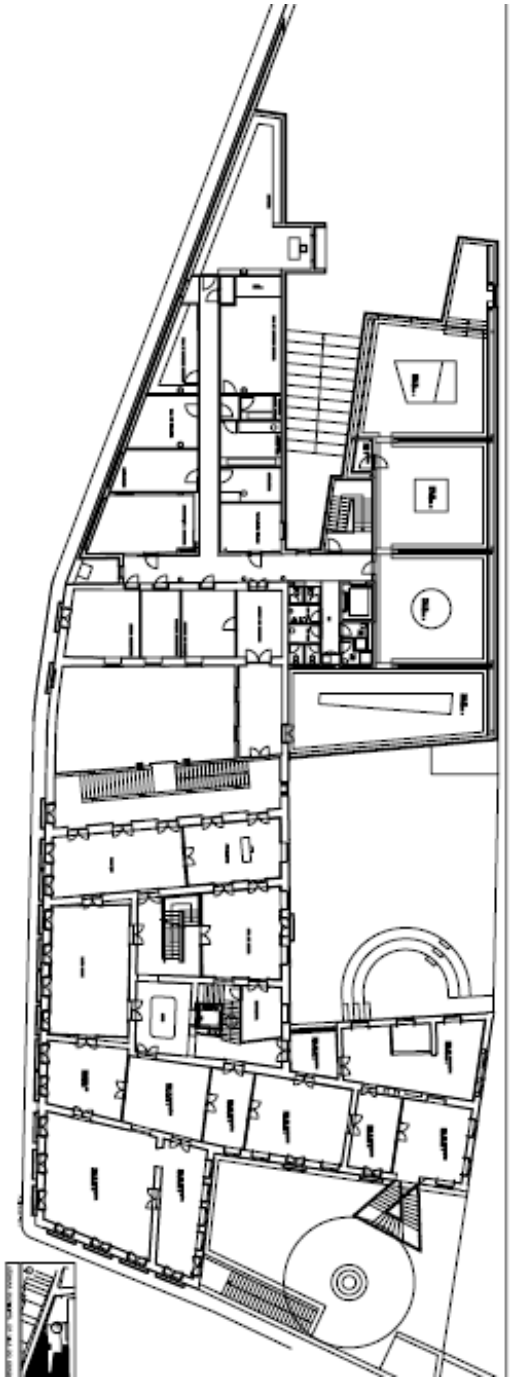
Anexo A – Plantas do Memória de Vila do Conde

Piso 0



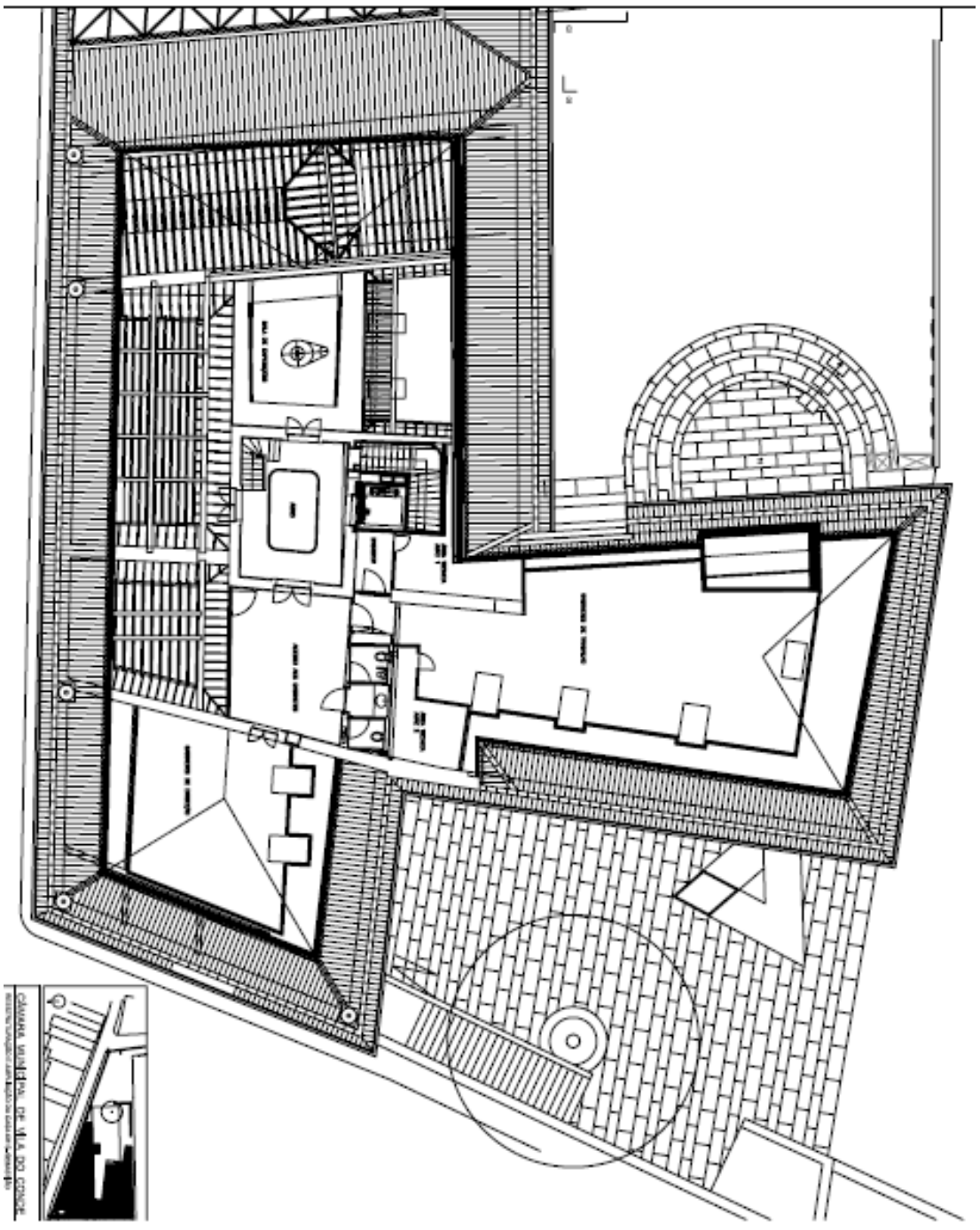
Fonte: Ivone Pereira

Piso 1



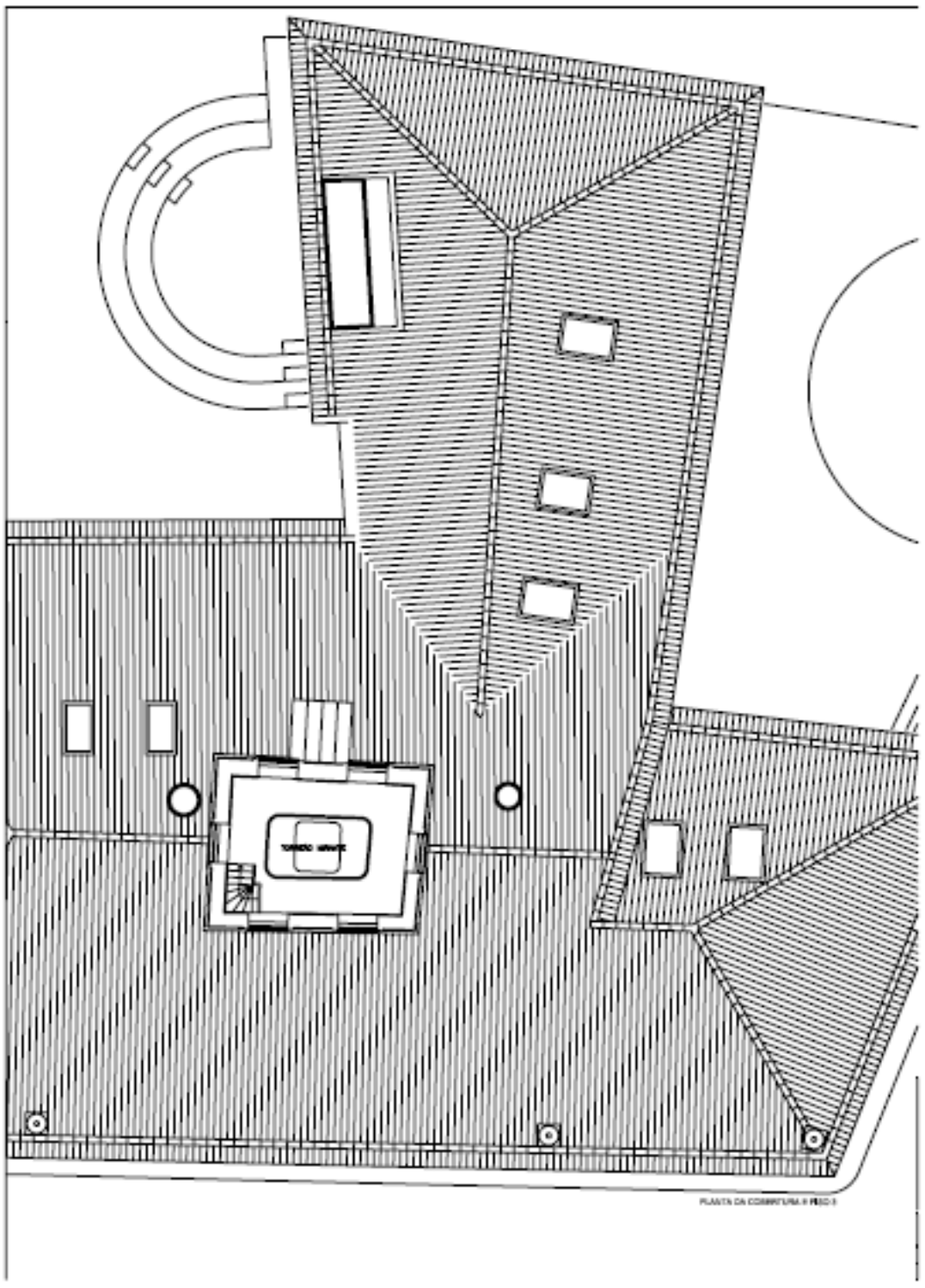
Fonte: Ivone Pereira

Piso 2



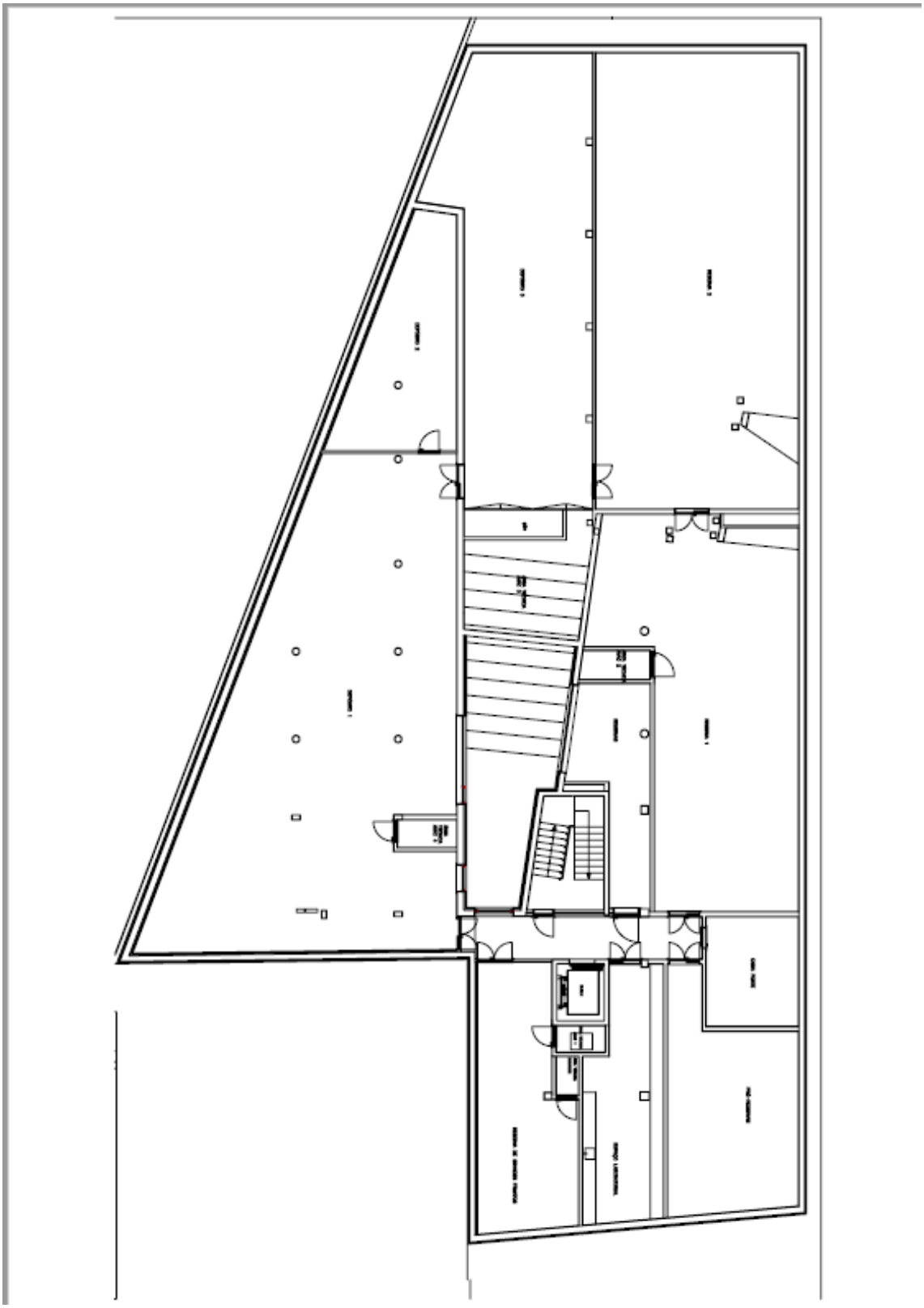
Fonte: Ivone Pereira

Piso 3



Fonte: Ivone Pereira

Piso -1



Fonte: Ivone Pereira

Anexo B - Pedido ao aprovisionamento

De: Ana Serrão
Enviada: 18 de fevereiro de 2020 14:41
Para: Antonio Manuel <antonio.manuel@cm-viladoconde.pt>
Assunto: pedido de material para compra

Boa tarde,

Precisava de ajuda aqui para o desenvolvimento de uma atividade no museu, relacionada com um estágio que estamos a receber de uma aluna de mestrado que preparou o desenvolvimento de uma atividade, uma Maleta pedagógica sobre Minerais.

Da lista de materiais que me apresentou e que segue a baixo, estive a tentar encontrar um fornecedor único e não consigo, portanto vou preparar a informação do material que não existe nos serviços, e apresentar um valor estimado de 100€ para compra o restante material, e espero que vocês me consigam adquirir o material em tempo útil… Pode ser?!

- Papel A4 (Aprovisionamento)
- Papel etiqueta A4 (fornecedor externo: Continente/Jborda/Bijubrinque)
- Cartolina branca (Aprovisionamento)
- 10Kg Pasta para modelagem – cor terracota (fornecedor externo: Continente/Jborda/Bijubrinque)
- 10 Kg Pasta para modelagem – cor branca (fornecedor externo: Continente/Jborda/Bijubrinque)
- Bicabornato de sódio (4 latas/aproximadamente 400g) (Continente)
- Vinagre (5 garrafas /aproximadamente 4L) (Aprovisionamento)
- 2 embalagens de Sabonete Liquido (5L) (Aprovisionamento)
- Óleo Alimentar (5L) (fornecedor externo: Continente/Jborda/Bijubrinque)
- Mochila Escolar (fornecedor externo: Continente/Jborda/Bijubrinque)
- 2 blocos de folhas de papel milimétrico (fornecedor externo: Jborda/Bijubrinque)
- Pen 16/32Gb (Aprovisionamento)

Atenciosamente,

Ana Serrão

Museu de Vila do Conde

Largo de S. Sebastião

4480-706 Vila do Conde

+351 252 248 468

+351 931 100 035

www.cm-viladoconde.pt

Anexo C – Informação de pedido de compra de materiais

Vila do Conde
Câmara Municipal

INFORMAÇÃO nº 2356/20

DATA:	2020/02/19		
NIPG:	5372/20	DE:	ANA CRISTINA MONTEIRO SERRÃO
REGISTO (DOC):	2356/20	PARA:	MARTA CONCEICAO PEREIRA TAVARES MIRANDA
CLASSIFICADOR:		ASSUNTO:	AQUISIÇÃO DE MATERIAL - MALETA DOS MINERAIS
PROCESSO:			

PARECER / DESPACHO:

Remete-se à consideração da Sr.ª Presidente.
Marta Conceição Pereira Tavares Miranda
28-02-2020

Concordo.
Proceda-se nos termos legais.

INFORMAÇÃO

OBJETO (o que se pretende)

Aquisição de Material para o desenvolvimento de atividade de Serviço Educativo – Maleta dos Minerais

ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DA NECESSIDADE DA AQUISIÇÃO DE BENS / SERVIÇOS / EMPREITADA (enquadramento e fundamentação do que se pretende)

No seguimento do Protocolo de cooperação para a realização de um estágio do 2º ciclo de estudos em Museologia, e por forma a dinamizar o Serviço Educativo do museu, promovendo o envolvimento, a fruição cultural e apreensão dos conteúdos temáticos, através de momentos favorecedores do desenvolvimento e satisfação pessoal, estão a ser preparadas atividades que contemplam a criação de Maletas pedagógicas.
A primeira destas, a Maleta dos Minerais, pretende dar a conhecer uma temática ainda pouco explorada, a partir de uma considerável coleção do nosso espólio, guardada na reserva do nosso núcleo central.
A atividade destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos de idade, podendo ser dinamizada no espaço do museu, como também, nas próprias escolas, cumprindo uma necessidade cada vez mais premente de 'levar o museu à escola'.

Vila do Conde
Câmara Municipal

CUSTO ESTIMADO E RESPETIVA FUNDAMENTAÇÃO (não incluir o IVA)

Tendo por objetivo a prossecução da supramencionada atividade, e por não ser possível a aquisição da totalidade do material necessário por intermédio dos serviços de aprovisionamento, venho pela presente propor a aquisição do restante material, em lista anexa, pelo valor de 55,00€, acrescido de IVA, à taxa legal em vigor, de acordo com orçamento anexo.

JUSTIFICAÇÃO DA NÃO DIVISÃO EM LOTES (artigo 46º-a do CCP, para bens e serviços de valor superior a 135.000 € e empreitadas de valor superior a 500.000 €)

N/A

CONTRATO MISTO (BENS E SERVIÇOS)? (se sim, indicar o valor ou parcela correspondente a cada um: ex. Bens 35%, Serviços 65%)

N/A

FUNDAMENTAÇÃO DO ACRÉSCIMO DE DESPESA (para contratos de prestação de serviços ou contratos mistos, em que prevalece o custo previsto com serviços, com idêntico objeto, face a anos anteriores)

N/A

TIPO DE PROCEDIMENTO SUGERIDO

Ajuste direto, regime simplificado (artigo 128º CCP) – Anexar orçamento

PRAZO PARA APRESENTAÇÃO DE PROPOSTA

(ajuste direto e consulta prévia, não há prazo mínimo, devendo, contudo, ser definido um prazo razoável tendo em conta o objeto; concurso publico: bens e serviços – mínimo 6 dias; empreitadas – mínimo 14 dias; concurso público internacional: 30 dias)

N/A

EMPRESA(S) A CONVIDAR / ADJUDICAR (fundamentar a escolha e juntar os endereços postal, eletrónico e o NIPC)

Em caso de parecer favorável, proponho o procedimento de ajuste direto simplificado à empresa TWOB, Keep s Paper Unipessoal, Lda, situada na Rua 7 – Lt. 13 B – Z, Zona Industrial da Varziela, 4485-252 Fajozes, Vila do Conde, com NIF 500 618 674, telefone 252 248 080 e e-mail geral@twob.pt, por ser uma empresa da especialidade.

PRAZO DE EXECUÇÃO DOS TRABALHOS OU FORNECIMENTO DOS BENS

20 dias

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

Após entrega do material e apresentação da respetiva fatura

PENALIDADES CONTRATUAIS (que deverão ser introduzidas no Caderno de Encargos)

N/A

Vila do Conde
Câmara Municipal

DOCUMENTOS QUE DEVERÃO INTEGRAR A PROPOSTA N/A
O FORNECIMENTO / SERVIÇOS / EMPREITADA É OBJETO DE CANDIDATURA A FUNDOS COMUNITÁRIOS? (em caso afirmativo, indicar se a candidatura já foi aprovada ou não) N/A
O PROCEDIMENTO ESTÁ SUJEITO A PARECERES TÉCNICOS, LICENCIAMENTOS E AUTORIZAÇÕES PRÉVIAS? (em caso afirmativo, quais? (cf. artigo 36º, nº 5 do CCP)) N/A
ESTÃO CUMPRIDOS OS REQUISITOS DO ARTIGO 43º DO CCP (ELEMENTOS DE SOLUÇÃO DA OBRA)? (no caso de empreitadas) N/A
EXISTEM REQUISITOS PARA A HABILITAÇÃO DO ADJUDICATÁRIO? (por exemplo, alvarás, certificações, etc. No caso de empreitadas, indicar as categorias e subcategorias de alvará) N/A
ESTUDOS PARECERES, PROJETOS, CONSULTADORIA E OUTROS TRABALHOS ESPECIALIZADOS (justificar o carácter excecional da contratação dos serviços e a impossibilidade de satisfação das necessidades por via de recursos próprios, conforme previsto no artigo 61º da LOE/2019) N/A
CRITÉRIO DE ADJUDICAÇÃO (se não for considerado apenas o "preço", indicar fatores / subfatores de ponderação, respetiva forma de avaliação e eventuais fórmulas) N/A
ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS QUE DEVERÃO CONSTAR DO CADERNO DE ENCARGOS N/A
CONSTITUIÇÃO DO JÚRI (a existir, sugerir 3 efetivos e 2 suplentes) N/A
GESTOR DO CONTRATO (sugerir) Ivone Pereira

Nº Registo: 2356/20 INTERNO

Lista de Material - Maleta dos Minerais

- Papel A4 (Aprovisionamento)
- Papel etiqueta A4 branca (Aprovisionamento)
- Cartolina branca (Aprovisionamento)
- 10Kg Pasta para modelagem – cor terracota (Compra)
- 10 Kg Pasta para modelagem – cor branca (Compra)
- Vinagre (5 garrafas /aproximadamente 4L) (Aprovisionamento)
- 2 embalagens de Sabonete Liquido (5L) (Aprovisionamento)
- Mochila Escolar 30cmx20cm (Compra)
- 2 blocos de folhas de papel milimétrico (Compra)
- Pen 16/32Gb (Aprovisionamento)

Documento fornecido pela Dra. Ana Serrão museóloga do Centro de Memória

Apêndices

Apêndice A - Amostra de Rochas e minerais - Coleção Colégio S.José Vila do Conde.Fotografia realizada pela autora, durante o período de estágio com uma canon 500 D, sobre um fundo preto com escala.

Granito



Sienito



Diorito



Gabro



Basalto



Corniana



Quartzito



Micaxisto



Ardósia



Xisto



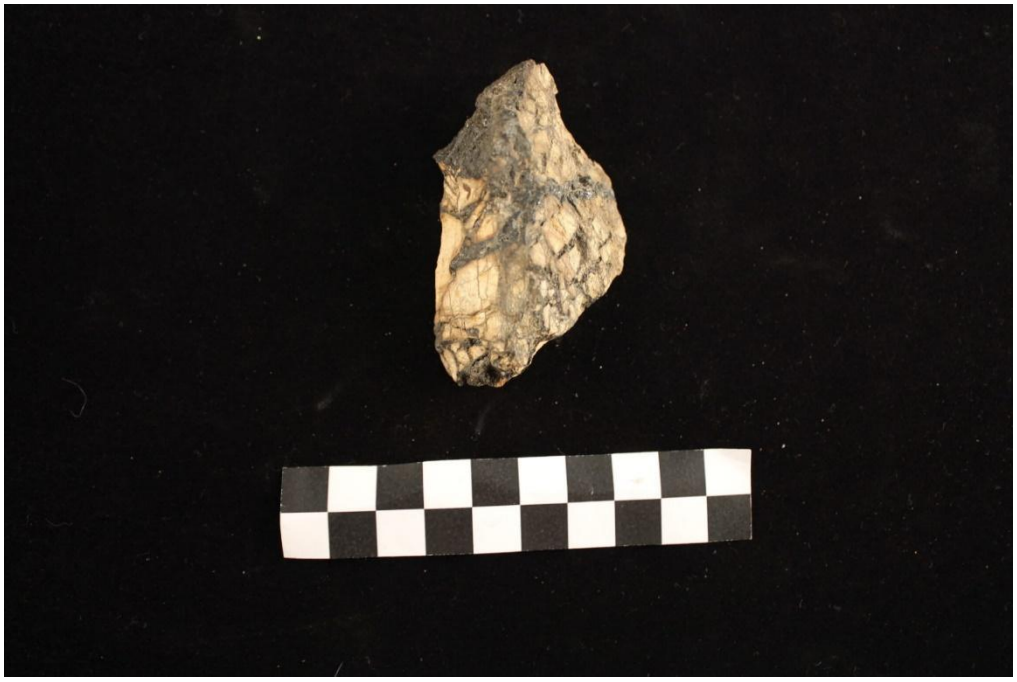
Arnito



Conglumerado Pudim



Conglumerado Brecha



Calcário



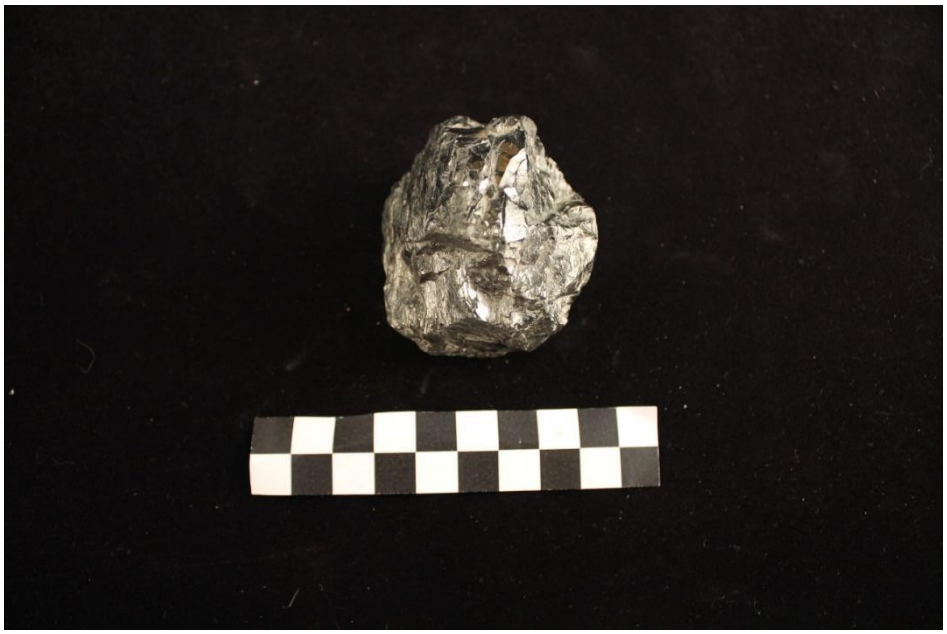
Trufa



Lenite



Antrecite



Calsite



Gesso



Quartzo



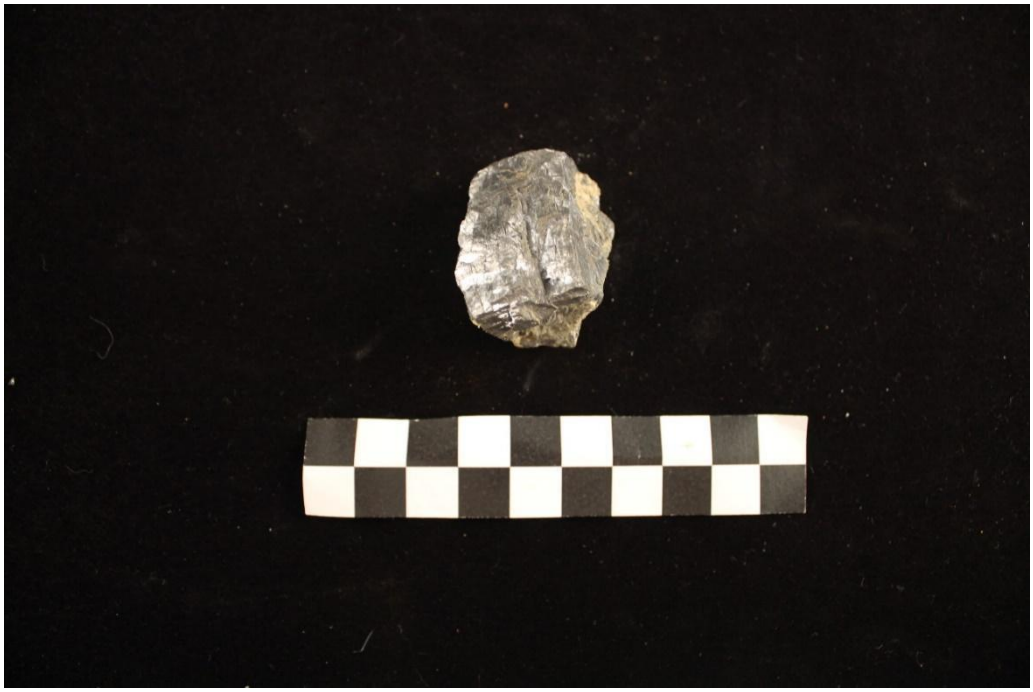
Magenite



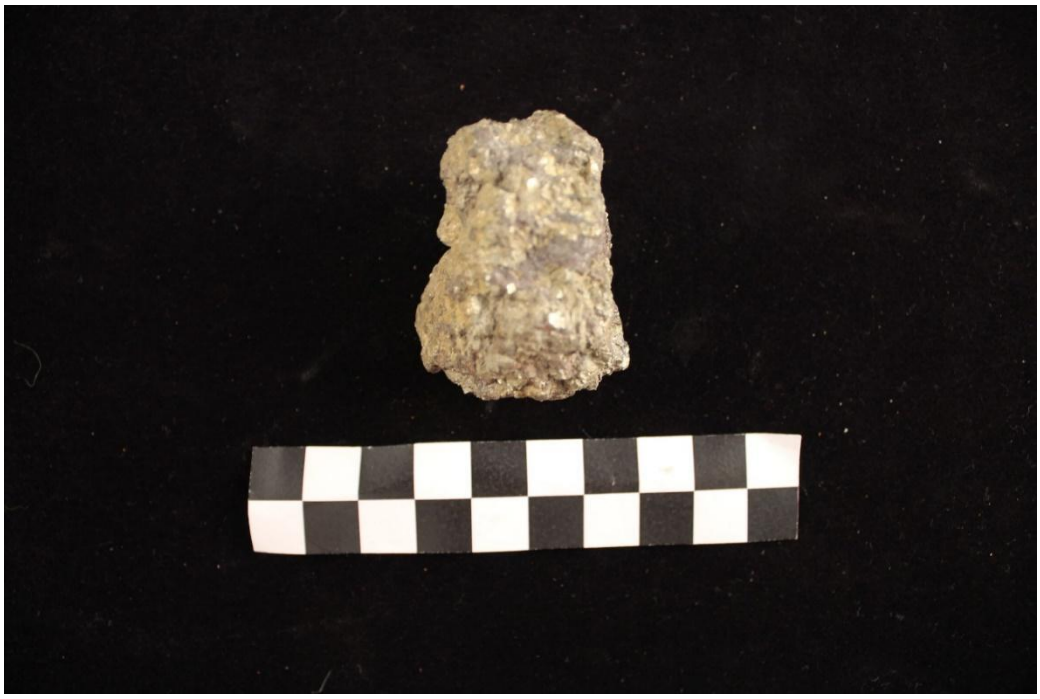
Calcopirite



Galena



Pirite



Trilubite



Turritela



Belenite



Pecopetéris



Amostra total

F

Apêndice B - Proposta da Maleta Régio, documentos e guião.

Proposta maleta pedagógica

No contexto da exposição [re]visitações à Torre de Marfim, inseridas na programação evocativa do 50º da morte de José Régio, propõe-se a criação de uma maleta pedagógica para completar os serviços eductivos.

A maleta terá:

- Guião de 4 actividades
- Poemas e imagens (cópias) do arquivo pertencentes a josé régio
- Mapa da cidade (editado para as actividades)
- Papel
- tinta-da-china
- Uma cópia da curta-metragem de Manoel de Oliveira, As Pinturas do Meu Irmão Júlio
- Linóleo
- Canetas
- Tintas
- Pincéis

Atividades:

1) Nome da atividade: Vila do Conde, a cidade poema.

Sinopse: partindo do poema Romance de Vila do Conde, os participantes são convidados a revisitar os lugares de eleição de José Régio, fazendo a articulação entre poema e imagens fotográficas pertencentes ao arquivo do escritor vilacondense.

Público alvo: 1.º Ciclo

Modalidade de acesso: Gratuito

Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

2) Nome da atividade: Revista de artista.

Sinopse: partindo do manuscrito coletivo – Revista de Baltar, os participantes (organizados em grupos de 4 a 5) são convidados a intervencionar no manuscrito pré-existente, completando-o com poesia, narrativas e anedotas, ou ilustrando-o com desenhos a tinta-da-china.

Público alvo: 2.º Ciclo

Modalidade de acesso: Gratuito

Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP

3) Nome da atividade: Cinema com Régio

Sinopse: partindo da curta-metragem de Manoel de Oliveira, As Pinturas do Meu Irmão Júlio, os participantes são convidados a revisitar a última sala da exposição [re]visitações à Torre de Marfim, dedicada à pintura de Julio, artista plástico irmão de José Régio, recorrendo à técnica de pinhole, seguindo-se a realização de um guião para cinema a partir das pinturas expostas.

Público alvo: 3.º Ciclo

Modalidade de acesso: Gratuito

Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

4) Nome da atividade: O meu mundo em imagens – gravuras de Régio.

Sinopse: partindo da técnica de gravação a linóleo, difundida nas práticas editoriais dos inícios do século XX, os participantes são convidados, a partir das gravuras de livros de José Régio, a conceber uma imagem reproduzindo-a posteriormente a linóleo.

Público alvo: secundário

Modalidade de acesso: Gratuito

Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

Material detalhado:

Atividade 1 – Fotos sobre Kline e texto impresso em grande dimensão

(papel de arquiteto)

Atividade 2 – papel almaço/pardo e tinta-da-china (canetas e pinceis)

Atividade 3 – câmara pinhole, caderno para guião e as pinturas impressas de Júlio

Atividade 4 – Placas de linóleo, placas de impressão, bisturi e lâminas – colaboração especial de Nuno Calçada (arqueologia)

O material resultante das atividades do serviço educativo serão objeto de exposição, a realizar na sala do coche, estando patente a partir do início do 2020.

Estética da maleta pedagógica ideal: Uma mala de viagens antiga.

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP

Guião da maleta Régio

Atividade caderno- novos poemas de deus e do diabo

- Público-alvo: 2.º Ciclo
- Modalidade de acesso: Gratuito
- Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

1. Retirar todos os conteúdos da maleta que tenham o n.º 1
2. Organizar o público em grupos (4-5 grupos)
3. Distribuir cópias dos novos poemas de deus e do diabo
4. Deixar o público contemplar os poemas por 15 minutos
5. Enquanto o público contempla, distribuir os materiais igualitariamente pelos grupos
6. No final perguntar as suas opiniões
7. Sugerir a criação dos seus próprios novos poemas e desenhos
8. Guardar uma amostra para depois colocar na sala do coche.

Atividade: Cinema com Régio

- Público-alvo: 3.º Ciclo
- Modalidade de acesso: Gratuito
- Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

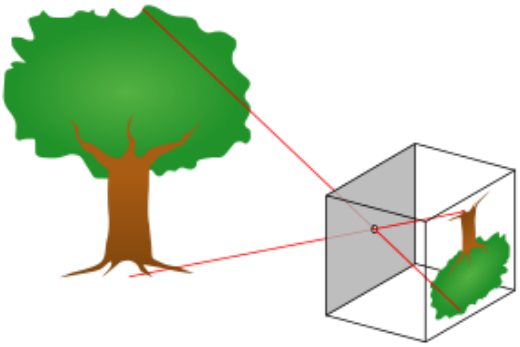
1. Retirar todos os conteúdos da maleta marcados com o nº 2
2. Passar a curta-metragem de Manuel de oliveira, As Pinturas do Meu Irmão Júlio
3. Convidar o público a realizar um guião de cinema baseado em algumas pinturas. Passar as fotocópias das pinturas e deixar o público refletir
4. Dividir o público em grupos (4-5 grupos)
5. Distribuir os cadernos e canetas para escrever o guião. Pedir para colocarem as pinturas por ordem de acordo com os seus guiões
6. Apresentar a técnica de Pinhol (imagem auxiliar passar)

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP

Teoria: uma câmera de Pinhol é uma máquina sem lente que tira fotografias estenopeicas (como se fossem projeções). Este tipo de fotografia é muito simples (pegar na câmara), esta câmara é uma caixa onde a luz entra apenas por este pequeno orifício (apontar para o orifício)

Realização explicação: para projetar as imagens vou ter de colocar a fotografia na ranhura de pernas para o ar e assim a imagem surge (mostrar imagem)

7. Deixar cada grupo construir o seu guião
8. Cada grupo no final deve apresentar o seu trabalho. Deixar alguém do grupo trocar as imagens.
9. Guardar uma amostra para depois colocar na sala do coche.



https://www.google.com/search?q=t%C3%A9cnica+de+Pinhol&sxsrf=ALeKk00zKew24-hmV2WGREkSG3df9-Zz0w:1590771280189&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjt98voxNnpAhV58OAKHcHMDTwQ_AUoAXoECAwQAw#imgrc=0yFQVPEYZcMWrM

Atividade: O meu mundo em imagens – gravuras de Régio.

- Público-alvo: secundário
- Modalidade de acesso: Gratuito
- Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

1. Retirar da maleta todos os elementos marcados com o nº3.
2. Explicar o que é a técnica de gravação a linóleo

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP

Teoria: A técnica consiste em elaborar carimbos utilizando uma base de material sintético – placas de borracha chamadas de linóleo. As placas recebem tinta que fica nas partes com alto-

relevo e sobre pressão será transferida para o papel (enquanto apresenta a teoria demonstre na prática com o molde pré existente)

3. Dividir o material pelo público
4. Deixar o público ser criativo e criar os seus próprios modelos e carimbos.
5. Guardar uma amostra para depois colocar na sala do coche.

Atividade: Coimbra, Portalegre e Vila do Conde as cidades poema.

- Público-alvo: 1.º Ciclo
- Modalidade de acesso: Gratuito
- Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

1. Retirar da maleta todos os elementos marcados com o nº4.
2. Pedir a 3 elementos do público para lerem os poemas sobre as cidades (Coimbra, Portalegre e Vila do Conde)
3. Dividir o grupo em 3, e nomear cidades para cada grupo
4. Numa mesa ou no chão colocar as cópias das fotografias pertencentes ao arquivo do escritor, com elementos de cada cidade e misturar
5. Pedir que cada grupo pegue nas fotografias da cidade que lhe foi selecionada
6. Ver se está tudo certo e corrigir alguma fotografia que esteja na cidade errada
7. Pedir ao grupo para criar uma ordem para as fotografias tendo em conta os poemas e justificar essa escolha
8. Fotografar a ordem para afixar na sala do coche.

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP



ATÉ 7 DE DEZEMBRO

JOSÉ RÉGIO: [RE]VISITAÇÕES À TORRE DE MARFIM

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

VISITAÇÕES
À TORRE DE MARFIM

EXPOSIÇÃO DE POESIA E DESENHO

Resumo

GRUPO DOS SERVIÇOS EDUCATIVOS

O Centro de Memória vem por este meio convidar à visita da nova exposição José Régio: [Re]visitações à Torre de Marfim. Esta pode ser acompanhada com atividades pedagógicas relacionadas com a mesma. Desenvolveu-se um kit, para qualquer tipo de público, com trabalhos manuais, escrita criativa entre outros, que acompanha os significados transmitidos pela exposição, e fornece ao público uma oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos de forma criativa e relaxada.
Estas atividades estão disponíveis até dia 7 de dezembro de 2019.

Atividades disponíveis

-REVISTA ARTISTA
-CINEMA COM RÉGIO
-O MEU MUNDO EM IMAGENS: GRAVURAS DE RÉGIO
-COIMBRA, PORTALEGRE E VILA DO CONDE AS CIDADES POEMA

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP

Documento para seguir com a exposição

U.PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Vila do Conde
Câmara Municipal

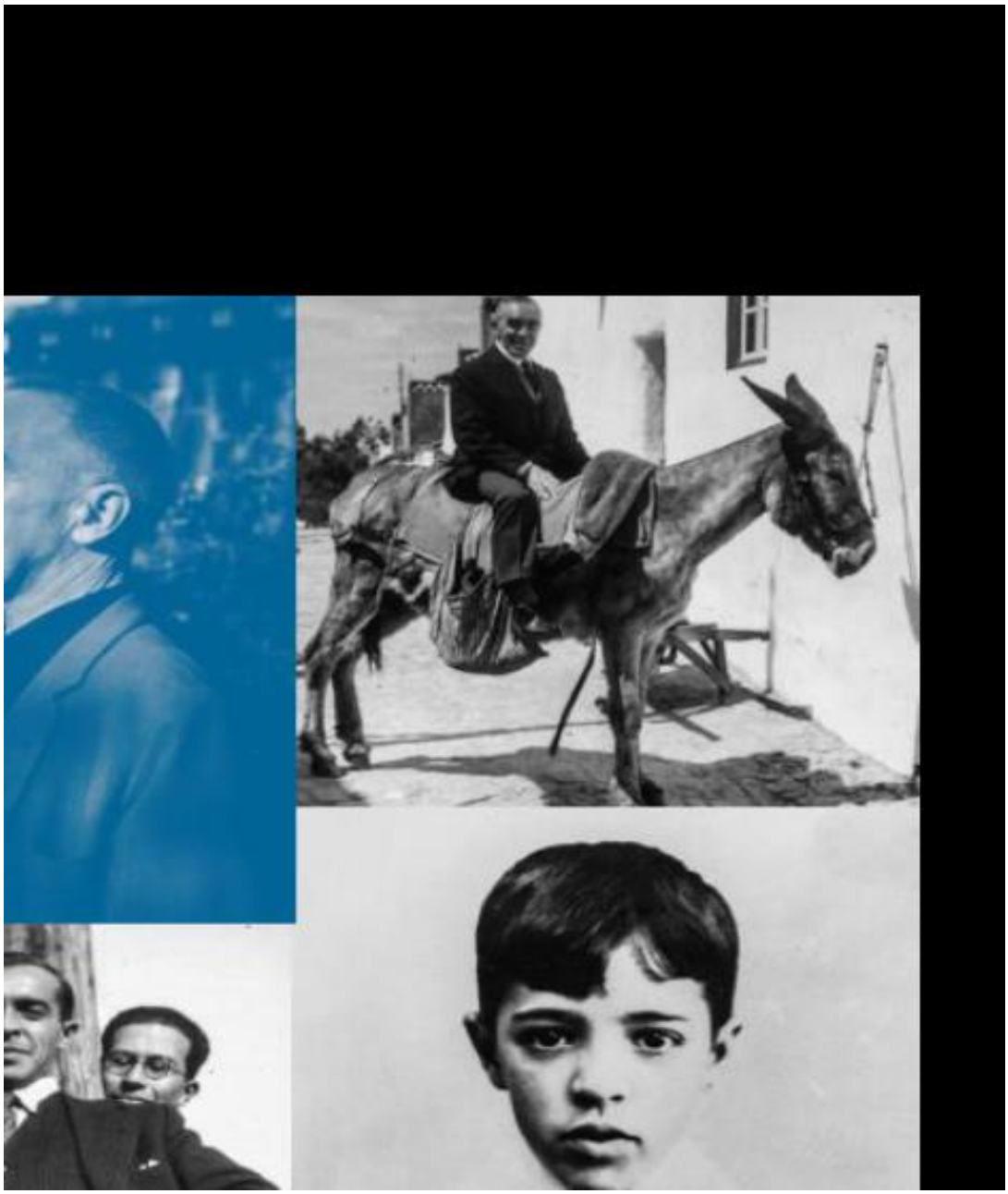
JOSÉ RÉGIO

[RE] VISITAÇÕES

À TORRE DE MARFIM

EXPOSIÇÃO DE POESIA E DESENHO
POETRY AND DRAWING EXHIBITION

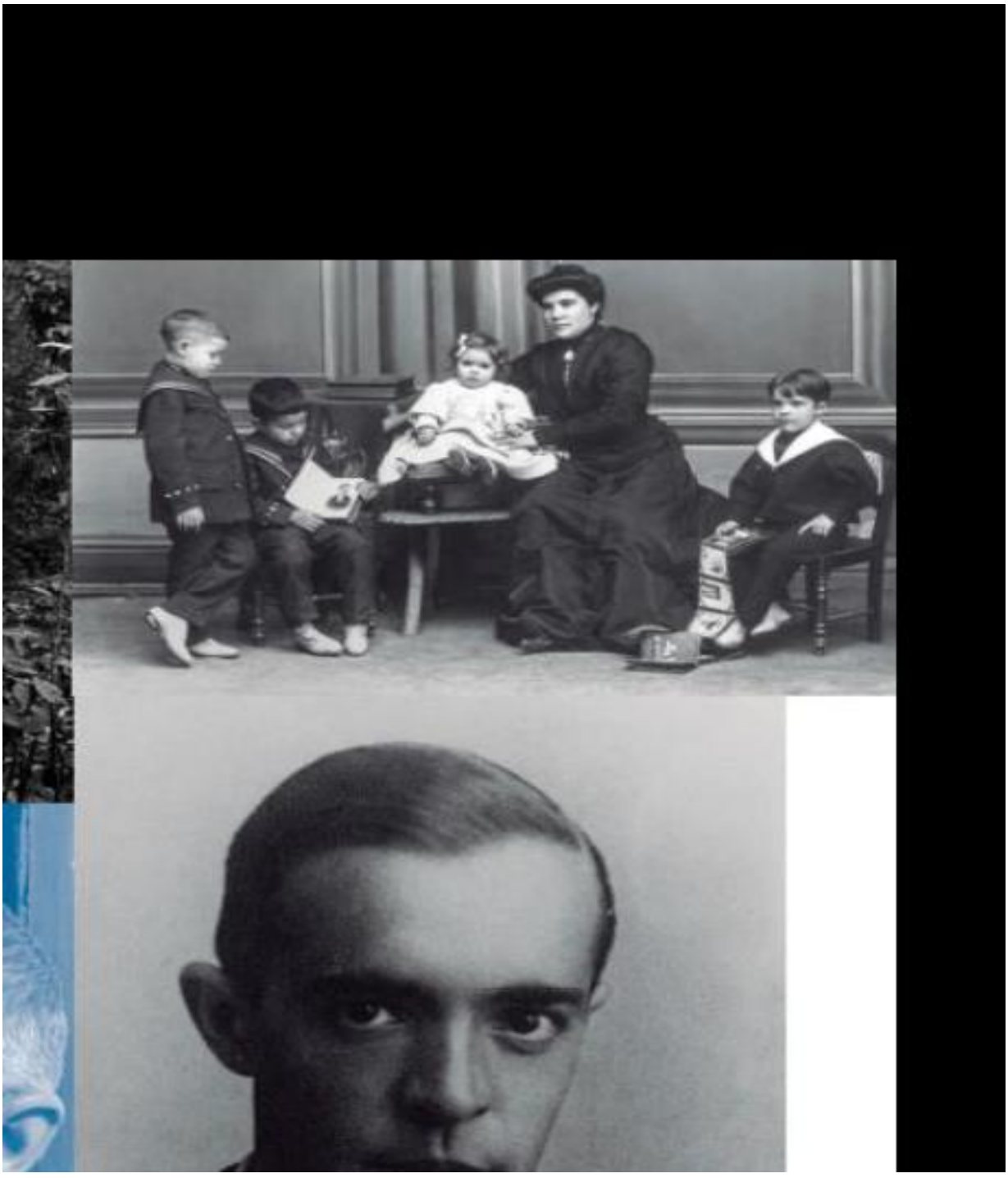
Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO……..……..5
MALETAS PEDAGÓGICAS- MALETA RÉGIO…….. 5
GUIÃO DA MALA RÉGIO ……..……7
ORÇAMENTO E MATERIAIS NECESSÁRIOS……..11

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP



Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP

APRESENTAÇÃO

Na sequência desta exposição, e com a parceria da Universidade do Porto, foi pensada a criação de uma maleta pedagógica para seguir com a mesma.

Devido a diversos fatores apenas uma das atividades foi realizada, sendo a ideia da construção da maleta impossível.

Apesar de não termos conseguido completar/realizar todas as atividades propostas inicialmente achamos que é um trabalho que pode continuar a ser desenvolvido.

Desta forma enviamos o trabalho já desenvolvido como base para a sua continuidade.

il

Ana Carneiro
Estagiária da FLUP

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP



GUIÃO DA MALA RÉGIO

Atividade Revista artista

- Público-alvo: 2.o Ciclo e idosos
- Modalidade de acesso: Gratuito
- Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

1. Retirar todos os conteúdos da maleta que tenham o no 1
2. Organizar o público em grupos (4-5 grupos)
3. Distribuir cópias da revista Baltar :

   Pequena intervenção teórica: Durante as férias de verão passadas em Baltar, na casa da avó paterna, José Régio organiza e escreve, juntamente com o irmão Júlio e o primo António, a revista Baltar. Um caderno manuscrito com pequenas histórias, passatempos e desenhos. Neste demonstra já aos 13 anos uma grande capacidade crítica e interpretativa
4. Deixar o público contemplar a revista por 15 minutos
5. Enquanto o público contempla, distribuir os materiais igualitariamente pelos Grupos

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP

6. Sugerir a criação de uma revista como a Baltar, onde podem colocar poemas, anedotas, ilustrações utilizando tinta-da-china.

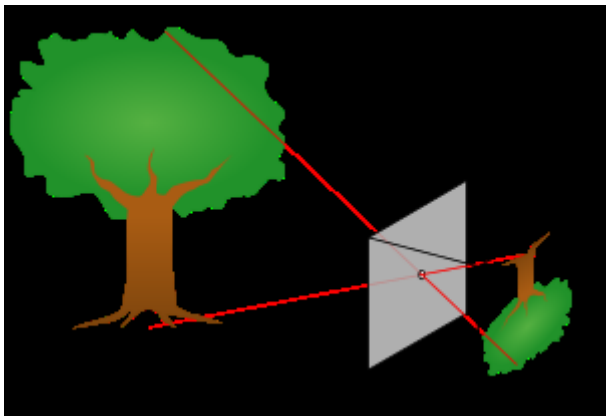
7. Guardar uma amostra para expor.

Atividade: Cinema com Régio

- Público-alvo: 3.º Ciclo
- Modalidade de acesso: Gratuito
- Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

1. Retirar todos os conteúdos da maleta marcados com o nº 2
2. Passar a curta-metragem de Manuel de oliveira, As Pinturas do Meu Irmão Júlio
3. Convidar o público a realizar um guião de cinema baseado em algumas pinturas. Passar as fotocópias das pinturas e deixar o público refletir
4. Dividir o público em grupos (4-5 grupos)
5. Distribuir os cadernos e canetas para escrever o guião. Pedir para colocarem as pinturas por ordem de acordo com os seus guiões
6. Apresentar a técnica de Pinhol (imagem auxiliar passar)
Teoria: uma câmera de Pinhol é uma máquina sem lente que tira fotografias estenopeicas (como se fossem projeções).Este tipo de fotografia é muito simples (pegar na câmara), esta câmara é uma caixa onde a luz entra apenas por este pequeno orifício (apontar para o orifício)
Realização explicação : para projetar as imagens vou ter de colocar a fotografia na ranhura de pernas para o ar e assim a imagem surge (mostrar imagem)
7. Deixar cada grupo construir o seu guião
8. Cada grupo no final deve apresentar o seu trabalho. Deixar alguém do grupo trocar as imagens.
9. Guardar uma amostra para depois expor.

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP



Atividade: O meu mundo em imagens – gravuras de Régio.

- Público-alvo: secundário
- Modalidade de acesso: Gratuito
- Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

1. Retirar da maleta todos os elementos marcados com o nº3.
2. Explicar o que é a técnica de gravação a linóleo Teoria: A técnica consiste em elaborar carimbos utilizando uma base de material sintético – placas de borracha chamadas de linóleo. As placas recebem tinta que fica nas partes com alto-relevo e sobre pressão será transferida para o papel (enquanto apresenta a teoria demonstre na prática com o molde pré existente)
3. Dividir o material pelo público
4. Deixar o público ser criativo e criar os seus próprios modelos e carimbos.
5. Guardar uma amostra para depois expor.

Atividade: Coimbra, Portalegre e Vila do Conde as cidades poema.

- Público-alvo: 1.º Ciclo
- Modalidade de acesso: Gratuito
- Lotação: 15 a 30 participantes (2 a 4 monitores).

1. Retirar da maleta todos os elementos marcados com o nº4.
2. Pedir a 3 elementos do público para lerem os poemas sobre as cidades (Coimbra, Portalegre e Vila do Conde)
3. Dividir o grupo em 3, e nomear cidades para cada grupo
4. Numa mesa ou no chão colocar as cópias das fotografias pertencentes ao arquivo do escritor, com elementos de cada cidade e misturar
5. Pedir que cada grupo pegue nas fotografias da cidade que lhe foi selecionada
6. Ver se está tudo certo e corrigir alguma fotografia que esteja na cidade errada
7. Pedir ao grupo para criar uma ordem para as fotografias tendo em conta os poemas e justificar essa escolha
8. Fotografar a ordem para imprimir e expor.

ORÇAMENTO E MATERIAIS NECESSÁRIOS

Atividade 1

Materiais: Fotos sobre Kline e texto impresso em grande dimensão

(papel de arquiteto)

- K-Line 3mm Branco- Tamanho: A4 - 3mm 0,38 € (folha)- Mais ou menos 10 imagens= 3.80 23Z29329 :Envelope Papel Vegetal Transparente 92gr 170x170 Pala Recta com Silicone Pack25Venda Multiplos: 1 unid (10.49 euros)-

Total : 14.29 euros

Atividade 2

Materiais: – papel almaço/pardo e tinta-da-china (canetas e pincéis)

- Papel de almaço: Caderno Papel Almaco 320x220mm Liso 5 Folhas Branco / Papéis - 1,25€: 30 folhas = 6 blocos =7.50 euros-
- Artist Tinta China Artist Preta Frasco De 60 Ml = 1.05 euros: 6 potes = 6,30 euros-
- Caneta Aparo Para Tinta da China VIARCO: 1 = 0.60 euros- 30 = 18 euros-

Total : 31.80 euros

Atividade 3

Materiais- câmara pinhole, caderno para guião e as pinturas impressas

de Julio

- DIANA MULTI PINHOLE OPERATOR (**câmara pinhole) = 49 euros**
- CADERNO A5 LISO- 0.88 euros = 5 cadernos =4,40 euros-
- Canetas: edding Caneta com Ponta de Fibra 1200, Ponta Arredondada, Corpo Preto, Tinta Preta 0.77 cada = 5 = 3,87 €-

Total: 57,27 euros

Atividade 4

Placas de linóleo, placas de impressão, bisturi e lâminas

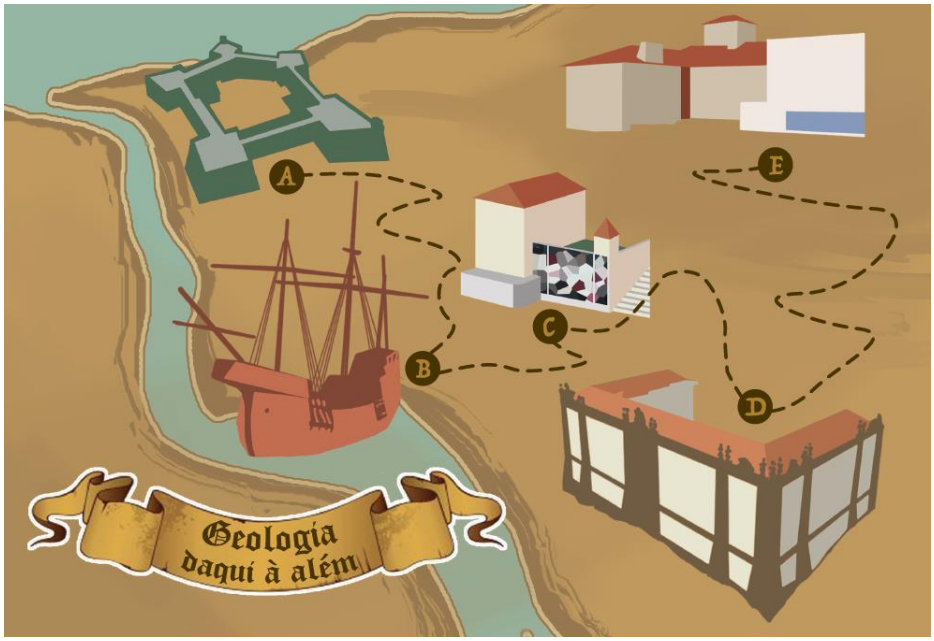
- Placas de linóleo - Tamanho: 10,5 x 14,8cm (1 euro cada)- 30 =30 euros-
- Placas de impressão - Placa PVC Alveolar Branco 50X50cm/2,5mm- 1.99 cada (cortar)= 15 placas = 29,85 euros-
- Bisturi corysan n-21 = uma unidade 0.56 euros = 30 unidades = 16.80 euros-
- Lâminas de Bisturi - Caixa com 100 unidades - Lâmina 11 = €12.90.

Total: 89,55”

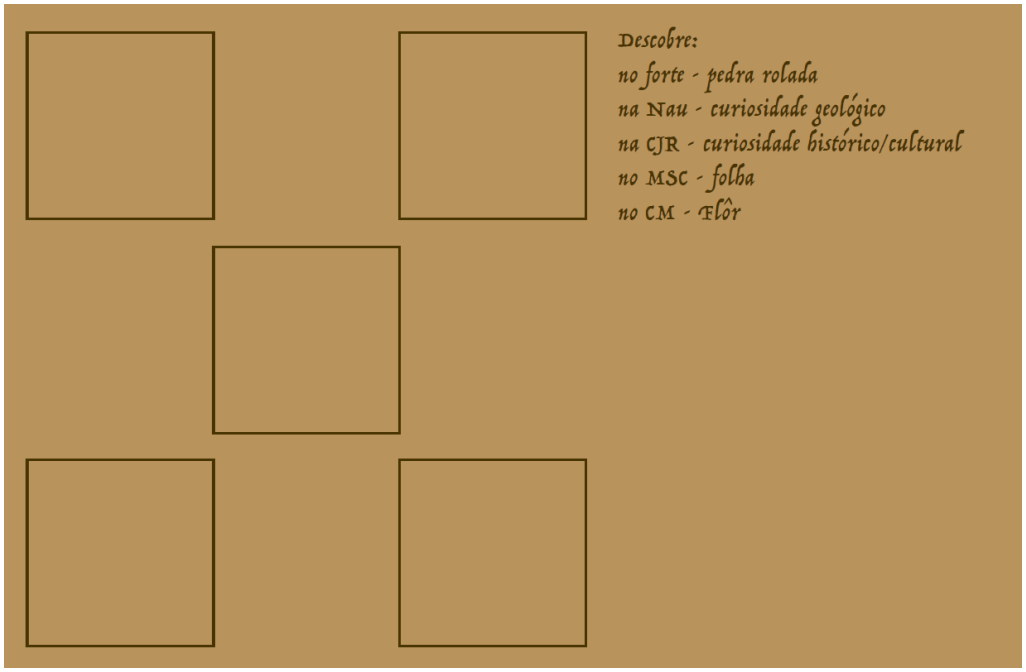
Apêndice C- Mapas e cromos da maleta “aventureiros da vila geologia” **.**

Figuras da autora e de Nuno Calçada

Mapa “Geologia daqui além”



Mapa “Geologia daqui além” Verso



Cromos











Apêndice D- Relatórios Semanais

2019-20

MESTRADO EM MUSEOLOGIA

ORIENTAÇÕES 2º ano /Alice Semedo

U.PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Relatórios semanais				
	Semana	Atividades desenvolvidas	Bibliografia explorada	Tarefas concluídas
1	23.set-2	· Reunião com a orientadora e co orientador: Apresentação do grupo de estudo, e apresentação do tema do meu estágio. * Foco num novo tema – maletas pedagógicas · Seminário I : * Orientação para a turma inteira; * Palestra sobre como abordar temas sensíveis; * Mesa redonda sobre materiais sensíveis – Brasil, Espanha, Portugal. Recolha de referências sobre maletas pedagógicas	(Araújo & Matos, 2019),(de Vasconcelos, 2007), (Duarte & Victor, 1996),(Ferreira, 2009),(Barros, 2007), (Barros, 2008),(de Souza & Freitas, 2011), (Chaves & Cidades, 2018), (Domínguez & Toro, 2015),(Dias, 2017),(Bueno, 2016), (Gonzáles & Barros, 2000), (Rubio, 2001), (Domínguez, 2017), (de Andrade & de Oliveira Machado, 2014), (Delicado, 2004),(PERDER), (Seixas & Fernandes, 2012), (do Oprimido), (Romeu & Romeu, 2015), (M. R. Rodrigues, Ferrete, & Martins), (Moutinho & Ferreira, 2007), (Abreu, Alves, Dias, Gillain, & Pinto, 2018), (Azevedo, 2009), (Simiano), (Aguiar Medina & Triviño Bravo, 2015), (Müller, 2019), (de Jesus Almeida, 2016), (Xavier, 2013), (Sarreira, Valente, & Maurício), (Anciães, 1996),(Nunes), (Álvarez Domínguez, Núñez Gil, & Rebollo Espinosa, 2012), (C. Rodrigues), (Lopes, 1991), (Domínguez, 2013)	-Leitura de algumas das referências na totalidade e outras parcialmente - Início do meu plano de trabalho.
2	30 set-6	- relatório semanal da primeira semana - organização das referências e pastas do computador - reunião com a doutora Ivone - continuação do plano de trabalho	(MARQUES, 2008) (Camara Municipal, n/d) (Barriga & Silva, 2007) (Coles & McGrath, 2010) (Santos Calado & Reis Ferreira)	- marcação do horário de estágio -plano de trabalho: (local, resumo e área científica)
3	7 out- 1	- fim do primeiro plano de trabalho	Pereira, A. C. V. (2015). Avaliação das práticas	montagem da exposição

		- primeira orientação - começo do estágio : =integração na equipa =montagem da exposição josé régio [RE]visitações à torre de marfim- nivelar os quadros, colagem das legendas, limpeza das marcações na parede - Começo do novo plano de trabalho reformulado - início da criação de uma maleta para a exposição já mencionada	de mediaç ão cultural: o caso do Museu Casa d Semedo, A. (não publicado) . Vol. 1. MUSEU. Educação. Princípios e estratégias para uma política de edu-cação do Museu da Cidade / Porto. (CMP e CITCEM/FLUP ed.).	
4	14-20 ou	-finalização do plano da maleta -reunião com a doutora ivone sobre a maleta -desenvolvimento do orçamento - guião para a maleta - visita à exposição do régio -reunião com a dr ivone e com a coordenadora do arquivo municipal e responsável pelo edifício -desenvolvimento da 1ª actividade da maleta régio - reunião com os educadores (aparentemente sou a coordenadora dos serviços educativos durante a exposição do régio) -orçamento e newsletter para a doutora ivone	ARIGHO, Bernie (2008) - Getting a Handle on the Past: The Use of Objects in Reminiscence Work. In CHATTERJEE, Helen – Touch in Museums: Policy and Practice in Object Handling. UK: Helen Chatterjee Ed. ISBN 978 1 84778 239 4 (Cloth); ISBN 978 1 84778 239 7 (Paper) CHATTERJEE, Helen J. (2008-a) – Staying Essential: Articulating the Value of Object Based Learning. [Em linha]. University, Museum and Collections Journal, 1. [Consult em 22 ago. 2015]. Disponível na WWW:URL:www.ucl.ac.uk/musem /research/object-based-learning-research/ FALK, John H; Dierking, Lynn (2000) – Learning from Museums: Visitors Experience and the making of meaning. USA: AltaMira Press. ISBN 0-7425-0295-3.	desenvolvimento da maleta régio

5	20out-2(	- estudo bibliográfico reunião com a orientadora - legendas para o catálogo do régio	museum educator handbook Atas da VII conferência Internacional Investigação, Instituto Politécnico de Leiria cas e contextos em educação:	Legendas dos quadros
6	17out - 2n	-Acompanhamento e participação n informativa/temática sobre a construção naval na Escola Fre utilização de uma maleta já existente no museu. - Legendagem para o catálogo do Régio - Primeira actividade utilizando a maleta tes workshop vida e arte: Hino à vida. (arte) -Exposição das ilustrações da actividade n coche .	————	- legendas dos textos e cartas do regio
	3- 9 nov	estive doente	————	————--
8	10-16 nov	realização dos capítulos introdutórios	-Braga, A. M. D. S. (2019). *O papel educativo do Museu de Olaria e o seu contributo para a educação artística: reflexões sobre estratégias de sensibilização e valorização de uma arte identitária de Barcelos* (Master's thesis). -Martin, A. J., Durksen, T. L., Williamson, D., Kiss, J., & Ginns, P. (2016). The role of a museum-based science education program in promoting content knowledge and science motivation. *Journal of Research in Science Teaching*, *53*(9), 1364-1384. Dewhurst, M., & Hendrick, K. (2016). Dismantling racism in museum education. *Journal of Folklore and Education*, *3*, 25-30. .CABANAS, (2002)	-Problemática teórica - Importância dos educativos -Malas pedagógicas -Definições e casos

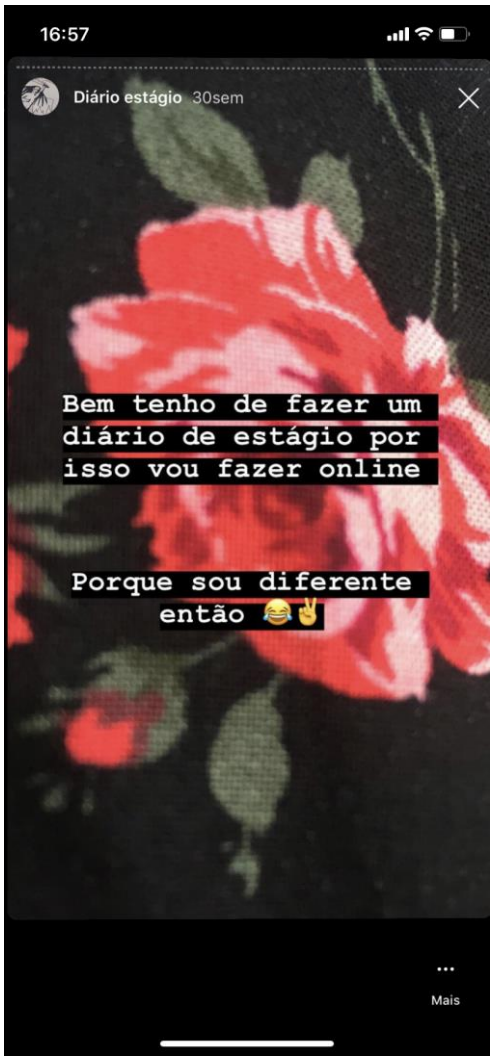
	17-23 nov	Continuação dos capítulos	------	- Vantagens e desvantagens - ppt para apresentação do plano de estágio
0	24-30 nov	-minuta e processos relacionados com a m -palestra no museu ferroviário	----------	----------
1	- 7 de dez	- desenho da maleta -proposta educativa para a exposição régio enviada para portalegre (ver pasta da maleta) - "envelopar" convites para a exposição dezembro na biblioteca - entrei em contacto com muitos carpinteir c construção da maleta - Sábado inauguração do catálogo, fiz reces	--------	Os convites foram todos enviados A proposta foi para a exposição de portalegre foi entregue
2	-14	Desmontar a exposição que ocupou a inteira		
3	5-21	Construção do mapa para a caça ao tesour escrevi os seguintes pontos na tese : - Os objetos e as suas dimensões - Aprender com objetos	Schultz, L. (2018). Object-based learning, or learning from objects in the anthropology museum. *Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies*, *40*(4), 282-304.	
5	2-1	Férias de natal e ano novo		
6	-3	Pedido dos materiais para a maleta	Zaina, L., Bressan, G., Cardieri, M. A. A. C., & Rodrigues Júnior, J. F. (2012). e-lors: Uma abordagem	

			para recomendação de objetos de aprendizagem. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, *20*(1), 04. Marandino, M. (2005). Museus de ciências como espaços de educação. *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum*, 165-176. De Marchi, A. C. B., & da Silva, F. B. (2004). O Desenvolvimento de Objetos de Aprendizagem no Museu Zoobotânico Augusto Ruschi. *RENOTE*, *2*(2). Eberbach, C., & Crowley, K. (2005). From living to virtual: Learning from museum objects. *Curator: The museum journal*, *48*(3), 317-338. Chatterjee, H. J. (2011). Object-based learning in higher education: The pedagogical power of museums. Leinhardt, G., Crowley, K., & Knutson, K. (Eds.). (2003). *Learning conversations in museums*. Taylor & Francis. Leinhardt, G., & Crowley, K. (2002). Objects of learning, objects of talk: Changing minds in museums. Perspectives on object-centered learning in museums, 301-324. Murphy, M. P., & Rose, D. (2019). Curator's curiosities: Active learning as interpretive pedagogy. *Journal of Museum Education*, *44*(1), 81-88. Jant, E. A., Haden, C. A., Uttal, D. H., & Babcock, E. (2014). Conversation and object	

			manipulation influence children's learning in a museum. *Child development*, *85*(5), 2029-2045.	
7	-10	- organização do cofre : primeiras e José Régio; Livros com dedicatória e sem dedicatória	……..	tarefa terminada
8	3-17	-Organização do cofre : das gavetas pr - Ponto das actividades realizadas no n -Etiquetas para as gavetas do cofre -Pesquisa de referências Marketing c museus para a Dr. Ana Serrão		
9	0-24	-Introdução da tese (um parágrafo) - Revisão do que foi escrito - referências do primeiro capítulo da te - Lista de todas as bibliotecas municipa doutora Arminda - dobrar brochuras para o museu d conde, para o museu de rend circuito cultural de vila de conde		
0/21/2	26-14	capítulos		

Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP

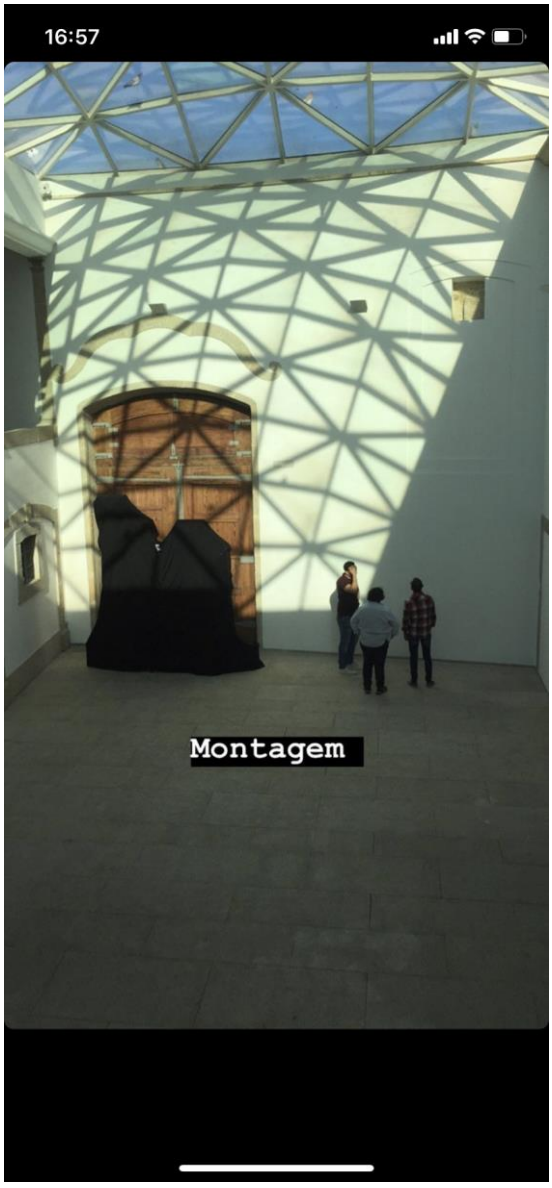
Apêndice E - Instagram Histórias





Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP



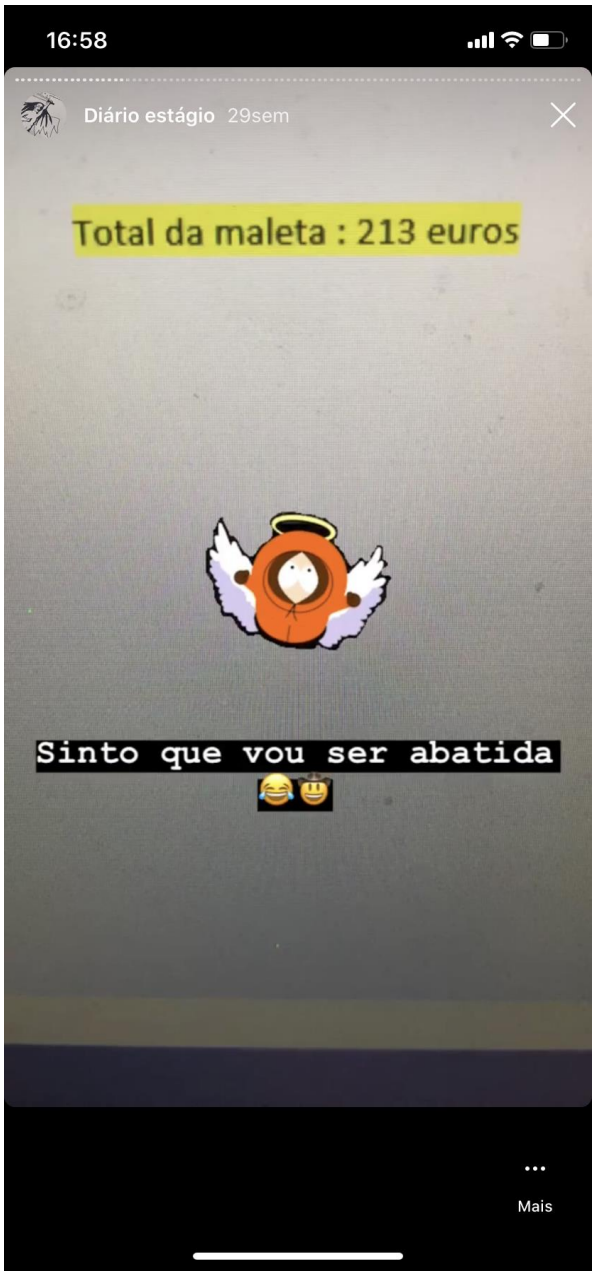


Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP



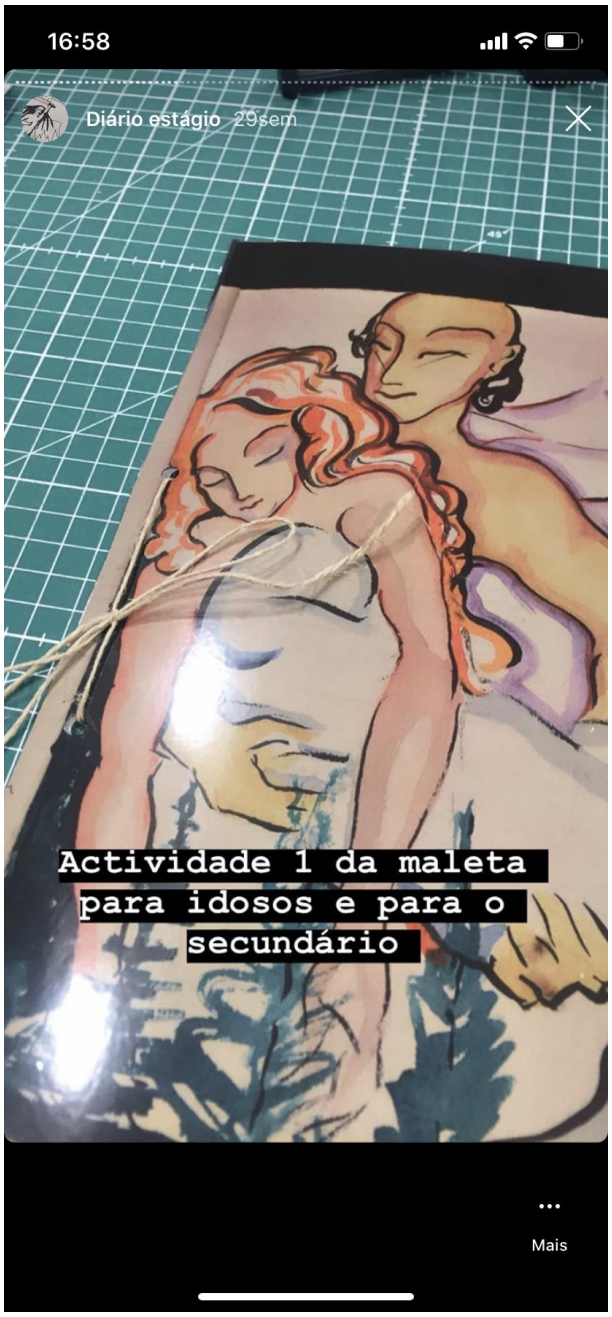


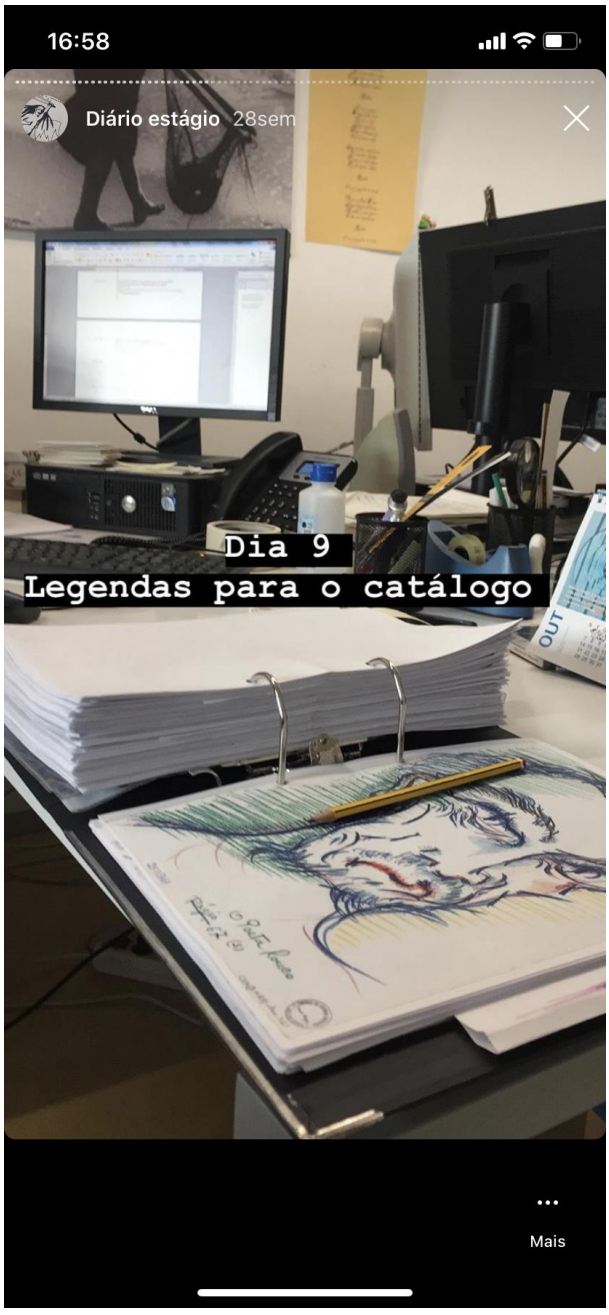
Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP





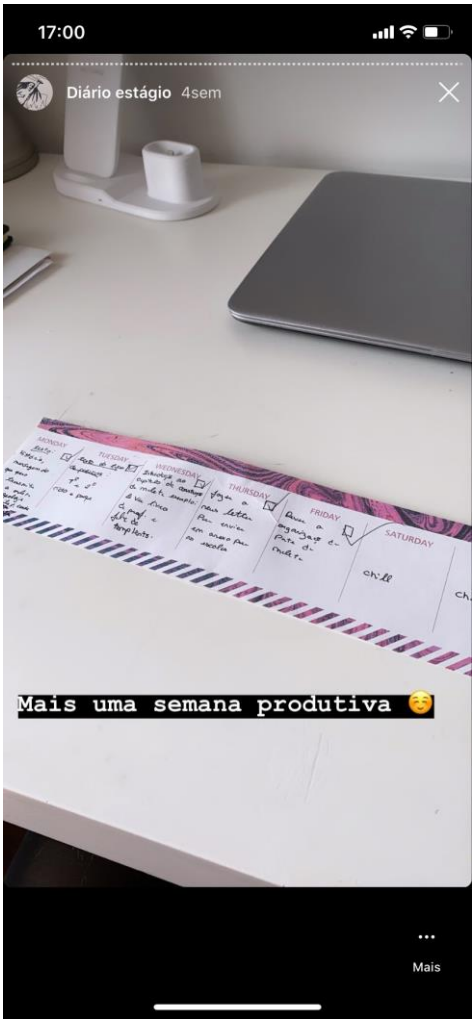
Ana Rita Pimenta Carneiro, Mestrado de Museologia FLUP


16:58
Diário estágio 29sem
Actividade 1 da maleta para idosos e para o secundário
Mais


16:58
Diário estágio 28sem
Dia 9
Legendas para o catálogo
Mais

Apêndice F - Reflexão Covid 19

Com o surgimento da pandemia, alguns dos procedimentos para terminar o estágio curricular, e subsequentemente este relatório, foram alterados. Por sorte, as 400 horas obrigatórias do estágio já tinham terminado. Mas o projeto da maleta pedagógica ainda estava por terminar, o que causou alguma preocupação. Em especial tendo em conta as regras de distanciamento social. A ideia de experimentar a maleta em campo tornou-se impossível.



Já em casa, todo o esquema do relatório teve de ser alterado. Visto que a maleta não estava construída e seria pena deixar o projeto a meio. Por isso, este relatório foi pensado para também auxiliar os funcionários dos serviços educativos do Centro de Memória a terminar a maleta.



Visto que não era possível criar um capítulo dedicado à aplicação do dispositivo em campo o relatório teve grande foco na parte teórica e justificação dos passos para o desenvolvimento do kit. Assim como a extensão do capítulo sobre as tarefas desenvolvidas ao longo do estágio fora do contexto das maletas pedagógicas.

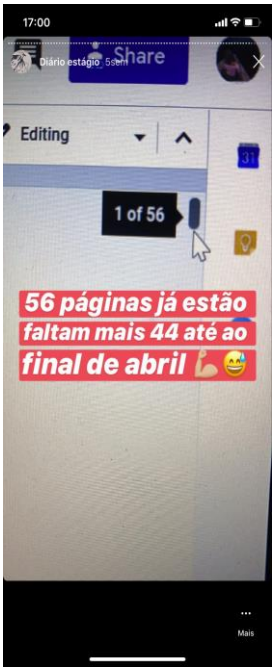
Apesar da pandemia ter sido um momento complicado para todos foi também um momento

ótimo para escrever o relatório. Foi possível terminar muito mais cedo e com menos pressão todos os textos que o compuseram.

Para conseguir este "feito" foi necessário um horário organizado, algo complicado com a situação. Mas com a ajuda de um planeador e seguindo uma rotina com o passar do tempo tornou-me mais fácil. Algo que ajudou muito foi criar metas diárias e objetivos. Por exemplo num dia tinha que escrever 5 páginas ou tinha que desenvolver um texto sobre um tópico específico.



Outro fator importante para ter conseguido desenvolver tanto trabalho durante a quarentena foi a utilização das novas tecnologias como o whatsapp e o google drive. Sempre que tinha dúvidas enviava uma mensagem à Professora Alice Semedo ou marcamos uma orientação via chat. E como todo o relatório estava na plataforma do google drive a professora podia corrigir e comentar ao mesmo tempo que eu trabalhava.



Por fim, ter outros hobbies além de trabalhar foram importantes. Coisas simples como tentar criar uma rotina de exercício (falhada), comer mais saudável (falou também), virar mestre pasteleira (definitivamente não) entre outros. Estas quebras na rotina apesar de não serem sustentáveis nem permanentes ajudaram muito a ter uma certa normalidade. Julgo que como muitos experimentei coisas que nunca tinha feito, aprendi algumas coisas novas, desisti de muitas receitas e engordei uns

bons 4 kilos. Mas por outro lado terminei o relatório de estágio sem grande stress nem ansiedade. Algo que seria quase impossível se não fosse pela pandemia.